DANIELA CRISTIANE OTA

**A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA EM RÁDIOS DE
FRONTEIRA: A QUESTÃO DA BINACIONALIDADE EM
PONTA PORÃ-PEDRO JUAN CABALLERO E
CORUMBÁ-PUERTO QUIJARRO**

**Universidade de São Paulo
Julho/2006**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

Daniela Cristiane Ota

**A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA EM RÁDIOS DE
FRONTEIRA: A QUESTÃO DA BINACIONALIDADE EM
PONTA PORÃ-PEDRO JUAN CABALLERO E
CORUMBÁ-PUERTO QUIJARRO**

Tese apresentada como exigência parcial da Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, no Departamento de Jornalismo e Editoração, na área de concentração Interfaces Sociais da Comunicação, sob orientação da Prof^a Dr^a Elizabeth Saad Corrêa.

São Paulo, julho/2006

"AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE".

O87i Ota, Daniela Cristiane

A informação jornalística em rádios de fronteira : a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro / Daniela Cristiane Ota ; orientadora Elizabeth Nicolau Saad Corrêa. – São Paulo, 2006.

246 f.

Tese – (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes, 2006.

Inclui bibliografia

1. Rádio. 2. Emissoras binacionais. 3. Produção de textos. 4. Análise do discurso. 5. Fronteiras. 6. Identidade. 7. Comunicação e cultura. 8. Comunidades fronteiriças. I. Corrêa, Elizabeth Nicolau Saad. II. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. III. Título.

CDU: 007

Catálogo na fonte por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese “A Informação Jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro. Um estudo exploratório das emissoras Cero Corá e FM Melodia, realizada por Daniela Cristiane Ota, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação, foi, em/...../2006, pela Banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Elizabeth Saad Corrêa (Orientadora)

Prof. (a) Dr. (a)

Prof. (a) Dr. (a)

Prof. (a) Dr. (a)

Prof. (a) Dr. (a)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha mãe, Luiza Misae Ota,
e aos meus irmãos e cunhadas pelo
incentivo, apoio e solidariedade.

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese dependeu da colaboração de muitas pessoas e por isso agradeço pela atenção e dedicação. Agradeço a minha primeira orientadora, prof^a Gisela Swetlana Ortriwano, que apesar do curto convívio me inspirou a pesquisar sobre o rádio e as questões regionais.

Agradeço também a minha orientadora prof^a Elizabeth Saad Corrêa pela confiança e pela orientação precisa de todas as horas. Pelas colaborações sempre pontuais, pelo convívio agradável e de amizade durante o desenvolvimento da tese. Agradeço ao funcionário da USP, Paulo César Bontempi, sempre cordial e solidário com relação aos muitos deslocamentos entre Campo Grande e São Paulo.

A todos os empresários, locutores e amigos que moram em Ponta Porã (Cláudia Ferreira) e Corumbá (Jacklin Andreucce), que me apresentaram aos profissionais do rádio. Em especial, agradeço a Ednilson Ramão Vilhalba (Ed Moreno) que me acompanhou em todas as rádios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Somente com essa preciosa ajuda e voto de confiança foi possível ter acesso aos dados e às principais fontes da pesquisa. Em especial, agradeço a Ivelyn Santos e Raul Montenegro da FM Melodia e a Floriano Coronel e Aleixo Alves da Cero Corá FM, locutores dos programas analisados na tese.

A amiga Maria José Baldessar, pela amizade, companheirismo e pelos vários lembretes sobre os itens burocráticos da tese. A Sheila Train, Janine Gonzalez, Juliana Seki e Cláudia Zwarg, pelas leituras, ombro amigo e ajuda na correção. A Regina Frias pela amizade e pela colaboração na revisão metodológica. A minha família e a todos os amigos e colegas de trabalho da UFMS por entenderem as ausências e me incentivarem sempre.

RESUMO

OTA, Daniela Cristiane. **A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA EM RÁDIOS DE FRONTEIRA: A QUESTÃO DA BINACIONALIDADE EM PONTA PORÃ-PEDRO JUAN CABALLERO E CORUMBÁ-PUERTO QUIJARRO. 2006, 246 f. Tese (Doutorado).** Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo analisar os conteúdos jornalísticos das rádios Cero Corá e FM Melodia e verificar se o meio, que atua como instrumento de divulgação, representa de forma simbólica a cultura e a identidade das comunidades fronteiriças. A análise foi desenvolvida na fronteira de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, e a seleção dos objetos de pesquisa, a saber, as rádios de fronteira, teve como fundamento o fato de caracterizarem-se as emissoras como binacionais. Por ser uma região limítrofe do Brasil, onde não existem barreiras geográficas, caracterizada pela conformação de fronteira seca, os municípios sul-mato-grossenses e paraguaio e boliviano representam uma área peculiar para pesquisa, uma vez que os intercâmbios entre as comunidades são cotidianos. Sendo assim, pretende-se identificar se os discursos e as vivências da população que mora na fronteira estão presentes nos relatos das emissoras radiofônicas.

Palavras-chave: rádio, emissoras binacionais, conteúdo jornalístico, produção jornalística, fronteira, cultura, identidade, comunidades fronteiriças.

ABSTRACT

OTA, Daniela Cristiane. **The journalistic information in border radios: the inquiry of the binationality in Ponta-Porã - Pedro Juan Caballero and Corumbá-Puerto Quijarro. 2006, 246 f. Tese (Doutorado).** Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

The research aimed at analyzing the journalistic content of Cerro Cora and FM Melodia radio stations and certifying that the medium represents in a symbolic manner the culture and identity of the neighbouring communities. The analysis took place on the borders of Ponta Porã-Juan Caballero and Corumbá-Puerto Quijarro and the choice of the research objects, i.e. the neighbouring communities' radio stations, happened thanks to their binational characteristic. Since it is a borderline region of Brazil, with countries separated by land borders and with no actual barriers between them, the exchange between communities is common-place and thus such municipalities of Mato Grosso do Sul, Paraguay and Bolivia are very peculiar subjects to research. Hence, the goal here is to identify whether the language and experiences of the population of the borders are present in the broadcast of the radio stations.

Key-words: radio, binational radio stations, journalistic content, journalistic produce, borders, culture, identity, neighbouring communities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da linha da fronteira em MS e no detalhe mapa do Estado

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Emissoras dos municípios da fronteira de MS

Tabela 02 - Emissoras em Corumbá-Puerto Quijarro

Tabela 03 - Emissoras em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

Tabela 4 – Categorização Ponta Porã –Pedro Juan Caballero (PP-PJC)

Tabela 5 - Categorização Corumbá-Puerto Quijarro (CO-PQ)

Tabela 6 – Categorização Festival América do Sul (PP-PJC)

Tabela 7 – Categorização Dia de Combate às drogas (PP-PJC)

Tabela 8 – Categorização Febre Aftosa (PP-PJC)

Tabela 9 – Categorização Nacionalização do gás e do petróleo (PP-PJC)

Tabela 10 – Categorização Festival América do Sul (CO-PQ)

Tabela 11 – Categorização Dia de Combate às drogas (CO-PQ)

Tabela 12 – Categorização Febre Aftosa (CO-PQ)

Tabela 13 – Categorização Nacionalização do gás e do petróleo (CO-PQ)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O EU E O OUTRO NO CONTEXTO DA FRONTEIRA	22
2.1. Fronteira como espaço de negociação, de tensão e do nós da região	34
2.2 Produção jornalística na fronteira – um caso singular	42
3. RÁDIO UM PANORAMA HISTÓRICO E SOCIAL	53
3.1. Rádio na fronteira de Mato Grosso do Sul	62
3.2 Rádios em Corumbá-Puerto Quijarro	70
3.2.1 Rádio Difusora Matogrossense	73
3.2.2 Rádio Clube de Corumbá	74
3.2.3 FM Cidade (Rádio Bandeirantes)	75
3.2.4 Rádio Líder (Transamérica Hits)	76
3.2.5 Rádio Comunitária Pantanal FM	77
3.2.6 FM Melodia	78
3.3. Rádio em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero	81
3.3.1 Rádio Ponta Porã AM	85
3.3.2 Rádio Super Fronteira AM	86
3.3.3 Nova FM	88
3.3.4 Rádio Amambay AM	89
3.3.5 Rádio MBurucúya	90
3.3.6 Rádio Cero Corá	91
3.3.7 Rádio Amambay FM	92
3.3.8 FM Frontera	93
4. PROCEDIMENTOS E ABORDAGEM METODOLÓGICA	96
4.1 Caminhos percorridos	105
4.2 Caracterização dos objetos de pesquisa	109
4.3 Definição da amostragem de pesquisa	114
5. MÍDIA RADIOFÔNICA NA FRONTEIRA SUL-MATO-GROSSENSE	117
5.1 Análise dos conteúdos jornalísticos na rotina	122
5.2 Análise dos conteúdos jornalísticos apontados pelos locutores	129
5.2.1 Ponta Porã-Pedro Juan Caballero	129
5.2.2 Corumbá-Puerto Quijarro	135
5.3 Vozes e contextos na fronteira	141
6. Considerações finais	150
Referências Bibliográficas	165
Anexos	171

1 INTRODUÇÃO

A discussão de questões regionais no Brasil é relevante, tendo em vista que o país, de grande dimensão geográfica, é marcado pela heterogeneidade e diversidade nas diferentes Regiões. Em áreas fronteiriças, a situação torna-se ainda mais dinâmica e flexível, pois verificamos pólos de confluência que envolvem comunidades muito próximas territorialmente, que compartilham vivências e intercâmbios cotidianos, mas que, enquanto nação, mantêm língua, cultura e história próprias. Em Mato Grosso do Sul, um Estado com 78 municípios e com 730,8 quilômetros de fronteira seca direta com países com o Paraguai e a Bolívia, os estudos na área da comunicação encontram-se na fase exploratória, uma vez que as referências bibliográficas ainda são escassas e, quando existentes, muitas vezes estão associadas a outras áreas do conhecimento.

Na faixa de fronteira seca de Mato Grosso do Sul identificamos 10 municípios (Antônio João, Bela Vista, Caracol, Coronel Sapucaia, Corumbá, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã, Porto Murtinho e Sete Quedas) que dividem o cotidiano e o espaço social com países vizinhos, desde que, pela ausência de barreiras naturais ou artificiais, os intercâmbios entre as comunidades são intensos e diários. De toda essa área, duas regiões se sobressaem como pólos de integração regional e pela importância histórica – Ponta Porã e Corumbá, limítrofes com Pedro Juan Caballero, município paraguaio, e Puerto Quijarro, município boliviano, respectivamente.

A proximidade destas comunidades favorece um intercâmbio entre culturas e relações sociais, dando oportunidade a que idiomas se inter cruzem, criando dialetos, e que novos hábitos sejam incorporados. Assim, na fronteira sul-mato-grossense, índios, paraguaios e bolivianos contribuíram na construção de uma identidade regional. No contexto da globalização e da cultura de massa, entendemos que a identidade pode sobreviver e se manter através da revitalização das mídias locais. Acreditamos que a comunicação local está conquistando terreno, uma vez que há demanda social por uma comunicação mais próxima à vida e aos interesses dos cidadãos.

Fonte: TORRECILHA, Maria Lúcia, 2004

Para a população do Estado, o rádio é um importante meio de comunicação de proximidade, na transmissão de informações e na prestação de serviço, em função de características geográficas como grandes distâncias entre municípios e isolamento nos períodos de cheias do Pantanal¹. Tomando-se como base que a verificação do papel dos *mass media* em comunidades específicas permite observar se os veículos funcionam como elemento de comunicação regional, o presente estudo tem como objeto os meios de comunicação - mais precisamente o rádio - e a análise do conteúdo jornalístico das emissoras localizadas na região da fronteira sul-mato-grossense, especificamente em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro.

¹ O Pantanal tem duas faces distintas, conforme a época do ano. Durante o período que vai de novembro a março, ocorre à época das chuvas, quando a região fica totalmente alagada. Entre os meses de junho a outubro ocorre o período de secas, quando as águas baixam e a paisagem muda radicalmente, a ponto de até nos fazer duvidar se ainda estamos no mesmo lugar. Surgem bancos de areia, pontes e passagens antes escondidas pelas águas. A diferença de nível das águas do Pantanal entre as estações de seca e de cheias é em média de quatro metros. Nos anos de grandes cheias, as águas ultrapassam o nível de seis metros de desnível.

Pretendemos com isso verificar se os discursos da comunidade fronteiriça estão presentes nos relatos das emissões radiofônicas.

Assim, um dos objetivos da pesquisa é o de verificar se a dinâmica e a integração regional, que já ocorrem no âmbito social entre as comunidades, estão presentes também no contexto comunicacional, praticadas através de um jornalismo caracterizado como de proximidade e de prestação de serviço – ou, em outros termos, verificar se as trocas cotidianas que representam de forma simbólica a cultura e a identidade do povo que habita as regiões limítrofes estão presentes também no conteúdo jornalístico divulgado pelos programas das emissoras localizadas na fronteira sul-mato-grossense.

Em razão da configuração de proximidade geográfica, outro objetivo da pesquisa, diz respeito à binacionalidade, que, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), quer dizer tudo aquilo que é pertencente a duas nações, Estados ou países. Na região da fronteira, há emissoras que se denominam binacionais, por manterem programas rotativos entre locutores brasileiros, paraguaios ou bolivianos, transmissões bilíngües e, conforme depoimentos colhidos na pesquisa desta tese, foco no atendimento às duas comunidades fronteiriças. Assim, observamos nas emissoras designadas como binacionais se realmente o âmbito comunicacional contempla e reforça a dinâmica de integração já verificada no aspecto social.

Na verificação destes itens, nosso recorte teórico será feito a partir dos estudos culturais tendo como base, para sua conceitualização, o autor Stuart Hall. Os estudos culturais contribuirão no desenvolvimento da tese, pois focalizam as interações entre as relações sociais e os sentidos, buscando explicar as diferenças e práticas culturais com referência não em valores intrínsecos, mas no plano das relações sociais, que na região da fronteira sul-mato-grossense merecem atenção pela dinamicidade e flexibilidade. Essas características nos levam também à formulação dos conceitos teóricos com relação ao interesse pelo reforço das identidades que acontecem no bojo do processo de globalização. Para tanto, recorreremos a Hall (1998) e Castells (2000).

No que respeita às identidades coletivas e às identidades culturais, observamos que, com o passar do tempo, hábitos e costumes compartilhados pela população da fronteira sul-mato-grossense foram intensificados ou recriados. Isso se deu por meio

de dinâmicas bastante singulares, estabelecidas de acordo com os interesses da comunidade local, e que nos possibilitaram retratar a fronteira como um espaço de tensão, de negociação, de junção, de cisão. Neste contexto, em que as falas são de diferenciação e a vivência cotidiana é impregnada por uma flexibilidade nas relações sociais, fomos direcionando nossa tese para verificarmos se estas dinâmicas estão presentes também nos conteúdos radiofônicos divulgados pelas emissoras da fronteira.

Assim, tornou-se importante estudar a mídia local e a produção jornalística no que diz com a elaboração da notícia e da noticiabilidade. Com relação ao trabalho jornalístico, tomamos como referências as pesquisas de Traquina (2005), Sousa (2002) e Tuchman (1983). Os autores defendem que fatores como o tempo e o espaço são cruciais no desenvolvimento da produção do jornalismo e que, no âmbito regional, esta sofre também outros efeitos advindos do contexto social, econômico e político local. No tocante ao suporte teórico dos conceitos de meios de comunicação local e jornalismo de proximidade, recorremos a Camponez (2002) e Peruzzo (2002). Ao definirmos jornalismo de proximidade - cujo objetivo visa ao atendimento prioritário da comunidade local -, fez-se necessário trabalharmos com a definição de prestação de serviço. Para tanto, buscamos apoio nos estudos desenvolvidos por Barbosa (2003) sobre gêneros radiofônicos.

Tendo como referência o contexto histórico na região da fronteira sul-mato-grossense, o estudo dos meios de comunicação regionais tem ainda como justificativa a necessidade de mapear e identificar, através de análises, os conceitos ligados à regionalidade, identidade e integração nas cidades de Mato Grosso do Sul que fazem fronteira com o Paraguai e a Bolívia. Desta forma, para a checagem dos pressupostos, foi preciso traçar alguns objetivos para o desenvolvimento da tese. O primeiro passo foi a caracterização do rádio como elemento de comunicação regional na fronteira sul-mato-grossense.

Após, fizemos o mapeamento e a caracterização das emissoras binacionais, com os dados obtidos através de pesquisa exploratória *in loco* desenvolvida nos dez municípios do Estado que fazem fronteira seca com o Paraguai ou Bolívia. Verificar se a binacionalidade das emissoras privilegia as transmissões de conteúdo jornalístico direcionado para as comunidades da fronteira e analisar a informação noticiosa de

forma a verificar as representações simbólicas de identidade e de cultura da comunidade fronteiriça configuram-se também como objetivos da tese.

Na caracterização dos municípios limítrofes objetos desta pesquisa (Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro), podemos dizer que são áreas remotas do país, marcadas por crimes de pistolagem e pelo narcotráfico. Na região de divisa sul-mato-grossense, identificamos quase mil quilômetros de fronteira seca e trocas cotidianas entre as populações brasileiras, paraguaias e bolivianas. Desde a criação das cidades e ao longo dos tempos, o fator integração e o sentimento de unificação das cidades foram fortalecidos ou tensionados pelo desencadeamento de processos históricos, políticos e sociais. Nestes locais, qualquer motorista desavisado pode cruzar a fronteira sem se dar conta de que está saindo do país de origem.

Nas duas regiões, como os próprios moradores definem a compreensão do lugar, só é possível graças à união das duas cidades, consideradas irmãs ou gêmeas. Nestas localidades, a fronteira sempre foi bastante permeável, e ao longo dos tempos os casamentos também contribuíram ainda mais para o estreitamento dos laços entre as duas comunidades. Ponta Porã-Pedro Juan Caballero têm juntas aproximadamente 120 mil habitantes, já Corumbá-Puerto Quijarro, 130 mil habitantes. No caso específico de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, uma linha de aproximadamente 13 quilômetros, representada pelo canteiro central da avenida Internacional, separa os dois países. Não há aduana, nem qualquer tipo de formalidade para se trabalhar, visitar, fazer compras ou realizar qualquer outra atividade nos municípios fronteiriços dos dois países.

Em Corumbá-Puerto Quijarro, existe uma aduana que ordena, de certa maneira, o trânsito de pedestres e automóveis. No entanto, a população, principalmente a boliviana, atravessa a fronteira constante e livremente para trabalhar e utilizar serviços na área da educação e da saúde. No cotidiano, o trânsito é facilitado, no entanto, por vezes, a linha demarcatória assume um importante papel para despertar a atenção da mídia para os problemas que afetam as comunidades dos dois países. Caso recente é o da nacionalização do gás e do petróleo pelo governo da Bolívia, que levou ao fechamento da aduana por duas semanas. Podemos dizer que, nestas localidades, a fronteira representa um espaço de trocas constantes, cujo significado se dá através de

uma construção coletiva. Ao longo do processo histórico, as cidades preservaram as diferenças e com o tempo foram constituindo inúmeras semelhanças.

Um dos costumes mais significativos da população sul-mato-grossense é o consumo de beber tereré (mate com água fria). Outros pontos de grande integração verificados referem-se a hábitos alimentares relacionados a comidas típicas como a chipa, a sopa paraguaia e a saltenha, e aos ritmos musicais como a polca, guarania, cumbiá, entre outros. O bilingüismo é outro fator identificado nos municípios, estando presente entre a população; no que se refere aos meios de comunicação na região, a prática é adotada somente pelas emissoras radiofônicas locais.

No entanto, todo esse processo cotidiano de trocas continua a ser discutido pela esfera governamental ainda se privilegiando meramente o aspecto geográfico. Entendemos que, por ferir fatores políticos, econômicos e sociais, a solução para os problemas cotidianos enfrentados pela comunidade fronteiriça requer soluções conjuntas entre o governo e a população dos dois países. Todos esses itens devem ser observados também pelo viés do processo comunicacional verificado na região, pois todo esse processo cotidiano de trocas acaba também contribuindo na determinação da produção dos conteúdos midiáticos locais.

Por exemplo, nas regiões estudadas predominam atividades formais ligadas ao setor agropecuário e de comércio, que acabam por restringir a sobrevivência dos meios de comunicação, dependente das inserções publicitárias. Assim como em outras partes do interior do país, a subordinação dos meios de comunicação com relação ao setor político é grande. Verificamos, no levantamento histórico, que praticamente todos eles são atrelados a grupos políticos ou a pessoas que já cumpriram mandato ou foram candidatos em eleições.

A questão social também é relevante. A falta de trabalho e de condições dignas de sobrevivência, como salário e acesso a educação, transporte e saúde acabam conduzindo a população da fronteira a atividades ilícitas, como o tráfico de drogas. A região é pródiga em notícias sobre contrabando e crime organizado. As denúncias feitas por jornalistas e radialistas que atuam na região, aliadas ao relato de fatos pitorescos e à prestação de serviço, entendida pelos produtores das informações como

auxílio aos necessitados, acaba gerando controvérsias sobre a atuação dos meios de comunicação e dos profissionais da área na região da fronteira.

Além do fator segurança, os municípios fronteiriços também enfrentam outras carências, como a falta de instituições de ensino superior. Na pesquisa exploratória, constatou-se que o ensino médio é o grau máximo de instrução entre os locutores. A formação profissional ocorre no mercado de trabalho (no dia-a-dia das práticas jornalísticas). Questões como a formação, aliadas ao contexto político, econômico e social, faz com que o processo de produção da notícia assuma, por vezes, formas deturpadas e a noticiabilidade ganhe outros critérios. Um dos principais focos das emissoras radiofônicas da fronteira sul-mato-grossense, por exemplo, é a prestação de serviço. Conforme Barbosa Filho (2003, p. 135), o gênero de serviço, nos produtos radiofônicos, é caracterizado como informativo de apoio às necessidades reais e imediatas de parte da ou de toda a população, devendo acompanhar a dinâmica dos acontecimentos e sua transitoriedade. Nas emissoras da fronteira, verifica-se que a prestação de serviço está atrelada aos informes do comércio, ou seja, relacionada às promoções de produtos.

Quanto à mídia em Ponta Porã são encontradas um impresso diário – Jornal da Praça –, duas emissoras AM's – Rádio Ponta Porã (Transamérica) e Super Fronteira AM –; e uma FM – Nova FM. Já em Pedro Juan Caballero, são duas as emissoras AM's – Amambay e MBurucúya –, e três as FM's – Amambay, Cero Corá e Frontera FM. O município conta também com uma emissora de televisão – Ponta Porã (retransmissora da TV Morena/Rede Globo em Mato Grosso do Sul).

Com relação à configuração midiática do município de Corumbá, este conta hoje com dois impressos diários – Folha de Corumbá e Diário da Manhã e seis emissoras de rádio, sendo duas AM's – Rádio Difusora Matogrossense (1360 KHz) e Rádio Clube de Corumbá (1410 KHz) –; e três FM's – Rádio Pantanal (Pan 87,9 Mhz), Rádio Transamérica Hits (92,9 Mhz) e Rádio Bandeirantes (Band 94,3 Mhz) –, além de uma rádio binacional, FM Melodia-Rádio Binacional Brasil-Bolívia (96,3 Mhz). No município de Puerto Quijarro, há cinco rádios FM's – Carolina, Latina, Tamengo, Alfa e Ômega e Pantanal. A cidade conta também com uma emissora de televisão – Cidade Branca (retransmissora da TV Morena/Rede Globo em Mato Grosso do Sul).

Mesmo tendo constatado a existência de mídia impressa e de retransmissoras de TV, optamos por analisar o rádio em razão da relevância deste meio no âmbito estadual e por apresentar ele maior proximidade. Desde o início do estudo, traçamos caminhos com o intuito de conhecer qual o papel que a mídia radiofônica desempenha no sentido de reforçar, criar ou definir a fronteira. Assim, como delimitação para a análise, utilizamos a metodologia do estudo de caso – a que faz referência Yin (1993) – para a seleção dos objetos de pesquisa.

Para tanto, tendo como regiões Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, a técnica contribuiu para o estabelecimento das unidades-caso, uma vez que, para a definição das mesmas levamos em consideração a representatividade e similaridade das unidades. Desta forma, o início da seleção foi feito a partir da caracterização da binacionalidade das emissoras – para cuja análise nos apoiamos em fatores como a manutenção de rotatividade entre locutores brasileiros, paraguaios ou bolivianos e as transmissões bilíngües. Isto porque as emissoras em questão não pertencem, de direito, ao Brasil, mas ao Paraguai ou à Bolívia.

A nomenclatura e os *slogans* de divulgação reforçam o caráter binacional. Nos municípios brasileiros, não há emissoras radiofônicas com essas características. Outro ponto observado foi que, durante as emissões, as rádios se posicionam declaradamente no mercado com o objetivo de atender às duas comunidades por meio de informações e prestação de serviço. Sendo assim, para a análise de conteúdo jornalístico foram selecionadas as rádios Cero Corá FM (Ponta Porã-Pedro Juan Caballero) e FM Melodia (Corumbá-Puerto Quijarro).

Adotando ainda como critério as formas de representatividade e similaridade, a seleção nas emissoras recaiu sobre os programas “Japay Tetaygua”, apresentado pelo locutor Floriano Coronel, e “Frequência Sertaneja”, apresentado por Aleixo Alves, ambos os programas da rádio Cero Corá. Na FM Melodia, a análise foi direcionada para os programas “Revista Semanal”, cujo locutor é Raul Montenegro, e “Conexão 96”, apresentado por Ivelyn Santos. No desenvolvimento da tese, o estudo de caso contribuiu também para a formalização dos dados documentados, como a verificação histórica e a realização de entrevistas.

Para a análise do conteúdo noticioso, optamos pela hermenêutica em profundidade de J. Thompson (1995), conhecida também como a ciência da interpretação, em função do ambiente que a fronteira constitui e como forma de possibilitar o exame interpretativo e re-interpretativo das narrativas e dos discursos, compostos pelas várias vozes que se articulam no espaço fronteiriço sul-mato-grossense. Assim, definimos como amostragem duas seleções. A primeira foi feita tendo como referência a normalidade cotidiana das transmissões radiofônicas, representadas pelo período de 21 de março a 1º de abril de 2005. Na segunda etapa, concentramo-nos nas transmissões que representaram a divulgação jornalística em caráter binacional. Podem constatar-se quatro temáticas – a realização do evento cultural “Festival América do Sul” (maio de 2005), o Dia Mundial de Combate às Drogas (26 de junho de 2005), o registro de focos de febre aftosa no Estado (outubro de 2005) e a nacionalização do gás e do petróleo pela Bolívia (maio de 2006).

Na estruturação da tese, foram desenvolvidos quatro capítulos. Na parte inicial, retratamos os conceitos de nação, estado-nação, nacionalidade e binacionalidade, contraponto os pensamentos formais às diferenças existentes na região de fronteira. A compreensão destes conceitos a partir de autores como Octavio Ianni (1997) e Milton Santos (1995) nos deu a base para o tratamento da identidade coletiva e cultural, na perspectiva dos estudos culturais. Neste aspecto, a comunicação representa um campo de encontro e de conflito, onde se dá o que Todorov (1996) denomina de “encontro de culturas no interior de nós mesmo”. O autor pondera que é complicado situar-se diante de diversos patrimônios simbólicos, estabelecendo e afirmando identidade que me faz ser “eu” e não “o outro”, estando na fronteira de dois países, entre dois ou três idiomas e entre várias tradições culturais. Assim, ao analisarmos as relações fronteiriças, devemos também observar que o caráter integrador e os momentos de tensão funcionam como pactos internos, estabelecidos através de uma relação de conveniência.

Neste capítulo, discorrer-se-à ainda sobre a integração política, social e cultural na área fronteiriça analisada segundo a abordagem jornalística das emissões radiofônicas, que podem funcionar como um instrumento integrador da diversidade. No decorrer deste capítulo, estabeleceremos os conceitos de fronteira, que no âmbito

comunicacional, ou seja, através da análise dos conteúdos jornalísticos das emissoras radiofônicas, nos remete a um processo de tensão e/ou negociação, que acabaram por constituir as variáveis de análise do estudo. Por fim, foi importante também avaliar o processo de produção da notícia e os critérios de noticiabilidade formalmente adotados no exercício do jornalismo, verificando como e por que ocorrem as deturpações no jornalismo desenvolvido localmente.

No segundo capítulo, trabalhamos o rádio em suas características gerais, que contribuem para o estabelecimento do meio como imprescindível para as comunidades sul-mato-grossenses. Focamos principalmente as emissões radiofônicas direcionadas para a população da fronteira e do Pantanal. Algumas das características apresentadas potencializam também a importância do rádio na região da fronteira, promovendo especificidades que são observadas somente no entorno regional – como, por exemplo, o baixo custo e a possibilidade de utilização do veículo mesmo em áreas que não contam com energia elétrica. Após a conceitualização, passamos a descrever de forma sistematizada as rádios visitadas durante o estudo exploratório, e mais especificamente as emissoras que compõem o recorte de análise da tese.

No capítulo três, relatamos os caminhos percorridos, com relação à abordagem metodológica, durante a pesquisa de campo, que durou cerca de dois anos. A análise de conteúdos jornalísticos em emissoras de rádio na região da fronteira pode ser retratada como um processo dinâmico e que requer interpretações e re-interpretações. Por isso, para a avaliação das notícias, optamos pela hermenêutica em profundidade de J. Thompson, que nos permite avaliar os sentidos sociais da vida diária da comunidade fronteiriça que emergem através dos discursos das emissões e recepções radiofônicas. Na seleção das unidades-caso similares e representativas, fator fundamental para que as avaliações não apresentem disparidades, assim como na formalização dos dados coletados, utilizamos o estudo de caso, tendo como referencial teórico Yin (1995). Apresentamos também o histórico das emissoras analisadas – Cero Corá (Ponta Porã-Pedro Juan Caballero) e FM Melodia (Corumbá-Puerto Quijarro) e conteúdo por elas veiculado.

No quarto capítulo, apresentamos a análise do conteúdo selecionado, mensurado através de tabelas – que possibilitam a verificação da data de divulgação

assim como do conteúdo das notícias. Na escolha do conteúdo a ser analisado, utilizamo-nos de dois critérios. O primeiro foi o de escolher aleatoriamente, e tem como objetivo mensurar as transmissões radiofônicas em um período de normalidade cotidiana. O segundo foi o de utilizar as emissões selecionadas pelos produtores das notícias, e que se referem a transmissões que divulgaram as questões binacionais e relativas à fronteira. Optamos por trabalhar com as duas abordagens tendo em vista que a análise isolada da segunda pode ser considerada tendenciosa, uma vez que foi pré-selecionada pelos locutores. Neste momento, decodificamos as mensagens e estabelecemos uma categorização de três variáveis no ambiente da fronteira – de tensão, de negociação e de “nós – no sentido de ‘a gente’ – da região”.

As variáveis são retratadas a partir de frases ou contextos retirados das notícias emitidas pelos locutores dos programas que configuram nossos objetos de pesquisa. Desta forma, o conteúdo jornalístico emitido nos permitiu trabalhar com as três variáveis, que foram analisadas a partir de discursos específicos, que possibilitaram verificar que para alguns assuntos a fronteira existe, e para outros, não. Uma das variáveis, a de tensão, pode ser exemplificada por meio de relatos em que fica clara a distinção entre o “nós brasileiros” e o “nós paraguaios” ou “nós bolivianos”. Ressalta-se ainda a questão da nacionalidade enquanto representatividade de povos distintos, em todos os seus aspectos simbólicos e legais. Já a variável de negociação apresenta também a questão da nacionalidade expressa, no entanto, o conteúdo indica que os intercâmbios ou as intervenções cabíveis devem observar o caráter binacional. Por fim, as emissões dos programas nos levaram à indicação de uma terceira variável, o “nós da região”, em que o âmbito binacional praticamente desaparece e as comunidades brasileira, paraguaia e boliviana são retratadas como uma. Os interesses nacionais dos países são por vezes suprimidos e ganham importância os assuntos dos que habitam a fronteira.

No último capítulo, inserimos os dados de pesquisa, e fazemos inferências a partir dos resultados da análise e das entrevistas coletadas com proprietários das rádios, locutores e com a comunidade. As observações da pesquisadora também foram importantes, uma vez que utilizamos como suporte teórico para análise dos dados a hermenêutica em profundidade. Conforme relatamos anteriormente, Mato Grosso do

Sul representa ainda um cenário vasto e de certa forma inédito no contexto da comunicação, razão por que inserimos na tese ainda nossas contribuições para estudos futuros.

2 O “EU” E O “OUTRO” NO CONTEXTO DA FRONTEIRA

A fronteira sul-mato-grossense representada por Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, municípios limítrofes entre Brasil e Paraguai e Brasil e Bolívia, respectivamente, pode ser compreendida em função da união entre as cidades e dos intercâmbios diários que ocorrem entre as comunidades. No aspecto social, evidencia-se um processo de integração que ocorre cotidianamente e que faz do espaço fronteiriço um local singular. As relações familiares que foram se estabelecendo ao longo dos anos, em função de laços matrimoniais, formam a base desta representatividade social, e a ausência de barreiras naturais ou artificiais que dificultem o trânsito entre a população das duas áreas colaboram no fortalecimento da convivência entre os povos.

Conforme explicitamos na Introdução, embora existam muitos pontos de intersecção entre as duas regiões estudadas, temos que enfatizar que, por se tratar de fronteira com países distintos (Paraguai e Bolívia), as questões nacionais, os processos históricos e as dinâmicas sociais são diferenciados, e por isso foram avaliados de forma separada. O caso de Corumbá-Puerto Quijarro, por exemplo, representa o estabelecimento de uma fronteira mais “formal”, com existência de aduana (e, conseqüentemente, da exigência da apresentação de documentos). No entanto, pela proximidade das cidades, somente oito quilômetros separam os dois municípios; o trânsito de veículos é constante e o fluxo de pessoas e de mercadorias é livre, intenso e diário. Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero não existe aduana, e apenas a avenida Internacional, com aproximadamente 13 quilômetros, separa os dois países.

Na região, a economia é voltada para as atividades do agronegócio e do comércio, sendo que este último gera emprego para brasileiros, paraguaios ou bolivianos. Na linha da fronteira estão instalados os camelôs, que são o grande atrativo para turistas – na fronteira Ponta Porã-Pedro Juan Caballero eles estão representados pelo *shopping* Mercosul, e em Corumbá-Puerto Quijarro, pela feira Brasbol. Se durante o dia as práticas comerciais facilitam e liberam o trânsito de carros e pessoas

pela fronteira, à noite a situação é inversa, em razão da precariedade da segurança. Falta de iluminação, reduzido contingente policial e falta de infra-estrutura (como asfalto do lado paraguaio e boliviano) fazem com que os intercâmbios, nas relações de trabalho ou de lazer, cessem no período noturno.

No aspecto cultural destaca-se a vivacidade dos intercâmbios entre as comunidades. Manifestações ligadas à dança, música, culinária, religião são compartilhadas e passam a representar a cultura do povo fronteiriço. Assim, neste capítulo, a partir do contexto regional, vamos delinear conceitos sobre nação, estado-nação, nacionalidade, binacionalidade, uma vez que entendemos ser imprescindível o estudo destes para a compreensão da identidade coletiva e cultural da comunidade que mora na fronteira sul-mato-grossense. Vivendo em áreas tão próximas geograficamente, falamos também sobre integração e intercâmbios cotidianos, já evidenciados na população fronteiriça sob a perspectiva social, mas que tentaremos observar no decorrer da tese através da mídia radiofônica, produzida localmente.

Acreditamos que, em um mundo globalizado, a revitalização das mídias locais, entre elas o rádio – que é um meio eminentemente caracterizado como sendo de audiência regional (Beltrão, 1968) –, colabora na representação simbólica da identidade e da cultura dos indivíduos que moram na fronteira. Isso pode se dar através da divulgação de conteúdos jornalísticos, por meio de um jornalismo de proximidade e de prestação de serviço. Torna-se importante, então, analisar, no decorrer do capítulo, a estrutura da notícia e os critérios de noticiabilidade universais do jornalismo, que, no entanto, na região da fronteira sul-mato-grossense por fatores políticos, econômicos e sociais sofre alterações.

Um item apontado pelos proprietários de emissoras de rádio em Mato Grosso do Sul e que particulariza a produção do material jornalístico na fronteira é o acesso à formação educacional. Dos 39 municípios que compõem a linha da fronteira sul-mato-grossense, apenas 10 contam com instituições de nível superior. As distâncias entre as cidades são significativas, superando cem quilômetros, o que dificulta ainda mais o ingresso no ensino superior. Com relação aos cursos de graduação na área da comunicação, nas regiões que representam nossos objetos de pesquisa, existe um curso

de Publicidade e Propaganda, na cidade de Dourados, distante 135 quilômetros de Ponta Porã.

Pela característica exposta acima e detalhada no Anexo 01 sobre as regiões de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, notamos que, apesar da diversidade de situações que pode ser verificada na área, a região é pródiga em notícias sobre o narcotráfico, contrabando e crime organizado. Nos impressos, no rádio ou na televisão, as denúncias sobre atividades ilícitas também têm aspecto singular, entre comedido e controverso. Fatores sobre os quais discorreremos ao longo do capítulo nos permitirão, através dos desdobramentos da tese, analisar o conteúdo jornalístico da programação radiofônica.

No desenvolvimento conceitual, os estudos culturais, utilizados como referenciais teóricos para a tese, foram fundamentais, pois se apóiam na reflexão sobre as concepções de nação, de identidade e das relações de poder, decorrentes do processo de globalização. Na região de fronteira sul-mato-grossense, posto que intensas as trocas culturais e comerciais, não podemos nos esquecer de que os habitantes do local pertencem a nações distintas, representadas por um agrupamento político autônomo que ocupa território com limites definidos e reúne membros comuns, ainda que não necessariamente com a mesma origem, língua, religião ou raça.

O dicionário Houaiss (2001, p. 1990) assevera que nação pode ser caracterizada como uma comunidade de indivíduos que, dispersos em áreas geográficas e políticas, estão unidos por uma identidade de origem, costumes e religião. Hobsbawn (1990) discorre que, além de limites territoriais bem definidos, a caracterização de nação nos leva a habitantes integrados através de uma língua nacional e a consolidação de costumes comuns e interesses articulados. Já Renan (1990) relata que três fatores constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: as memórias do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança.

Adotando os referenciais teóricos dos estudos culturais, verificamos que nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação social. Hall (2005, p. 49) diz que devemos entender nação como uma comunidade simbólica, e é isso que explica o seu poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade. Segundo Ianni (1997), nação pode ser vista como um processo

histórico, compreendendo sociedade civil e Estado, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, classes e grupos sociais. Dessa forma, as pessoas não são apenas cidadãs legais de uma nação, mas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Balibar (1994), ao examinar a relação entre a nação e o Estado, preconiza que o elemento distintivo entre os dois conceitos é a cultura. O autor ressalta que é através de traços permanentes de sua cultura que uma nação se prende aos modelos, ou melhor, aos arquétipos da civilização.

Em 1982 a Unesco definiu cultura como o conjunto de manifestações que engloba não somente as artes, mas também o modo de vida e os sistemas de valores de uma dada sociedade ou grupo social. Dessa forma, entende-se que o conceito abarca um conjunto de manifestações humanas que não são estáticas, pelo contrário, revelam-se como uma produção histórica constante, na qual se desenvolvem as relações dos grupos sociais. Conforme Castells (2000), de forma ininterrupta, a cultura passa por um processo de estruturação e reestruturação, em que os indivíduos agrupam-se em organizações sociais que, ao longo do tempo, podem gerar sentimentos de pertença ao território e, em muitas ocasiões, uma identidade cultural amplamente compartilhada.

Já para Ortiz (1998), entender a cultura hoje é o ponto crucial para se entender a sociedade contemporânea, assim como as relações de trabalho o foram na compreensão do século XIX.

A questão é saber como, nesse contexto mundial, se reorganizam as relações entre culturas nacionais e locais e cultura mundial. (...) Um exemplo interessante é o de algumas manifestações dos movimentos negros. Em diversos países, eles constroem seus símbolos e suas referências culturais, levando em consideração não apenas suas memórias nacionais. (Ortiz, 1998, p. 226)

De acordo com Hall (1980), os estudos culturais vêem a cultura como um conjunto intrincado de todas as práticas sociais e estas práticas como uma forma comum de atividade humana que molda o curso da história. Sob esse ponto de vista, a cultura é um fenômeno que atravessa toda a sociedade e que está na base dos processos de produção e reprodução sociais. Isso significa que, no geral, os diferentes autores compartilham a visão de gênese marxista de que não se pode estudar nem os

meios de comunicação nem os seus produtos em si mesmos, isto é, isolados do seu contexto histórico, social, econômico, cultural, entre outros; pois isso significaria encará-los como elementos à margem da estrutura de poder na sociedade.

Grossberg (1989) aponta as seguintes tendências para os estudos culturais: o materialismo, que faz uma revisão crítica do marxismo mecanicista e tenta superar o modelo hierárquico base-estrutura; o anti-essencialismo, que segue os preceitos de Foucault e que nega a existência de uma identidade essencial das culturas, explicitando a ação das estruturas de poder em todos os níveis da vida humana; e o anti-reducionismo, que trabalha com as contradições das implicações das estruturas de poder como base para a análise das relações sociais e opção pelo popular, como compromisso de engajamento.

Fazendo uma comparação entre as posições dos teóricos dos estudos culturais com a dos teóricos marxistas denominados “puros”, como Karl Marx, Leon Trotsky e Friedrich Engels, vemos que a perspectiva dos primeiros é mais alargada, porque não reduz a descrição da sociedade à infra-estrutura e à superestrutura. Em 1958, Hoggart e Williams, fortemente influenciados pelas teorias materialistas do estruturalismo e pós-estruturalismo, pelas idéias de Gramsci sobre cultura “degradada” e pela Escola de Frankfurt sobre a tensão entre indústria cultural e “alta” cultura, observaram outras formas culturais, analisando os modos pelos quais tais formas e práticas produziam a sociabilidade.

A teoria da hegemonia, proposta por Gramsci, é uma das ferramentas teóricas usadas nos estudos culturais. De acordo com o filósofo marxista, a hegemonia é a capacidade de um grupo social assumir a direção intelectual e moral sobre a sociedade. Mattelart (1999, p. 108) diz que “a noção gramsciana ilustrava, precocemente, a recusa em alinhar de modo mecânico as questões culturais e ideológicas às da classe e da base econômica, trazendo ao primeiro plano a questão da sociedade civil como distinta do Estado”.

Hermet (2002) considera que as atividades culturais podem simbolizar uma identidade comum e melhorar a auto-estima das comunidades, porquanto estas expressões culturais passam a ser observadas e apropriadas como suas pelo grupo. Assim, a valorização da cultura e da identidade pode ser entendida como uma

ferramenta fundamental para a promoção do desenvolvimento local, uma vez que o reconhecimento da história coletiva pode representar uma opção para o enfrentamento dos problemas compartilhados socialmente.

Ou seja, entendemos que, no contexto de nação, a cultura nacional é responsável por produzir sentidos com os quais podemos nos identificar e construir identidades. Hall (2005, p. 50) pondera que a cultura nacional é um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Com base nesta percepção, os sentidos produzidos estão presentes nas histórias, na literatura, na mídia, na cultura popular, nos rituais e símbolos. Nesta vertente, a nação forma-se no imaginário dos indivíduos que a constituem, e sua construção como identidade é feita à medida que se estabelecem as narrativas fundadoras presentes na memória do povo, enfim naquilo que a Unesco denomina de “patrimônio invisível ou não tangível”.

Na perspectiva de que a cultura nacional produz sentidos que podem contribuir para a construção de identidades, surge o questionamento sobre a forma que as culturas nacionais utilizam para assentar ou unir as diferenças numa única identidade. Para discorrer sobre o assunto, devemos fazer algumas considerações sobre a identificação simbólica de uma nação. Se observarmos o processo histórico, nas nações ocidentais as culturas só foram unificadas após um longo processo de conquista violenta, que contribuiu para a imposição de uma hegemonia cultural sobre a cultura dos colonizados. Deu-se o que Gellner (1983) chamou de “teto político” do Estado-nação, situação em que as diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo subordinadas tornando-se uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. Partindo desta argumentação, o autor aponta que as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas por um conjunto de significados.

A idéia de um homem (sic) sem uma nação parece impor uma tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal. (GELLNER, 1983, p. 6)

Na região da fronteira, a questão da nacionalidade – seguindo um conjunto de características e representações simbólicas que distinguem uma nação da outra e através do que existe uma identificação das pessoas por nascimento ou por naturalização – é diferente, pois o outro não é um desconhecido. Pelo contrário, faz parte do seu cotidiano e do seu espaço social. Segundo Todorov (1996), no âmbito da fronteira é difícil para o indivíduo estabelecer uma identidade que o faz ser eu e não o outro, uma vez que, no meio em que transita, é rotineiro o uso de dois ou três idiomas, verifica-se a mescla de tradições culturais e a aproximação familiar é efetiva. Dessa forma, nos pontos limítrofes entre Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, o surgimento de uma identidade local cultural por vezes se sobrepõe a uma identidade nacional cultural.

Desta forma, se se pretender aprofundar na questão da identidade, faz-se necessário trabalhar com os conceitos de identidade coletiva (representação das posições dos indivíduos no mundo social) e de identidade cultural (aquela que surge a partir do pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas e nacionais). Adotando a concepção dos estudos culturais, trataremos a identidade cultural na perspectiva de identidade nacional cultural – especificamente a que se relaciona ao país de origem – e identidade local cultural – relativa à comunidade que habita na região limítrofe de Mato Grosso do Sul, que distingue o habitante local e o faz diferente, no que respeita a dificuldades, necessidades e carências, dos demais habitantes que não moram nas bordas dos países.

Definimos identidade coletiva a partir de uma construção histórica, é dizer, partir da relação dialética que ocorre em um determinado espaço geográfico, entre indivíduos ou grupos que compartilham um conjunto de valores e organizam a vida cotidiana em torno de atividades semelhantes. Ao contrário do processo verificado

com a identidade individual, a coletiva se constitui ao longo do tempo, através da memória e da realidade objetiva e subjetiva. Nesta conjuntura, a memória sempre está presente nas possibilidades de afirmação que tendem a facilitar a continuidade das vivências, assim como os questionamentos; e nas de transformação introduzidas pelas vivências desconexas ou diferenciadas dos grupos.

Compartilhamos o conceito de Castells (2000) segundo o qual a identidade deve ser entendida como a experiência de um povo e suas fontes de significado. Na avaliação do autor, a construção de identidade se dá na sociedade e está ligada à estrutura social; assim, ela não é um processo individual, mas coletivo, pois remete a elementos fornecidos pela história, geografia, memória coletiva, bem como por aparatos de poder e de cunho religioso. Sendo assim, para entendermos a dinâmica de qualquer grupo social – como aquele que habita a fronteira sul-mato-grossense –, devemos levar em consideração o processo de construção do significado com base no “atributo cultural ou em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, pois para um indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas” (Castell, 2000, p. 22).

No contexto dos estudos culturais, a identidade cultural é vista como uma forma de identidade coletiva, podendo ser configurada como característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes e está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado. A identidade cultural não existiria sem intercâmbios diversos, que emergem de mútuas influências e podem se representadas através de expressões culturais concretas, como música, literatura, culinária, esporte, que se nutrem de fontes geográficas ideológicas e sociais distintas. Por meio desta construção social é que os indivíduos se sentem mais próximos e semelhantes.

Hall (2005, p. 10) apresenta três concepções de identidade que vigoram até hoje: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. Na percepção iluminista, verifica-se um conhecimento individualista do sujeito e da identidade, ou seja, a pessoa humana é retratada como um indivíduo unificado, sendo o essencial do eu a identidade de uma pessoa. Na concepção sociológica, percebemos que a identidade ganha nova dimensão, pois passa a ser formada na interação entre o eu e a sociedade. Há um reconhecimento de que o núcleo interior do sujeito não é auto-

suficiente e nem autônomo, mas formado na relação com outras pessoas, que mediam para o indivíduo os valores, sentidos e símbolos. Por fim, segundo a concepção pós-moderna, a identidade torna-se fragmentada, “uma celebração móvel”, conforme Hall (2005), e, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, tornam-se múltiplas também as possibilidades de identidade, nas quais podemos nos identificar, pelo menos temporariamente.

Chiappini (2002) assevera que cada vez mais as identidades são plurais, porquanto as nações se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial. Neste contexto, a diversidade cultural e étnica é vista como um desafio para a identidade da nação, mas também como fator de enriquecimento e abertura de novas e múltiplas possibilidades. Castells e Borja (1997) relatam que essa pluralidade, observada em sociedades com diversidade na formação étnica, levam a uma experiência enriquecedora quando existe um sistema de integração adequado, em que os códigos de comunicação entre as diferentes culturas são adotados, respeitados e mantidos. Caso contrário, fica estabelecida a visualização do outro como estrangeiro e um inimigo potencial. Na confirmação deste “outro” estrangeiro, os atores sociais passam a competir pela sobrevivência e a romper laços de solidariedade e tolerância.

Hall (2005) defende que, por conveniência, a globalização está sendo retratada como processo que está deslocando as identidades culturais nacionais, uma vez que estas estão cada vez mais sofrendo influências externas. Para o autor, processos que ocorrem em escala global, tornando o mundo, em realidade e em experiência, interconectado, rompem fronteiras nacionais e integram comunidades em novas relações espaço-tempo. Giddens (1990) entende que a sociedade contemporânea pode ser representada por estas novas características temporais e espaciais, que encurtam distâncias e fazem com que a divulgação de acontecimentos no mundo ocorra praticamente em tempo real, e que acabam por levar os aspectos mais importantes da globalização a terem efeitos nas identidades culturais.

Para os estudos culturais, é possível elencar três concepções acerca dos efeitos da integração global nas identidades culturais. Pela primeira delas, as identidades culturais, como resultado da homogeneização cultural, se desintegrariam. No entanto,

enfatizamos que a globalização encontra-se desigualmente distribuída ao redor do mundo, o que torna relativa a dominação cultural global. Observe-se que até o final da década de 70 autores como McLuhan defendiam que o mundo passaria por um processo de homogeneização cultural, as fronteiras iriam desaparecer e iríamos observar o aparecimento de uma “aldeia global”. Dessa forma, as discussões sobre as fronteiras reguladas pelas leis dos Estados-nações cederiam lugar à possível homogeneização e padronização cultural e da informação midiática. Essa tese era metaforizada no conceito de aldeia global, que previa músicas sendo tocadas em todos os continentes, assim como os mesmos hábitos alimentares e modelos de vestuário sendo adotados por pessoas de diferentes continentes. No entanto, Hall (1998) demonstrou que a globalização pode levar a um fortalecimento de identidades locais e não necessariamente à destruição destas. Ianni (1999) afirma, em consonância, que o globalismo tanto incomoda o nacionalismo como estimula o regionalismo.

Na segunda consideração abordada pelos estudos culturais, verificamos que as identidades nacionais e locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. Conforme chama atenção Ortiz (1994, p. 181), o local "não está necessariamente em contradição com o global, pelo contrário, encontram-se interligados", uma vez que o indivíduo não quer ser tratado como um ponto na multidão, membro da massa, no que se refere às questões que envolvem diretamente a comunidade da qual faz parte. A última concepção foca o surgimento de novas identidades, híbridas, tendo em vista o declínio das identidades nacionais.

Entendemos que, junto com o impacto do global, existe uma dinâmica de crescente interesse pelo local, permitindo pensar em uma nova articulação entre o global e o local. Ou seja, acreditamos que, ao invés da propaganda homogeneização cultural, verifica-se o aparecimento de novas clivagens e fronteiras, vivenciadas por meio do reforço de particularismos culturais. Entendemos assim que os dispositivos da telemática não anulam, mas podem contribuir para o reforço da heterogeneidade e das diversidades culturais.

Ortiz (1986) pontua que não basta dizer que somos diferentes, é necessário mostrar em que nos diferenciamos. Dessa forma, podemos constatar que nos municípios fronteiriços sul-mato-grossenses a identidade coletiva cultural, moldada

em uma visão de nação, de acordo com os interesses de suas instituições, suas lutas, suas visões do passado e sua política de construção do presente, atualizasse de maneira diferenciada em vários contextos. Tal fato é compreendido observando-se a construção simbólica da identidade, em que as marcas sociais, embora muito semelhantes para a comunidade fronteiriça, demonstram elementos particulares a cada uma delas. Assim, a interação entre moradores das bordas do Brasil, caso das cidades da fronteira de Mato Grosso do Sul com habitantes do Paraguai e da Bolívia, é diferente da verificada entre a população de outros Estados da Federação com estes países, uma vez que os mecanismos acionados para possibilitar a convivência são diferenciados e repletos de nuances.

Já, como podemos verificar, o surgimento de uma identidade cultural observado nas cidades de fronteira distingue o habitante local, excluindo-se as nacionalidades. Assim, regidos por um pacto integrador, dependendo dos interesses e do assunto, ser brasileiro, paraguaio ou boliviano de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijaro significa compartilhar as mesmas práticas de significação representadas por hábitos, costumes e tradições orais. É de ressaltar-se que o compartilhamento não é de todo equivalente para a comunidade Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia. Sobre o fato, Canclini (2003, p. 102) diz que toda identidade é uma construção simbólica, construída de modo particular pelos diferentes grupos sociais:

As “culturas fronteiriças” como as que se formam nas cidades limítrofes entre dois países e nas escolas onde convivem filhos de imigrantes de várias nacionalidades, mostrariam a utilidade de conceber a experiência étnica de forma relacional. Assim se formaria uma nova consciência de mestiçagem que não seria simplesmente uma doutrina de identidade baseada na bricolagem cultural ou uma forma de subjetividade extravagante, mais uma prática crítica de negociação cultural e tradução que busca transcender as contradições do pensamento dualista ocidental.

Nos municípios fronteiriços de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, o referencial de identidade local cultural é importante, no entanto, é possível identificar confusão no que se refere ao aspecto internacional. No espaço fronteiriço, o nacional é uma referência, existe como sentimento de nação, no entanto,

não podemos nos esquecer que se mescla com elementos do outro nacional, ou seja, do país vizinho. É essa fusão, essa mistura, que possibilita a criação de traços comuns entre dois países. Raddatz (2005) pontua que a peculiaridade da cultura fronteiriça reside na capacidade de ao mesmo tempo reunir elementos comuns e que guardam sua diversidade.

Para Padrós (1994), ao se falar da criação de um novo espaço de integração e negociação, amplia-se a questão da nacionalidade para a binacionalidade, ou seja, aquilo que é relativo ao que é pertencente ou realizado entre duas nações ou países. Neste contexto, para a comunidade fronteiriça sul-mato-grossense:

Integrar não deve significar perda de identidade nacional, e sim, contato com outras identidades nacionais. A integração pode ser o resultado de uma negociação equilibrada, dependendo, para isso, da existência de uma vontade política de todos os envolvidos. E, neste aspecto, a vida na fronteira torna-se uma peça chave, podendo auxiliar na composição de uma mudança que leve à efetiva existência de um elemento novo, integrado de fato e de direito". (PADRÓS, 1994, p. 66).

De acordo como filósofo Scruton (1986, p. 156), a condição do homem, enquanto ser autônomo, só é possível graças à identificação do indivíduo com algo mais amplo, “como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar”. Hall (2005) diz que não importam as diferenças com relação a classe, gênero ou raça que seus membros apresentem; uma cultura nacional busca unificá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. No entanto, sendo o Brasil um país de grandes dimensões territoriais, a região de fronteira sul-mato-grossense integra essa grande família nacional; porém, em vários aspectos as questões da nacionalidade são mescladas, tornando-se binacionais, em função da proximidade e das trocas cotidianas que por vezes tornam essa população mais próxima da comunidade estrangeira vizinha.

Assim, dentro deste sistema cultural, nem sempre a cidade fronteiriça representa uma nação distinta. Isso acontece, pois nestes espaços a todo momento são estimuladas

dinâmicas específicas informais, uma vez que as fronteiras-barreiras praticamente inexistem. Conforme Grimson (2000, p. 19), as identificações que surgem são vinculadas a interesses específicos da comunidade local e não necessariamente a interesses estabelecidos pelos Estados-nação.

A afirmação da identidade fronteiriça também está representada pelos intercâmbios e entrelaçamentos entre a cultura. Isso porque, por meio desta, os indivíduos compreendem, conhecem e reproduzem o sistema social, bem como elaboram alternativas, na busca de uma dimensão transformadora. A fronteira, vista como um fenômeno geográfico, político e cultural, também traz consigo questões ideológicas interligadas com o cotidiano e com a cultura, questões essas relacionadas às experiências vivenciais cotidianas do homem, que refletem os hábitos, desejos e reflexos dos indivíduos.

Martino (2001, p. 76) ressalta que “toda forma de cultura coloca o problema de sua padronização no tocante ao problema da geração da identidade: o pertencimento a qualquer formação cultural se dá pela comunhão de elementos comuns ao grupo”. Observamos tal fato através dos vínculos culturais que contribuem para a aproximação das comunidades das cidades da fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia. Hábitos como tomar tereré (erva-mate com água fria), comer sopa paraguaia e saltenha são fortemente cultivados pela população fronteiriça sul-mato-grossense. Para Muller (2003), esses costumes estão entre os aspectos culturais que se transformam em amarras de união, sendo reforçados pelas músicas, dança, língua, economia, que, com o passar dos tempos, criaram-se e intensificaram-se.

2.1 Fronteira como espaço de negociação, de tensão e do nós da região

Ao falarmos sobre a fronteira, estamos discorrendo sobre linha divisória, a parte limítrofe ou extrema de uma área, região ou país. Conforme o dicionário Houaiss (2001), fronteira pode significar também fim, limite. Pensar no conceito de fronteira automaticamente nos remete a uma visão de separação, e, de fato, esta consideração é

pertinente quando construída sob a perspectiva de nação, de soberania. No entanto, conforme relatamos anteriormente, para a população que mora nas bordas do país, a fronteira configura-se como um espaço de intercâmbio político, social e cultural, que, dependendo dos interesses e das dinâmicas estabelecidas pela comunidade, podem ser retratados como de negociação ou de tensão.

O vocábulo fronteira vem do latim “fronteria” ou “frontaria” e significa a parte do território que fica “in frente”, ou seja, nas margens. No entanto, conforme vamos observar, para a população que vive em municípios fronteiriços de Mato Grosso do Sul, a linha divisória entre os países não passa necessariamente pela demarcação geopolítica, vai além, pois apresenta uma dimensão social, cultural e histórica. O alemão Friedrich Ratzel foi um dos primeiros teóricos a propor de forma explícita, na obra *Antropogeografia* (1882), uma geografia do homem, na qual faz referência à relação causal que se estabelece entre território e sociedade.

Na concepção de território, tratamos o espaço geográfico a partir de uma perspectiva que privilegia o político ou a dominação-apropriação. Neste contexto, entendemos apropriação como um domínio, como uma visão diferenciada do poder sobre o território, sob os mais diferentes objetivos, muitas vezes de ordem cultural. Na vertente da Geografia, território foi definido a partir de relações de poder, com análise centrada na identidade nacional. Na obra de Ratzel, o território tem sua dimensão ampliada, pois é retratado como um espaço ocupado por determinada sociedade. Historicamente, a definição de território está associada à idéia de natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão de poder em escala nacional, o Estado-nação.

Contemporaneamente, a autores como Ianni (1997) e Santos (1995) afiguram-se territórios como relações sociais projetadas no espaço. Para eles, a flexibilização do conceito permite tratar as territorialidades como expressão da coexistência de grupos, por vezes num espaço físico e em tempos diferentes. O espaço geográfico ganha nova dimensão, em que as relações humanas e sociais são desvinculadas da dimensão natural do espaço, constituindo parte do tecido social.

Ao se falar do espaço geográfico nas relações humanas e sociais, o resgate do conceito de lugar também é importante. Santos (1997) nos remete a uma reflexão da relação dos indivíduos como o mundo, quando diz que “lugar” constitui a dimensão da

existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas. De acordo como Serres (1990), a relação que era local-local agora constitui-se em local-global. Para o autor, isso acontece porque o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência.

Lopez García (1995, p. 12) aponta que a definição do local deve ser feita tomando-se como base a geografia, sem nos esquecermos do aspecto social. Assim o local é um espaço territorial singularizado, representado como “o lugar da mediação técnica onde também é possível a comunicação não mediatizada ou interpessoal”. Tétu (1997) diz que, para definir o local, é preciso observar três componentes: a proximidade, o pertencimento a um grupo social e a efetividade do pertencimento. Ou seja, a discussão extrapola o território e se traduz no local onde acontecem os conflitos e os efeitos das desigualdades como o acesso a cultura, saúde, transporte, educação, lazer, entre outros.

A articulação acima citada insere o local no interior da lógica da globalização e, como pondera Hall (2005), em vez de destruir as identidades nacionais, poderá produzir novas identificações globais e locais. Santos (1996, p. 252) relata que uma maior globalidade corresponde a uma maior individualidade, fenômeno denominado de “glocalidade” por Benko *apud* Santos (1996, p. 6). O termo glocalidade foi também definido pelo sociólogo Roland Robertson (1992) como um processo de interação entre o local e o global, e vice-versa, uma mistura de globalização com características locais. O autor entende ainda que é no âmbito local que a cultura global hegemônica é refuncionalizada através de relações de assimilação e rejeição. Enquanto a ordem global é desterritorializada, separando o centro e a sede da ação e dependente de fatores externos, o local representa reterritorialização, agrupando em sua lógica interna elementos como indivíduos, empresas, instituições e formas sociais.

Enfatizando a relação que se estabelece entre território e sociedade, para os teóricos, as fronteiras podem ser classificadas de acordo com a forma, função e natureza. Ratzel, Kjellén, Sieger, Brunhes, Vallaux, entre outros, resumem a classificação em fronteira linha, cuja caracterização é meramente jurídica e nos remete

à idéia de corte, descontinuidade; e a fronteira faixa, onde ocorrem transições permanentes e interpenetrações das comunidades com relação a língua, religião, costumes, comércio, entre outros. Podemos ir além e classificar as fronteiras também com relação ao estado de evolução. Segundo Mattos (1990), existem as fronteiras esboçadas, assim designadas por serem desabitadas ou com uma demarcação não precisa; fronteiras vivas ou de tensão, em que é possível se identificar confronto entre os interesses das populações vizinhas; e fronteiras mortas, consideradas áreas decadentes, onde não existem pressões.

Conforme Padrós (1994, p. 69), as fronteiras vivas, como é o caso da região de Mato Grosso do Sul, apresentam a seguinte característica:

Permeáveis, caracterizadas por zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que têm recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes.

Ainda segundo Padrós (2000), as fronteiras vivas manifestam uma integração informal que sobrevive às conjunturas políticas. O intercâmbio é constante nestas regiões, o que nos leva a afirmar que o homem fronteiriço tem uma mentalidade tendente à integração, pois para ele as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto a idéia da existência de uma linha demarcatória que o separa do outro país. Como em um pacto firmado pela comunidade, apesar de a fronteira se tornar fluida neste espaço de trocas constantes, é verificada a manutenção da nacionalidade de origem, e em alguns casos as mesclas ocorrem mais no sentido da binacionalidade, ou seja, do pertencimento simultâneo e por direito a dois países, do que no sentido multicultural.

Isso se deve a que apesar de haver tradições e práticas culturais distintas, mas relacionadas, não se poder pensar na área como um território híbrido, mestiço e de formas múltiplas, onde, conforme Pesavento (2002, p. 36), as representações que se constroem no cotidiano e na convivência nos remetem “à vivência, às socialidades, às

formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos de coisas, palavras, gestos, comportamentos e idéias”. Isto tudo poderia representar um ideal futuro a ser alcançado na fronteira sul-mato-grossense.

A região selecionada como objeto da tese demonstra que as populações locais – brasileiros-paraguaios e brasileiros-bolivianos – formam comunidades urbanas no seio da qual foram desencadeados inúmeros conflitos, como a Guerra do Paraguai. Historiadores como Corrêa (1999) e Weingartner (1995) afirmam que nestas comunidades a integração foi sendo firmada pelo processo histórico. É possível verificar que a fronteira de Mato Grosso com a Bolívia e com o Paraguai, justamente pelas peculiaridades territoriais e históricas, chegou ao século XIX desorganizada do ponto de vista da sua identificação nacional, pois, segundo Corrêa (1999, p. 55): “desde os tempos da Capitania até o estabelecimento da Província de Mato Grosso, apenas Cuiabá e o entorno tinham um controle político-administrativo arraigado ao Brasil”. Nas demais áreas, o recebimento de informações e as trocas comerciais se davam com os países vizinhos mais do que com os demais Estados do Brasil.

Ao se falar da fronteira como uma área dinâmica e de intercâmbios cotidianos, pode-se dizer que as cidades fronteiriças sul-mato-grossenses mantiveram as diferenças, porém, foram constituindo ao longo dos tempos significativas semelhanças. Nesta construção coletiva, verificamos a criação de um espaço fronteiriço que media tensões e negociações que atravessam o contexto político, social e cultural do local, onde, através de um pacto de interação particular, brasileiros e paraguaios ou bolivianos assumem o papel de protagonistas conjuntos ou rivais, e onde o *status* do internacional, nacional, estadual ou local ganha nova dimensão, conforme ajustes de interesse da população que habita a fronteira.

A mediação da fronteira com relação categorização como de tensão, negociação ou nós da região pode ser evidenciada por expressões que agrupam ou desagrupam, articulam ou desarticulam a afirmação da identidade, vinculando-se à nação de origem. Assim, nas situações de tensão há claramente a contraposição entre irmão-*hermano*. Fica patente a diferenciação entre o “nós brasileiros”, “nós paraguaios” e “nós bolivianos”, como moradores de lados distintos da fronteira e pertencentes a países diversos.

O conceito de fronteira envolve também princípios de reconhecimento e de conexões variadas, representados como um espaço de tensão. De acordo com Pesavento (2002, p.36): “é por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os outros com relação a nós e vice-versa”. De acordo com esta abordagem, é possível observar separação das nacionalidades, e, em geral, as temáticas que mais se caracterizam por essas formas de abordagem são as ligadas à área social e à economia.

Por exemplo, a travessia da fronteira para utilização da rede pública de ensino e saúde configura-se em reclamação constante por parte dos brasileiros. Segundo Edinilson Ramão Vilhalba², assessor de imprensa da Prefeitura de Ponta Porã e locutor da rádio Nova FM, existe uma sobrecarga real verificada em escolas públicas do ensino fundamental e em postos de saúde, que não estão preparados para atender, além da comunidade brasileira, a paraguaia. “Na rede pública de ensino temos registramos cerca 15% das vagas ocupadas pelas crianças paraguaias”. O assessor salienta que, na verdade, não poderia ocorrer tal fato, mas como não existem fronteiras formais entre as duas cidades, os moradores transitam em Ponta Porã e em Pedro Juan Caballero como se estivessem na mesma localidade.

No aspecto econômico, é de se mencionar o fator monetário, influenciado principalmente pela valorização ou desvalorização do dólar. No Brasil, o dólar barato significa, para a comunidade local, que é hora de atravessar a fronteira. A prática vai desde o mais simples ato de consumir produtos em um supermercado, realizar a troca de pneus, comprar combustível, até a aquisição de produtos eletrônicos. Em geral, o comércio local na parte brasileira sofre significativa queda, e com isso aumentam os rigores na fiscalização dos produtos importados do Paraguai ou da Bolívia.

Já nas situações de negociação, observamos que se logra entendimento sobre determinado assunto, mesmo que este seja polêmico ou controverso. Existe um consenso diplomático entre as comunidades, ainda quando a diferença é emergente, o sentido de união prevalece. Na concepção do “nós todos” da fronteira, o espaço

² Edmilson Ramão Vilhalba em entrevista concedida em abril de 2005, no município de Ponta Porã, na sede da rádio Nova FM. Íntegra da entrevista em formato digital, anexado à tese.

fronteiriço é representado como capaz de acolher todos os habitantes, pois os seus problemas e dificuldades extrapolam a questão geográfica. As nacionalidades são preservadas, porém as discussões prevalecem sempre no âmbito da integração entre os países, visando à implementação de atividades ou à resolução de desavenças em conjunto, seja na esfera governamental ou na informal.

Nas questões relacionadas à negociação, verificamos também que a fronteira é retratada como uma área sensível, o que leva, por vezes, ao fechamento da via pública ou da aduana como forma de chamar a atenção das autoridades para os problemas enfrentados pela população de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro. A situação pode ser exemplificada através dos protestos dos produtores rurais e da nacionalização do gás e do petróleo, na conformação entre Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia, respectivamente.

Outra atividade pública que retrata o contexto de negociação é o controle de doenças epidemiológicas. O Ministério da Saúde e a prefeitura dos municípios fronteiriços têm a intenção de implantar o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras (SIS). Segundo o secretário de Saúde de Corumbá, Martins Gonzalez, hoje, o município é responsável pelo atendimento de grande parte da população boliviana residente nas cidades vizinhas (Puerto Quijarro e Puerto Suarez). Por enquanto o custeio é feito pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Com a implantação do programa, os dois países devem investir nas ações³. Problemas quanto ao serviço de coleta de lixo, saneamento, energia elétrica e linhas telefônicas também têm que ser resolvidos pelas partes em conjunto.

Um dos assuntos que praticamente representa e fortalece o espaço da fronteira como de negociação é o aspecto cultural. Observamos que, nos municípios fronteiriços de Mato Grosso do Sul, a interação entre os povos é forte e se dá cotidianamente através da incorporação de manifestações como dança, música, culinária, religião, literatura, entre outros.

Através da pesquisa de campo realizada para o desenvolvimento da tese, pudemos identificar outra categoria, denominada como “nós da fronteira”. Ou seja, os habitantes ou fronteiriços acabam constituindo um único grupo, como se a população

³ Informação coletada na edição nº 129, de 07 de julho de 2005, do Ministério da Saúde.

da fronteira formasse uma comunidade distinta. Em uma junção entre os “nós brasileiros” e “nós paraguaios” ou “nós brasileiros” e “nós bolivianos”, a familiaridade e as semelhanças ficam explícitas no reconhecimento dos indivíduos como pertencentes ao mesmo grupo. Nesta abordagem, tanto a fronteira quanto o fronteiriço são retratados como protagonistas conjuntos, o que os torna diferentes de todo o resto do país.

Exemplificam o caso as divulgações feitas em nível nacional ou regional sobre os municípios da fronteira demonstrando suas dinâmicas e vivências. Neste ponto, observamos que a região é retratada por adjetivos como lugar marginal, fim do mundo, entre outros. Assim, as menções positivas dos municípios de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijaro, principalmente as divulgadas pela mídia, fortalecem e tornam explícito o sentimento do “nós da fronteira”.

A possibilidade de definirmos categorias que mensuram o contexto da integração na fronteira sul-mato-grossense foi importante, pois estas acabaram por representar as variáveis de análise da tese. Através das categorias apresentadas e caracterizadas anteriormente é que os conteúdos jornalísticos, emitidos pelas emissoras binacionais instaladas na região fronteiriça, foram analisados por serem áreas dinâmicas e flexíveis, que permitem misturas e contextos singulares, em alguns textos divulgados pela mídia radiofônica foi possível também identificar a mescla entre as categorias.

Assim, entendemos a fronteira sul-mato-grossense como um espaço de tensão e de negociação, que pode se dar em diversos níveis – político, social e cultural. Se consideramos que os intercâmbios cotidianos na fronteira representam um conjunto de manifestações humanas dinâmicas, podemos dizer que, mesmo em uma era marcada pela abertura dos mundos graças à cibernética e à evolução das tecnologias da informação e da comunicação, a discussão sobre a diferenciação, a flexibilidade e a incorporação de elementos comuns à vivência humana ainda é mais forte e contribui na revitalização das mídias locais. Neste contexto, para analisar se as manifestações de colaboração e interação presentes nos processos sociais são verificadas também na mídia radiofônica produzida localmente, é necessário avaliarmos o contexto das mídias locais e o processo de produção da notícia na fronteira.

Estas considerações ajudam na compreensão da importância que adquire o local na contemporaneidade, em plena vigência da globalização. Ao lado disso, percebe-se que também no jornalismo o aspecto local vem sendo privilegiado, refletindo uma contigüidade com essa realidade expressa no espaço territorial. Consideramos que o discurso jornalístico é uma modalidade de transmissão do conhecimento da realidade. As notícias, apesar de estarem implantadas em um contexto de produção, ao serem apresentadas figuram como dissociadas deste processo. Por exemplo, na notícia não estão retratados as nuances e o cenários que compuseram a coleta de dados e a redação do texto. Dessa forma, ter conhecimento sobre o modo como os conteúdos jornalísticos que lemos, ouvimos ou a que assistimos são elaborados constitui-se na questão central para compreender o que eles significam.

2.2 Produção jornalística na fronteira - um caso singular

Atualmente, é difícil compreendermos a vida dos grupos sociais sem os meios de comunicação de massa, os quais se encontram presentes no cotidiano das pessoas. Rodrigues (1998, p. 15) pondera que a ação dos *mass media*⁴ para o homem moderno é semelhante à função do mito para o homem antigo, já que a semelhança e a experiência do aleatório integrariam representações fragmentadas da realidade num discurso organizado e explicativo do mundo. “A essa prosa do presente confia o homem moderno a função remitificadora de uma perspectiva unitária securizante perante a desintegração da identidade coletiva e de uma ordem identitária que lhe devolva uma imagem coerente do destino”.

Nesse sentido, Mata (1993, p. 7) afirma que atualmente algumas empresas de comunicação já concebem que a comunicação não é “uma prática estritamente racional, mas sim na qual se põem em jogo os sentimentos, gostos, paixões da vida

⁴ O termo “meio de comunicação de massa” refere-se aos veículos de divulgação “em massa” (em grande quantidade) que possibilitam a intermediação entre o indivíduo e o mundo através do relatos de acontecimentos. Essa mediação é possível graças à capacidade de meios como o livro, jornais, revistas, rádio, televisão, internet de produzir, reproduzir e distribuir rapidamente texto, som e imagem a um número praticamente ilimitado de pessoas.

mesmo”. Desta forma, compartilhamos o entendimento de Moscovici (2003, p. 173), segundo o qual as sociedades se despedaçam se houver apenas poder e interesses diversos que unam as pessoas. É importante que haja uma soma de idéias e valores em que as comunidades possam acreditar e que lhes possibilite se unirem através de uma paixão comum, transmitida e adaptada de geração para geração. Ou seja, o que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem a suas instituições e as imagens que partilham constituem uma parte essencial de sua realidade, e não simplesmente um reflexo seu.

Assim, falar sobre a influência dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas é expressá-la como um processo plural, transitório. A lógica da comunicação midiática é representada por aquilo que experimentamos culturalmente como próprio, em termos nacionais ou latino-americanos. Ou seja, ela, mídia, atua como instrumento das relações sociais e dos espaços social, econômico e cultural, deixando de ser meramente um meio técnico para se consolidar como uma dimensão da sociabilidade atual. No entender de Rubim (1995), os meios de comunicação de massa deixam de representar meros transmissores de dados e passam a colaborar na definição dos acontecimentos através das falas, do agendamento de assuntos e dos personagens que seleciona para repercutir os fatos. Ou seja, os meios de comunicação, através dos discursos elaborados pelos jornalistas, passam a compor o conhecimento cotidiano dos indivíduos com relação às realidades locais, regionais, nacionais ou internacionais.

Conforme defendem Traquina (2005) e Souza (2002), os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade, desde que as notícias não emergem naturalmente dos acontecimentos do mundo real de acontecimentos e de textos. Dessa forma seria ingênuo pensar no jornalista como um mero espectador que transmite os fatos fielmente conforme vão acontecendo. Rodrigues (1993), no artigo intitulado “O Acontecimento”, explicita que, através de um pacto subjetivo entre jornalistas e leitores, “lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; lemos as notícias acreditando que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção”.

Traquina (2005) assevera que as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento e os constrangimentos organizacionais que condicionam o processo de produção da notícia. O objetivo de qualquer empresa jornalística é relatar fatos interessantes e significativos. Apesar de pontual e simples, o processo torna-se complexo em função de inúmeras variáveis, entre elas, a rotinização do trabalho jornalístico, caracterizada pela ordenação de espaço e tempo, que pode ser uma das responsáveis pela deturpação do resultado final – a divulgação dos fatos.

De acordo com Tuchman (1983), o trabalho informativo se baseia na narração de relatos de aspectos da vida cotidiana. Ao cumprir esta tarefa, referido trabalho serve de base para a ação social. Além disso, o processo de produção da notícia não se dá em um vazio. O profissional da mídia serve aos interesses da organização à qual está vinculado, reforçando os processos institucionais nos quais o trabalho informativo está engajado. No início, os estudos apontavam para o papel individual do jornalista na seleção e configuração da notícia. Atualmente, pode-se falar em outros fatores a integrarem a construção da notícia, como o espaço, as políticas organizacionais, as características do meio social e da cultura. Notícia pode ser definida como algo efêmero, transitório e deteriorável, tal qual a sociedade atual.

Com relação ao que Traquina (2005) chama de constrangimentos organizacionais, o autor diz que, além da rotinização, é preciso atenção para o contexto mais imediato no qual o jornalista está inserto – o da organização em que ele desenvolve a atividade de comunicação, ou seja, a observância com relação à política editorial da empresa. Breed *apud* Traquina (2005) enumera seis razões que levam o jornalista a conformar-se com a política da casa: 1) a autoridade institucional e as sanções; 2) as aspirações de mobilidade (a carreira profissional); 3) os sentimentos de obrigação e estima para com os seus superiores; 4) a ausência de conflitos de lealdade; 5) o caráter agradável do trabalho; e 6) as próprias notícias como valor. No seu estudo sobre correspondentes estrangeiros, Leo Bogart (1968) reitera o fato ao enunciar que o jornalista não é um homem só, mas um homem de uma organização.

A construção da realidade através das notícias se dá pelas formas literárias e pelas narrativas, popularizadas por meio da pirâmide invertida, expressas pelo

processo de produção, que vai desde a organização dos acontecimentos até a seleção e exclusão de diferentes aspectos do fato a ser relatado. Esse sistema garante que, mesmo que instantaneamente, o jornalista consiga transformar um acontecimento em produto de divulgação. Sousa (2002) aponta que a narrativa feita pelo jornalista não é inteiramente livre, pelo contrário, ela é orientada pela percepção e pelo repertório do profissional, das instituições e das rotinas verificadas na apuração da notícia.

As notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Afinal, conforme explicitamos anteriormente, apesar da simplicidade na definição, a constituição torna-se complexa e dinâmica, fazendo com que surja uma questão central no campo jornalístico, qual seja, a determinação dos critérios e fatores que levam à constituição da notícia e agregam o caráter de noticiabilidade a um fato. De acordo com Rodrigues (1993), do ponto de vista jornalístico, é em função da maior ou menor previsibilidade que um fato adquire o *status* de acontecimento pertinente, ou seja, noticiável.

No entanto, outras variáveis nos ajudam a estabelecer esses critérios. Para os jornalistas, o cotidiano é marcado pela elaboração de um produto midiático (jornal, telejornal ou noticiário radiofônico) diariamente. Não se imagina um jornalista – no caso, um locutor de rádio – dizer que naquele dia não ocorreram notícias ou que o noticiário será menor pela falta do que divulgar. Assim, dois fatores configuram-se como eixos centrais no campo jornalístico como problematização: o tempo e o espaço.

Schlesinger (1977) descreve a imprensa como uma máquina do tempo. Schudson (1986) diz que os jornalistas são pessoas com uma cronamentalidade. O próprio título dos periódicos, telejornais ou noticiários de rádio nos remete a essa idéia - Correio da Manhã, Revista Semanal, Jornal Hoje, entre outros. O aspecto de atualidade, que se configura em mais um fator de noticiabilidade, faz com que, no processo de produção da notícia, o que é novo é o que acaba de acontecer. Desta forma, várias empresas e instituições marcam entrevistas coletivas ou eventos em horários que são favoráveis aos jornalistas e que não vão atrapalhar o fechamento do produto midiático.

Casos há em que a cobertura não será possível, em função do fechamento dos impressos ou dos horários em que os telejornais ou noticiários radiofônicos são noticiados. Traquina (1998) dá-nos conta que os meios de comunicação costumam adotar três procedimentos: antecipar-se publicando uma notícia necessariamente incompleta; dar prioridade menor ao acontecimento, ou tentar dar-lhe outro aspecto, olhá-lo de outro ângulo.

Segundo Wolf (1987), as empresas jornalísticas também impõem uma estrutura sobre o tempo, através de um serviço de agenda, em que são elaboradas listas de acontecimentos previstos, permitindo que a produção, por vezes, seja feita com antecedência. Este fato acontece, por exemplo, no que respeita a campeonatos esportivos e pleito eleitoral, e, conforme o autor, é uma tentativa de planejar o futuro. Ainda acerca da questão da antecipação da notícia, ganham espaço e repercussão também datas comemorativas que se repetem ao longo dos anos, como o dia das crianças, a semana do meio ambiente, o dia de combate às drogas, entre outros.

Outro ponto crucial é o espaço. Em um momento em que as distâncias entre o global e o local estão cada vez menores, as empresas jornalísticas, conforme observa Tuchman (1978), para cobrirem um maior número de acontecimentos, utilizam três estratégias: a territorialidade geográfica – dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial –; a especialização organizacional – estabelecendo “sentinelas” em certas organizações que, do ponto de vista jornalístico, produzem acontecimentos noticiáveis –; e a especialização em termos de temas – auto-dividindo-se por seções, no caso dos impressos, e em programas segmentados, no caso dos meios eletrônicos.

Pode-se dizer que o estabelecimento destes critérios para atender o quesito espaço significa a imposição de uma ordem no mundo social, pois permite que acontecimentos noticiáveis ocorram mais em certas localidades e não em outras. No Brasil, por exemplo, é inegável a existência de grandes lacunas na divulgação de acontecimentos que fujam ao eixo dos grandes centros urbanos. Uma das razões disso é que a concentração dos recursos das empresas jornalísticas também está firmada em termos de territorialidade geográfica, mais precisamente em centros urbanos no Sudeste do país.

Ainda no que diz com a rotinização do trabalho jornalístico, além dos fatores tempo e espaço, um outro canal para a formulação da notícia é importante, a saber, a definição das fontes. Sobre a questão Traquina (1998) tece as seguintes considerações. O jornalista deve entender que as fontes de informação não são desinteressadas, e, por isso, estabelecer uma relação de credibilidade de ambas as partes é fator imprescindível. Porém, o processo para que tal fato ocorra é moroso. O ato de revelar a identidade da fonte, ou a quebra de sigilo, é considerado um ato grave. No entanto, uma vez que a relação pressupõe confiança e autenticidade entre a fonte e o jornalista, a violação desta regra, libera qualquer uma das partes do compromisso assumido de manter o sigilo da fonte e a verdade sobre os acontecimentos que revela, conforme explica José Pedro Castanheira (1985).

Outra consideração diz respeito à credibilidade das fontes. No campo jornalístico, espera-se que quanto mais alta for a posição do entrevistado, melhor é a fonte de informação. Sousa (2002) afirma que essa convenção segue o raciocínio de que a posição de autoridade confere credibilidade, partindo do pressuposto que algumas pessoas, pelas posições que ocupam, sabem mais informações do que outras, fazendo com que sejam favorecidas no processo de produção da notícia.

Nesta perspectiva, compreendemos que nem todas as fontes têm acesso igual aos meios de comunicação. Pelo contrário o acesso é estratificado socialmente. Assim, para ganharem voz, as pessoas que poderiam representar uma diversificação nas notícias divulgadas pelos meios de comunicação precisam causar um efeito-surpresa ou uma desordem no processo de produção da notícia, ou seja, perturbar a ordem social. A dependência com relação aos canais de rotina formais, como recorrer as mesmas fontes constantemente também estabelece uma interdependência que muitas vezes deturpa o processo de produção da notícia.

Conforme verificaremos, o processo de produção da notícia encontra barreiras em todas as suas etapas, o que reflete inexoravelmente no resultado final, ou seja, nas notícias que lemos, ouvimos ou a que assistimos diariamente. Até mesmo em centros urbanos, onde estima-se que a geração de acontecimentos é maior, e as organizações jornalísticas oferecem condições próximas às ideais, como existência equipe capacitada e infra-estrutura para se trabalhar; o trabalho jornalístico por vezes é

deturpado e sofre duras críticas pela qualidade e tendenciosidade dos fatos. “Não é que a mídia comercial não seja legítima. O que se questiona é a prática da subserviência política e econômica em detrimento do interesse público e do jornalismo de qualidade”. (Peruzzo, 2002, p. 79). Se o cenário descrito acima é verificado na esfera nacional e regional, quando focamos a análise no local, especificamente na região da fronteira sul-mato-grossense, observamos que, além dos fatores tradicionais, alguns outros contribuem para alterar o processo de produção da notícia.

Traquina (1998) sublinha que é comum observar que as regiões pertencentes aos “buracos” territoriais são objeto de divulgação jornalística em casos de desordem natural (cheias, por exemplo), desordem tecnológica (acidentes), desordem social (distúrbios ou corte de estradas) ou desordem moral. Essa representação é pertinente quando analisamos o caso da fronteira sul-mato-grossense na confrontação com o Paraguai ou a Bolívia. Quando ocorrem divulgações em níveis nacional ou regional, este espaço limítrofe é sempre retratado com forte ênfase no aspecto negativo – as cheias do Pantanal, tráfico de drogas ou crimes de pistolagem. A notoriedade também é critério determinante nestas áreas urbanas do país. Assim, visitas do presidente da República e ministros representam fator de noticiabilidade.

Com relação à especialização organizacional, um dos requisitos importantes é a presença de profissionais do campo jornalístico, como os assessores de imprensa, que fazem com que em um determinado momento um acontecimento seja notícia e em outro, não. Na região da fronteira é comum também que a prática profissional seja exercida em vários veículos locais ou ainda em alguma mídia local concomitantemente a algum órgão público, como a assessoria de imprensa. Isso facilita o acesso às fontes, porém provoca uma tendenciosidade na divulgação, uma vez que se tornam notícias os assuntos que se configuram como mais fáceis de se apurarem ou os que são importantes para os órgãos onde atuam como assessores de imprensa.

No que se refere ao item anteriormente explicitado, há que se fazer um contraponto. Ao mesmo tempo em que o trabalho do profissional da área (assessor de imprensa) facilita o dia-a-dia da redação, ele gera também um excesso de informações. Assim, para Tuchman (1973), os jornalistas tentam impor um ritmo e criar a rotina do inesperado. Desta forma, eles tendem a concentrar sua atenção em um número

relativamente pequeno de agentes cuja posição em certas organizações ou instituições lhes garanta o privilégio de notícias ou repercussões com fontes exclusivas.

Quanto à especialização temática, existe grande homogeneidade entre os diferentes produtos jornalísticos: nacional, internacional, informação geral, cultura e desporto são os enfoques habituais de grande parte da imprensa e da programação radiofônica. Na fronteira sul-mato-grossense, além dos programas de variedade, verifica-se expressivo número de programas esportivos, principalmente ligados à atividade futebolística. No âmbito que foge ao local, as notícias divulgadas são retiradas quase que na totalidade de *sites* de notícias nacionais como BOL, UOL, Terra, entre outros.

Se o cenário de composição da notícia jornalística é complexo e dinâmico, e nos remete a um mundo marcado pelos processos de globalização e dos meios de comunicação de massa, diminuindo fronteiras no sentido do repasse das informações, acreditamos que, mesmo neste contexto, a comunicação local está conquistando terreno. Isso se deve a uma demanda social por uma comunicação mais próxima à vida e aos interesses dos cidadãos. Segundo Peruzzo (2002), as comunidades apreciam as vantagens da globalização, no entanto, elas almejam também poder verificar sua história e cultura expressas nos meios de comunicação ao seu alcance.

Correia (2000) assevera que, enquanto na chamada comunicação social nacional já se tem verificado todo um ciclo de industrialização do jornalismo, na comunicação social regional é possível identificar alguns traços típicos do jornalismo pré-industrial, como, por exemplo, as escassas conexões com a publicidade, uma forte relação entre as elites locais e os meios de comunicação, ênfase no artigo de opinião e na colaboração externa, e reconhecimento recíproco e partilhado por produtores e receptores quanto aos fatos e realidades que compõem a mensagem jornalística.

Nesta perspectiva, podemos nos questionar que tipo de papel cumprem os meios de comunicação regionais e locais. Recorrendo-se às funções clássicas da comunicação – como informar, formar e entreter – pode-se dizer que eles, meios de comunicação regionais e locais, devem assumir também a responsabilidade pelas trocas de informações que podem integrar, reintegrar ou desintegrar constantemente os membros da comunidade. Segundo Camponez (2002), essa função simbólica de

informação é fundamental, pois é ela que agudiza o sentimento de pertença e estreita laços de identidade.

Dessa forma o autor chama a atenção para o fato de que os meios de comunicação que operam em nível local, inclusive os comunitários, conseguem maior credibilidade quando conseguem explorar as próprias dimensões do local – dimensões essas categorizadas por Ortiz (1999) e Bourdin (2001) como de proximidade, no sentido de pertencimento, explorando os vínculos existentes entre pessoas que partilham de um cotidiano comum e a singularidade retratando os aspectos ligados a sua história, língua, cultura, costumes, valores, entre outros. Aliado a esses fatores, há também a diversidade, demonstrando as múltiplas diferenças e semelhanças do local, e a familiaridade, constituída a partir das identidades e raízes históricas e culturais.

Na conceitualização de Camponez (2002), a proximidade pode ser geradora do que denominamos de comunidades de lugar. O conceito reporta-se a uma proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados, e surge em contraposição ao conceito de “comunidades sem lugar”, ligadas por interesses e valores comuns, mas que não têm por referência um território específico.

Com relação à imprensa local, Camponez (2002, p.19) a define através das seguintes características:

[...] a sua forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. [...] A imprensa local constrói-se nesse compromisso com a região e com as pessoas que a habitam.

Dessa forma, a imprensa local pode ser caracterizada como um recorte parcial de um espaço mais vasto, que pode resultar em um jornalismo de proximidade, comprometido com a região e a comunidade do entorno. Camponez (2002, p. 128) explica que, na prática, o jornalismo de proximidade deve ser mais próximo dos cidadãos, e os próprios meios locais, com relação ao conteúdo divulgado, devem privilegiar a reformulação discursiva da memória coletiva, as maneiras específicas de

utilização da língua, as formas de contar histórias, a organização da informação. Na proposta do autor, o conceito de proximidade resulta de uma geometria variável, cujo enfoque está em uma “geometria da identidade, com tudo o que isso implica de criação e recriação, do que em uma identidade geográfica propriamente dita”.

Se jornalismo de proximidade está vinculado à questão da divulgação de fatos relevantes no âmbito da comunidade local, um gênero importante neste contexto é a prestação de serviço. Focaremos nossa definição no gênero radiofônico, tendo em vista os objetivos a serem alcançados com o desenvolvimento da tese. Segundo a definição de Barbosa (2003, p. 134), a prestação de serviço é um informativo que “deve atender às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio”.

Atualmente, existem emissoras que mantêm programação voltada exclusivamente para a prestação de serviço. Como exemplificação deste gênero podemos citar informações sobre o trânsito, condições meteorológicas, anúncios de concursos, campanhas de vacinação, divulgação dos prazos para declaração de imposto de renda, entre outros. Assim, segundo Barbosa, este tipo de divulgação ganha dimensão maior do que o mero repasse de informações no momento em que o direito à cidadania ganha destaque no país.

Na fronteira sul-mato-grossense, no entanto, para alcançar estes objetivos, devem-se solucionar, antes, problemas de ordem social, econômica e política que podem tornar essa mídia local suscetível e alterar a produção dos conteúdos jornalísticos expressos através das notícias. Um dos pontos seria a dependência dos meios em relação ao poder político local e por vezes ao poder de organizações que exercem atividades ilícitas. As conseqüências mais diretas são a ausência de informação isenta, o uso indiscriminado das mesmas fontes e a falta de critérios de noticiabilidade – como o fato de se negar qualquer repercussão de temas como tráficos de drogas. A parte publicitária também é prejudicada, uma vez que os poderes estadual e municipal representam os maiores anunciantes das mídias.

Outro empecilho é a falta de estrutura organizacional e empresarial no campo jornalístico. A maior parte dos investimentos está ligada a iniciativas isoladas de empresários com aspirações políticas, que já nascem fadadas ao insucesso devido à

ausência de sustentabilidade econômica. Aliado a isso, verifica-se a falta de formação e de capacitação dos profissionais que trabalham na área da comunicação. Muitas vezes, observamos o desconhecimento das práticas de produção jornalística e até mesmo confusão com relação a alguns conceitos, como o de prestação de serviço. Conforme explicitamos acima, na fronteira sul-mato-grossense, o gênero de serviço ganha uma conotação comercial, através de anúncios de promoções do comércio local, e por vezes é confundido com assistencialismo, sob a forma de sorteios de cestas básicas.

Consideramos que o fator de formação, aliado à falta de infra-estrutura para o desenvolvimento do trabalho, são responsáveis também pelo desencadeamento de outros problemas, como a reprodução na íntegra de matérias coletadas em *sites* de notícia regionais e nacionais ou em jornais diários. Ainda ferindo o tema da infra-estrutura, observa-se que em algumas redações não há linhas telefônicas disponíveis para a realização de entrevistas ou para a participação do público, ou são permitidas somente ligações locais. Aliás, a prática do “control C – control V” (cópia e cola de textos), é recorrentes na fronteira de Mato Grosso do Sul, se bem que ela não represente um caso isolado dentro do contexto nacional.

Por tudo isso, mesmo a fronteira sul-mato-grossense apresentando um processo de produção da notícia singular, entendemos que a revitalização das mídias locais na conjuntura da globalização representa um processo significativo na manutenção das identidades locais e no reconhecimento da comunidade através de suas histórias, seus modos de falar e de seu cotidiano. O Brasil é um país de grandes dimensões territoriais, e em cada Região é possível encontrar uma rica e complexa diversidade cultural, política, econômica e social. Conforme dissemos, os meios de comunicação de massa, através dos conteúdos jornalísticos e da programação de entretenimento, retratam essas realidades diversas. Assim, no próximo capítulo, passamos a discorrer sobre o rádio, um meio eminentemente voltado para a audiência regional e com características que possibilitam atingir praticamente 100% da população.

3 RÁDIO - UM PANORAMA HISTÓRICO E SOCIAL

Neste capítulo, abordaremos o meio rádio, um veículo que apresenta grande capacidade para se fazer presente no cotidiano das pessoas, devido ao baixo custo e à disponibilidade de recepção em praticamente todos os lugares, a toda hora. Assim, faremos um breve relato sobre a trajetória histórica do meio desde, a sua implantação no Brasil até a sua chegada no então Estado de Mato Grosso⁵. A partir das características gerais do meio de comunicação, trabalharemos com as potencialidades que fazem do rádio um veículo importante em regiões de fronteira e, particularmente, na fronteira sul-mato-grossense. Por fim, descreveremos as emissoras visitadas durante a pesquisa exploratória na faixa da fronteira paraguaia e boliviana, na confrontação direta com o Estado de Mato Grosso do Sul.

Criado, num primeiro instante, com o intuito de realizar a comunicação privada, confidencial entre as pessoas, em pouco tempo o rádio surpreendeu, tornando-se o meio de comunicação mais onipresente. Ainda hoje encontramos reminiscências que demonstram a importância que esse meio de comunicação apresenta, pois mesmo diante da sedução da televisão, o rádio ainda mantém, sem dúvida, popularidade e grande alcance público.

No Brasil, o meio, que teve sua primeira transmissão em setembro de 1922, no Rio de Janeiro, foi implantando com cunho educativo e cultural por uma elite para uma elite. Roquete Pinto, considerado o pai da radiofonia no País, instalou em 20 de abril de 1923a primeira estação de rádio. No dia 23 de abril daquele mesmo ano, começava a operar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Na década de 20 persistiram estas características iniciais deste meio de comunicação (a radiofonia ligada à elite e o desenvolvimento de programas educativos). Nos anos 30, devido ao formato que eles possuíam, os aparelhos de rádio passaram a ser designados “capelinhas”. Mais do que um nome, as capelas marcaram um período, caracterizado pelo fato de o rádio funcionar como principal agente de

⁵ O Estado de Mato Grosso do Sul foi desmembrado do Estado de Mato Grosso, sendo criado em 11 de outubro de 1977, através da Lei Complementar nº 31 e instalado em 1º de janeiro de 1979.

reunião da família, ocupando lugar de destaque nas salas e agrupando as pessoas para ouvirem as transmissões. Em pouco tempo, além de aglutinar o ambiente familiar, e em função do desenvolvimento de recursos técnicos como as ondas curtas, o rádio conquista outras audiências, passando a operar em redes nacionais.

Nos Estados Unidos, a partir da década de 30, forja-se a idéia de nação unificada através das transmissões em rede. Moreira *apud* Schiffer (2002, p. 74) relata que durante a Grande Depressão, apesar das diferenças de dialeto, comida e estilo de vida, que variavam de região para região, e das diferenças de renda e posição social presentes em todas as comunidades, os americanos passaram a compartilhar determinados valores e perspectivas fomentados pela programação radiofônica. “O rádio criou uma consciência nacional até então inédita”.

No Brasil, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945), é propagada, através das emissões radiofônicas, a idéia da união territorial, da criação de uma identidade cultural, e da integração com os países vizinhos. No Estado Novo (1937-1945), após Vargas ter dado o golpe de estado, o rádio passa a ser utilizado, sem disfarces, para o fortalecimento da ideologia do regime. Através do Decreto 1.915, de 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha como objetivos fazer censura prévia à imprensa; organizar um programa diário veiculado obrigatoriamente, em todo o território nacional, chamado “Hora do Brasil” – e que persiste até os dias atuais –; incentivar as relações comerciais por meio da transmissão em diversos idiomas; e autorizar previamente as emissoras nacionais a retransmitir programas estrangeiros.

O projeto ganha força com a instalação, em dezembro de 1942, da Rádio Nacional, uma das cinco emissoras mais potentes do mundo, que realizava a transmissão de programas diários em quatro idiomas. Neste período, o rádio conquista audiência também através de um novo formato radiofônico, os programas ficcionais representados pelas radionovelas. O público se rende ao meio, que vive sua época de ouro.

A década de 50 trouxe como novidade a televisão; neste período, apesar da forte influência da música estrangeira, em especial do rock’n roll, o rádio manteve público e

continuou como principal meio de comunicação. Já a partir dos anos 60, a televisão confirma sua importância. As perdas constantes de audiência e anunciantes exigem uma reestruturação na programação radiofônica. No início considerada como um rádio com imagens, a TV aos poucos foi se consolidando e conquistando cada vez mais audiência junto à população. Ortriwano (1985, p. 21) dá conta que, neste período, a produção radiofônica ficou praticamente nula, pois o rádio passou a operar com fitas e discos, trocou as novelas por notícias e as brincadeiras de auditório por serviços de utilidade pública.

As mudanças foram inevitáveis e se consolidaram na década de 80, quando o modelo norte-americano de programação radiofônica foi introduzido no Brasil, principalmente pelas emissoras em frequência modulada (FM). A partir dos anos 90, o rádio demonstra uma capacidade significativa de adaptabilidade da programação ao público, fragmentando as produções para audiências específicas. Por exemplo, o rádio e a televisão por cabo transmitiam diariamente, nos Estados Unidos, programas em vários idiomas, em especial o espanhol, visando conquistar audiência dos imigrantes latinos. Moreira (2002, p. 126) cita o surgimento, na mesma época, da primeira emissora (Native American) com programação em idioma e formato indígena, lançada no Novo México e dirigida para o povo da nação Navajos, habitante da maior reserva indígena dos Estados Unidos.

Como meio eficiente de informação, o rádio foi moldando-se a costumes e avanços tecnológicos, e, ainda hoje, consegue aliar bem agilidade, informação e prestação de serviços. Stephens (1993) defende que o meio sobreviveu e prosperou durante a era da televisão por causa da sua habilidade de alvejar grupos demográficos específicos, ou seja, por ser eficiente na realização da cobertura social. Moreira (2002) cita que no Brasil estima-se que o rádio atinja 98% da população e esteja presente em 90% dos lares, sendo distribuído em todas as regiões do país.

Pode-se dizer então que, se atualmente a televisão ocupa o horário nobre no cotidiano dos indivíduos, ainda assim o rádio preenche a maior parte do tempo das pessoas, seja em casa, no trabalho, ou no carro. Isso é possível graças a características

intrínsecas ao meio, lembradas por Ortriwano (1985), como a linguagem oral, onipresença, penetração, mobilidade, baixo custo, entre outros.

Beltrão *apud* Ortriwano (1985, p. 78) relata que a popularidade do meio deve-se a fatores como a capacidade do homem de captar e reter a mensagem falada e sonora mesmo quando está realizando outra atividade; e também em função da invenção do transistor, na década de 40, que garantiu mobilidade, fazendo com que o meio acompanhe o homem em praticamente todos os lugares. Outro fator importante é a penetração. É que, sem grandes complicações tecnológicas, o rádio é acessível e consegue chegar a lugares remotos, atingindo indivíduos de diversas faixas etárias e classes sociais. Até mesmo locais que não contam com energia elétrica podem fazer uso do rádio a pilha.

A onipresença é outra característica do meio. O rádio acompanha o indivíduo em todos os lugares, seja no carro, no trabalho, em casa, durante os momentos de lazer ou no desenvolvimento de outras atividades, configurando-se como um companheiro de todas as horas. Aliado a isso, o imediatismo e a instantaneidade permitem aos ouvintes que se interessem sobre os assuntos praticamente no momento em que estão acontecendo. Daí a eficiência no uso do veículo para divulgar as condições de trânsito nos centros urbanos, nas transmissões esportivas, entre outros. O baixo custo, tanto na produção, se comparado com outros meios como o jornal e a televisão, quanto na aquisição dos aparelhos, contribuem ainda mais na disseminação do rádio em todas as camadas sociais.

Ao longo dos séculos, a voz humana e seus códigos constituíram-se em um importante mecanismo de comunicação mas pode-se dizer que a linguagem sonora ganhou nova dimensão, sendo profissionalizada, com a introdução do rádio. Como em uma aldeia, cumprindo papel eminentemente antropológico, conforme explicam McLuhan (1964) e Fernando Vásquez Rodríguez (1998), o rádio tem o poder de reunir, aglutinar, tribalizar. McLuhan afirma que, “assim como a imprensa clamava pelo nacionalismo, o rádio clama pelo tribalismo”. O meio atua como uma força sensível, já que uma de suas características, a oralidade, remete diretamente a nossa

intimidade. Através da oralidade, da melodia, da voz, o rádio transforma-se em um convite rumo ao imaginário das pessoas.

O rádio também afeta as pessoas emotivamente oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. O aparelho envolve o receptor, despertando sensações e, até mesmo, situações, nas quais imperam a imaginação e a emoção. O envolvimento emocional a que se refere McLuhan é provocado pela imagem auditiva do rádio, que é aquela criada quando todos os sentidos são ativados para completar a imagem acústica.

Segundo Morin (1975), o cinema foi, até a década de 1950, o meio que impulsionou a cultura de massa⁶, a gerar novos hábitos na população. O público não ia ao cinema “para sonhar, mas para aprender”. A popularização do rádio não foi diferente. Barbero (1997, p. 235) relata o pioneirismo do radioteatro na América do Sul. Para o autor, a popularização e o sucesso desse gênero devem-se a fatores como a “proximidade de certas expressões do imaginário nacional e popular, da relação de algumas delas com processos de mitificação e crenças populares, ou com a formação da identidade social e cultural dos setores populares”.

Neste contexto, a elaboração de uma programação voltada para o regional contribui para os índices de audiência e para o reforço da identidade local e regional: “(...) de alcance universal, que pode levar a sua mensagem a qualquer parte do globo, no mesmo instante unindo populações antípodas – o rádio, entretanto, é de natureza eminentemente regional, quanto a sua principal audiência”. (Beltrão, 1968, p. 114).

A partir dos anos 80, pela própria exigência do mercado, e para atender a determinadas faixas da população, o rádio perdeu o caráter nacional, buscando a especialização. Essa mudança, e sua aceleração, foram estimuladas pela consolidação da indústria cultural. Ortriwano (1985) propõe existirem duas correntes verificadas a partir da tendência de especialização. A primeira seria a de emissoras se especializarem como um todo, a fim de oferecer programação para determinado público, garantindo aos anunciantes opção certa do público a ser atingido. A segunda

⁶ O termo cultura de massa significa o conjunto de comportamentos, mitos e representações, produzidos e difundidos conforme uma técnica industrial que acompanha a expansão da mídia. Daí também a expressão indústria cultural utilizada inicialmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer.

seria a de emissoras trabalharem diferentes horários de sua programação, atendendo diversas faixas de ouvintes e mantendo várias alternativas para os anunciantes.

As rádios podem, portanto, ser classificadas em rádios de alta e baixa estimulação, sendo as primeiras caracterizadas pela proximidade com a comunidade, prestação de serviços e transmissões relativas a esporte, e personalização do ouvinte; já as últimas caracterizam-se pela pouca atividade de serviço, prevalência de radiojornalismo generalizante, tendência para a cultura de classe média e de base estrangeira, entre outras, (Ortriwano, 1985). De um modo geral, as rádios de alta estimulação agregavam características referentes às emissoras AM's e as de baixa estimulação, às FM's. Neste período, algumas rádios se especializaram e conquistaram audiência também com a prestação de serviço.

Luís Fernando Santoro, no ensaio “Rádio e Educação” *apud* Moreira (1991, p. 42), ajunta que o rádio, antes de qualquer coisa, representa companhia e entretenimento, e, por ser um meio de comunicação ágil, muitas emissoras vêm apostando em especificidades como a prestação de serviços e o atendimento dos problemas cotidianos dos cidadãos. “Esclarecimentos, pedidos, conselhos, queixas, orientações, tudo é material pronto para ser divulgado [pelas emissoras] e consumido [pelos ouvintes fiéis] entre os intervalos comerciais”.

Na questão da regionalização, os âmbitos estadual e local da fronteira não fogem à regra. Em Mato Grosso do Sul, a exemplo do Brasil, a prestação de serviço está diretamente relacionada às emissoras que operam em amplitude modulada (AM). As rádios da Capital e do interior desenvolvem uma programação específica, caracterizada pela transmissão de recados para moradores de áreas isoladas, divulgação de campanhas de saúde, encaminhamento de problemas apresentados pela comunidade aos órgãos competentes, entre outros. As emissoras em FM são as que agregam maior audiência, no entanto, a programação musical é marcada pelos estilos comerciais da atualidade e o jornalismo restringe-se a boletins informativos de hora em hora, coletados em *sites* de notícia e jornais impressos.

É sabido que os fatos noticiados através dos jornais, noticiários de rádio, telejornais ou ainda através da *internet* passam a representar tópicos de discussão no

ambiente de trabalho ou familiar dos ouvintes. Dessa forma, a comunidade regional pode estar conectada globalmente, recebendo uma série de informações de diferentes veículos. No entanto, é através da produção local que a população local se vê, se ouve e se reconhece.

Atualmente, em virtude da quantidade de veículos e de informações disponíveis, as pessoas tendem a selecionar os meios com os quais mais se identificam ou que lhe são mais acessíveis. Em comunidades interioranas, caso da fronteira sul-mato-grossense, devemos considerar o papel que a mídia local representa, tornando-se agente dos acontecimentos devido à sua proximidade com a população e com as instituições sociais onde está inserida. Neste contexto, a mídia configura-se também como uma construtora simbólica do conceito de fronteira, em seus pontos de negociação e de tensão, tendo em vista a proximidade geográfica e a internacionalidade da vida local, representada pela vivência cotidiana das comunidades.

Como já dissemos, as matérias veiculadas pela mídia nacional retratam, geralmente, o aspecto da criminalidade e de contravenções que acontecem na fronteira sul-mato-grossense. Raras são as vezes que as cidades fronteiriças sul-mato-grossense são notícia por outros motivos. A reprodução dos acontecimentos locais negativos, por programas radiofônicos que apresentam grande inserção na comunidade local, pode reforçar ou alterar valores presentes na comunidade, porquanto, os acontecimentos podem ser evidenciados, negligenciados. Por isso, a possibilidade que a mídia radiofônica local tem para retratar outros aspectos da fronteira é importante até mesmo para um reconhecimento mais positivo da comunidade.

Por todas essas particularidades, atuando em um espaço que extrapola o geográfico, o rádio pode representar um elemento ativo nos processos sociais em desenvolvimento nos territórios fronteiriços, conforme afirma Raddatz (2005). Como meio de comunicação de massa, ele é um eficiente instrumento de circulação de informações, atingindo localidades próximas geograficamente e que compartilham um cotidiano marcado por manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais comuns. Por apresentar um papel importante nos processos sociais, o meio poderia

mais do que repassar informações – ele poderia se tornar um agente integrador, que contemplasse a dinâmica na fronteira.

Apesar de o rádio ser um meio tradicional no Estado, verificamos escassos registros históricos – e por isso pouco se sabe – sobre a influência desta mídia no cotidiano das pessoas. No âmbito regional, no final da década de 30, mais precisamente em 1936, são fundadas as primeiras emissoras de rádio no então Estado de Mato Grosso – Voz do Oeste e Sociedade Rádio Difusora, em Cuiabá e Corumbá, respectivamente.

As transmissões radiofônicas na região da fronteira sul-mato-grossense representam bem as potencialidades do meio diante das diversidades sociais, econômicas e políticas locais, por assumirem um importante papel na divulgação de informações jornalísticas para as comunidades. Nesta área, o rádio atua como principal instrumento de disseminação da informação diária, conforme demonstra dissertação de Fonseca Júnior (1998). Verificamos, outrossim, que meios como a televisão, *internet* e jornais também são responsáveis pela divulgação dos conteúdos jornalísticos. No entanto, questões sociais e econômicas limitam o acesso da comunidade a esses meios. Para parte da população, o acesso à televisão e à *internet* é limitado ou inexistente, e o jornal apresenta a barreira econômica de precisar ser adquirido através de compra ou assinatura. “As carências sociais são muitas. Na fronteira de Corumbá, por exemplo, algumas pessoas assistem televisão somente em alguns horários, para economizar energia elétrica. Na parte boliviana, o acesso à *internet* banda larga, até mesmo para as emissoras de rádio, é muito difícil. Trabalhamos com o acesso [com] a rede caindo a todo momento”, explica Ivelyn Santos, sócia proprietária da rádio FM Melodia em Puerto Quijarro.

Assim, discorrer sobre as rádios instaladas na região da fronteira envolve necessariamente identificarem-se carências com relação à infra-estrutura e recursos humanos. No entanto, em se tratando de radiodifusão, surge um quadro peculiar para análise, por essa mídia representar um agente dos acontecimentos, registrando as inúmeras trocas realizadas no cotidiano pelas comunidades. Outra característica que também particulariza o meio na área fronteira é o intercâmbio, representado pela rotatividade, em alguns programas, de locutores brasileiros, paraguaios e bolivianos.

Moreira (2002) relata que nos anos 40, nos Estados Unidos, e 60, no Brasil, a figura do *disc jockey* (locutor-apresentador) imprimia aos programas uma característica tipicamente local, ou seja, representava um reflexo direto da cultura da própria comunidade.

Nas rádios de fronteira sul-mato-grossense, o vínculo de alguns locutores com a comunidade é forte. Chegam a ser vistos como porta-vozes de problemas, a serem relatados aos órgãos competentes. Tal fato é contraditório com maior frequência nas emissoras AM's, uma vez que muitas das FM's optam pela transmissão em rede feita por locutores que se alternam nas apresentações, sem ter um programa fixo, além do que, nas emissoras AM's, as notícias e os programas de entretenimento privilegiam o âmbito local.

A linguagem e o conhecimento popular locais expressos nas falas dos profissionais são um fator importante também, pois evidenciam que os locutores pertencem à população fronteiriça e conhecem suas virtudes e malezas. Localmente, ao inverso do que acontece nas redes nacionais, o programa “pertence” ao locutor, pois, encerradas as transmissões em determinada emissora, quando o profissional é contratado por outra empresa, ele leva junto o formato e o nome do programa. Podemos exemplificar com o programa “Viola Minha Viola” apresentado há dezesseis anos por Antônio Morato, que iniciou com o formato na Rádio Ponta Porã AM e atualmente trabalha na Super Fronteira AM.

Na conquista da audiência nas comunidades fronteiriças, um aspecto que poderia representar fator limitador – a saber, a diferença de idiomas – também é superado. A mistura de línguas não é fato recente e denota a própria constituição territorial da fronteira. Melo e Silva (2003, p. 82) pondera que: “(...) da mistura do castelhano com o guarani e o português resulta um quase dialeto que falado na Avenida Rio Branco ninguém entenderia”.

O autor também cita e chama de vulgar expressões utilizadas entre brasileiros como “buenos dias”, “buenas tardes”, “buenas noches”, “adiós”, e outras. Entre outros, o autor registra também o uso comum de palavras que denotam esta mescla como: impieçar, enfermar, aquilar, cambiar, acostar – ao invés de começar, adoecer, alugar, mudar ou trocar. Melo e Silva (2003, p. 201) explica ainda que, ao contrário do que se

deu no Brasil, onde o tupi se infiltrou no português, enriquecendo a língua de Castilho com um grande número de vocábulos, o castelhano invadiu de tal forma o guarani, que disso resultou o desaparecimento de mais da metade dos elementos que constituíam a riqueza desse idioma.

Assim, o uso cotidiano de expressões e os laços familiares que foram sendo estabelecidos ao longo dos anos permitem que as rádios transmitam seus conteúdos em dois ou três idiomas, sem prejuízos de entendimento e de audiência por parte das comunidades. Apesar destas facilidades, verificamos que a maior parte das produções das emissoras ainda é solitária, não havendo indícios no sentido de se pensar um processo de integração maior entre os países, utilizando o rádio como ligação.

Na América do Sul, em 1993, um importante acordo foi firmado em Porto Alegre (RS) entre os países membros do Mercosul e o Chile, criando-se a Rede Conesul de Comunicação. O objetivo era promover a colaboração mútua na parte técnica, comercial e de informação entre as emissoras Rádio Gaúcha (Porto Alegre), Ñanduti (Assunção), Carve (Montevideu), Mitre (Buenos Aires) e Cooperativa (Santiago). No entanto, conforme relata Raddatz (2003), apesar de representar um passo fundamental na questão da integração, a iniciativa tem ficado muito mais na troca de informações do que propriamente no estabelecimento de produções conjuntas de rádio.

3.1 Rádio na fronteira de Mato Grosso do Sul

Todos os municípios de Mato Grosso do Sul que fazem fronteira seca com países vizinhos contam com emissoras de rádio, instaladas no Brasil, no Paraguai ou na Bolívia, que transmitem programas para as comunidades. Por exemplo, nos dez municípios – Antônio João, Bela Vista Caracol, Coronel Sapucaia, Corumbá Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã, Porto Murtinho e Sete Quedas – verificamos a existência de rádios bilíngües (português e espanhol) e trilingües (português, espanhol e guarani).

Tabela 01 - Emissoras dos municípios da fronteira de MS ⁷

Município	Emissora	Localização da sede	Frequência
Antônio João	Associação de Integração Comunitária Novos Tempos	Antônio João (Brasil)	104,9 FM
Bela Vista	Rádio Bela Vista – A Voz do Apa	Bela Vista (Brasil)	1440 AM
	Rádio Frontera	Bella Vista (Paraguai)	94,0 FM
	Rádio Cidade	Bella Vista (Paraguai)	104,0 FM
Caracol	Associação Comunitária para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (Codecol FM)	Caracol (Brasil)	87,9 FM
Coronel Sapucaia	Rádio Metrópole	Capitán Bado (Paraguai)	103,5 FM
	Rádio Conquista	Capitán Bado (Paraguai)	90,5 FM
Corumbá	Rádio Difusora Matogrossense	Corumbá (Brasil)	1360 AM
	Rádio Clube de Corumbá	Corumbá (Brasil)	1410 AM
	Transamérica Hits	Corumbá (Brasil)	92,9 FM
	Bandeirantes (FM Cidade)	Corumbá (Brasil)	94,3 FM
	Comunitária Pantanal	Corumbá (Brasil)	87,9 FM

^{7 7} Tabela montada a partir de pesquisa exploratória, em que foram percorridos os dez municípios de Mato Grosso do Sul que fazem fronteira seca com o Paraguai ou Bolívia. As visitas tiveram início em julho de 2003 e aconteceram até maio de 2006.

	FM Melodia	Puerto Quijarro (Bolívia)	96,3 FM
Mundo Novo	Rádio Canindeyú	Salto del Guayrá (Paraguai)	95,7 FM
	Rádio Mundo Novo	Mundo Novo (Brasil)	105,5 FM
Paranhos	Rádio Aparai	Ype Jhu (Paraguai)	74,1 FM
	Rádio Amizade	Ype Jhu (Paraguai)	106,3 FM
Ponta Porã	Rádio Ponta Porã (Hits)	Ponta Porã (Brasil)	1110 AM
	Super Fronteira	Ponta Porã (Brasil)	670 AM
	Nova FM	Ponta Porã (Brasil)	96,9 FM
	Rádio Amambay FM	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	100,5 FM
	Rádio MBurucúya	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	980 AM
	Cero Corá	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	91,5 FM
	Rádio Amambay AM	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	570 AM
	Rádio Frontera	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	98,5 FM
Porto Murtinho	Rádio Alto Paraguai	Isla Marguerita (Paraguai)	88,1 FM
Sete Quedas	Rádio Educadora	Pindoti (Paraguai)	91,3 FM

Para a população dos municípios de Coronel Sapucaia (Rádio Metrópole FM 103,5 e Rádio Conquista FM 90,5), Paranhos (Rádio Aparai 74,1 FM e Rádio Amizade 106,3 FM), Porto Murtinho (Rádio Alto Paraguai 88,1 FM) e Sete Quedas (Rádio Educadora 91,3 FM), as únicas rádios com transmissão local ficam no Paraguai. As emissões dos programas são feitas em dois idiomas – português e espanhol.

No caso de Sete Quedas, por exemplo, o diretor-presidente da rádio Educadora, Salatiel Adriano de Assis, é brasileiro, e o endereço para correspondência e telefones para contatos também são do Brasil. Essas questões não trazem implicações, uma vez que há proximidade entre as cidades e facilidade de trânsito, pela ausência de barreiras formais ou naturais. “Enquanto não sai a autorização para funcionamento da rádio comunitária em Sete Quedas, trabalhamos no Paraguai. No Brasil, as autorizações demoram demais. É muita burocracia”, avalia Assis⁸.

Paranhos também retrata a situação verificada anteriormente. O diretor da rádio Amizade, Antônio Dantas, é chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de Paranhos, e diz que a “necessidade de comunicação e de entretenimento para a comunidade da fronteira é que faz com que os empresários instalem emissoras no Paraguai. No Brasil é muito difícil, o processo é moroso, e até mesmo os equipamentos são mais caros. A situação é boa, pois atende e faz a integração entre os municípios paraguaios e brasileiros”, avalia.

Em Antônio João (Rádio Associação de Integração Comunitária Novos Tempos 104,9 FM) e Caracol (Associação Comunitária para o Desenvolvimento Artístico e Cultural – Codecol 87,9 FM), as sintonias são feitas apenas em uma única rádio, instalada nos municípios brasileiros. Assim, as emissoras fazem as transmissões somente em português, e não há locutores paraguaios trabalhando no local. Já em Bela Vista, a emissora Rádio Bela Vista 1440 KHz AM – A Voz do Apa concorre com a Rádio Frontera 94,0 e a Rádio Cidade 104,0 FM, instaladas no Paraguai, situação que se repete em Mundo Novo, onde a rádio Mundo Novo 105,5 FM compartilha audiência com a Rádio Canindeyú 95,7 FM, em Salto del Guayrá.

⁸ Entrevistas concedidas em visita às rádios realizadas de abril a setembro de 2005. Íntegra em formato digital anexado a tese.

Nos municípios que contam com emissoras instaladas no Brasil ou no Paraguai, uma particularidade é o aumento significativo de audiência da rádio paraguaia entre 18 e 19 horas quando as rádios brasileiras entram em rede para a transmissão do programa “Hora do Brasil”⁹. Para os empresários da fronteira sul-mato-grossense, a instalação das emissoras no lado paraguaio ainda oferece essa vantagem: “não temos que transmitir o programa, e, pelo que constatamos, as pessoas também não gostam de ouvir. Por isso as que têm opção mudam a sintonia mesmo. Com as emissoras instaladas em território paraguaio, não temos esse problema, pois a transmissão nem existe”, explica Assis.

Já em Corumbá e Ponta Porã, municípios da fronteira a abrigarem maior número de rádios, também verifica-se que as facilidades burocráticas do lado paraguaio e boliviano faz com que empresários instalem emissoras “binacionais”. O termo está entre aspas, pois o pertencimento a dois países não ocorre de direito, ou seja, legalmente. As empresas radiofônicas assumem a postura de divulgar informações e atender às comunidades de ambos os países, porém pertencem ao Paraguai ou a Bolívia, não havendo qualquer solicitação em trâmite para que as emissoras possam realizar as transmissões nas duas localidades. Na verdade, trata-se emissoras estrangeiras, que mantém alternância de locutores brasileiros, paraguaios e bolivianos durante a programação. Também não há produções conjuntas entre os profissionais.

Nestas regiões, as emissoras radiofônicas conquistaram audiência e credibilidade, e, apesar da crise financeira que as rádios brasileiras, em especial, têm enfrentando, as emissoras conseguem manter um público cativo. Por representarem cidades de grande porte em nível estadual, as transmissões em rede diferem as veiculações dos dois municípios em relação às demais cidades que compõem a fronteira seca sul-mato-grossense. Essa parceria com empresas nacionais tem alterado o formato dos programas, fazendo com que os mesmo percam o aspecto regional.

Na fronteira do Brasil com o Paraguai ou a Bolívia, as músicas enfatizavam, de início, a regionalidade. As polcas, guaranias, chamamés, entre outros, ocupavam mais

⁹ Em Mato Grosso do Sul em função do fuso horário, o programa Hora do Brasil é exibido, simultaneamente ao horário de Brasília, das 18 às 19 horas.

de 50% da programação. A parte jornalística também enfocava os problemas da fronteira e da comunidade do entorno. A partir dos anos 90 ocorrem alterações bruscas nas rádios, verificadas principalmente nas emissoras brasileiras. Com o advento tecnológico, e para reduzir custos, algumas empresas passaram a operar através de rede – como a Bandeirantes, a Transamérica e a Jovem Pan. Na parte jornalística, as notícias passaram a repercutir fatos nacionais. As informações locais passaram a ser pouco exploradas, em função da falta de infra-estrutura, como linha telefônica no estúdio, além do que os locutores optaram pelas facilidades da *internet*.

As transmissões em rede também acabam padronizando os conteúdos e restringindo as discussões locais, uma vez que impõem estilos musicais e formatos de programas que são gerados nos grandes centros do país e copiados pelas emissoras do interior. Tocar os estilos que fazem sucesso em outras emissoras populares do país gera a sensação de que os ouvintes da mídia local são cosmopolitas. A prática agrega principalmente o público jovem e é mais evidenciada nas rádios FM's. No entanto, é de notar-se também que as emissoras que não estão em rede destinam os primeiros horários da manhã principalmente para programação musical regional, contemplando os estilos denominados fronteiriços.

As rádios de fronteira acompanham a especialização verificada por Ortriwano (1985, p. 132). As AM's têm maior preocupação com o âmbito local e trabalham com prestação de serviço. Já as FM's têm programação musical fundamentalmente estrangeira e transmissão de boletins informativos, em geral com informações retiradas de sites de notícias. Na fronteira, constatamos que tanto emissoras em amplitude modulada quanto em frequência modulada operam em rede. Um dos agravantes da prática é que as emissoras nacionais acabam por excluir a participação da comunidade e padronizam a programação para que ela possa ser utilizada em vários Estados brasileiros.

Solicitação de músicas ou outros pedidos ficam restritos a telefonemas (cujo número não é local) ou a *e-mails*, que nem sempre são atendidos; as informações jornalísticas abrangem fatos nacionais e que repercutem em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, principalmente. Em Ponta Porã há uma emissora – Ponta Porã AM – que

opera pelo sistema Transamérica, em Corumbá são duas emissoras FM – Rádio Bandeirantes e Rádio Transamérica Hits.

No entanto, com relação à produção jornalística local, despontam iniciativas, mesmo nas emissoras que transmitem em rede, de ocupar um tempo do noticiário nacional inserindo informações referentes ao entorno. Contudo, os fatos que deveriam ser gerados na comunidade acabam retratando assuntos veiculados nos *sites* de notícia, devido ao uso indiscriminado desta fonte de informação. *Sites* nacionais como UOL, BOL, e Terra, e locais como Campo Grande News e Midiamax, são as fontes de informações dos boletins e programas. Os *sites* de notícia facilitaram o trabalho jornalístico nas rádios, uma vez que eles agregaram algumas características de linguagem do meio, como textos curtos, parágrafos enxutos, agilidade na divulgação das informações, entre outros.

Esse agendamento externo pode propiciar um reflexo negativo para as comunidades locais. Ao aproveitar as notícias geradas nas mídias nacional e da capital, as rádios limitam as transmissões às informações com uma abordagem que não foi feita localmente. Muito pelo contrário, a apuração da notícia se deu a quilômetros de distância e nem sempre ouviu todas as fontes envolvidas no assunto. Assim, esse aproveitamento de notícias decorrente da falta de infra-estrutura e de formação profissional faz com que, muitas vezes, seja gerado um conhecimento parcial sobre a realidade dessas populações que vivem na fronteira.

Se o jornalismo já representa um cenário *sui generis*, a abordagem comercial não o é em menor proporção, pois ela acaba refletindo diretamente nos conteúdos que são divulgados pela mídia radiofônica. Assim como outros veículos, o rádio sobrevive de recursos advindos de anúncios publicitários e venda de horários na programação. As igrejas colaboram com uma parcela expressiva da remuneração das emissoras fronteiriças, pois os programas de evangelização têm conquistado cada vez mais audiência, fazendo com que as igrejas ampliem a compra dos horários que ocupam nas rádios. Na região da fronteira, a existência de pastores e padres locutores é verificada

em praticamente todas as emissoras.¹⁰ Constitui-se também em prática comum as emissoras serem “apadrinhadas” por políticos ou por pessoas ligadas ao narcotráfico.

Isso poderia explicar o fato de as notícias sobre apreensões e tráfico serem intensas no noticiário regional, mas escassas ou tratadas com outra abordagem no local. No entanto, essas nuances observadas nos meios de comunicação na maioria das vezes só são perceptíveis para alguns moradores do local, que reconhecem os personagens, a filosofia do veículo e o cenário em que o fato está acontecendo. Dessa forma, o rádio agrega valor a um conjunto de elementos que podem dinamizar as trocas de informações entre as comunidades, estimulando ou silenciando algumas discussões.

Neste contexto, poucas experiências têm demonstrado que é possível a interação entre as comunidades fronteiriças através da mídia. Na fronteira Brasil-Paraguai, verifica-se tal fato a partir dos referenciais das emissoras instaladas em Pedro Juan Caballero, que funcionam em horários intercalados com locutores transmitindo em português, espanhol e guarani. Já na confrontação geográfica entre Brasil e Bolívia, tal prática também é encontrada em emissoras de Puerto Quijarro, com horários intercalados com locutores brasileiros e bolivianos.

Os fatores que levaram a esse compartilhamento de espaço na programação, especificamente por empresas radiofônicas do Paraguai e da Bolívia, podem ser evidenciados a seguir quando descrevemos sucintamente um pouco da história e os contextos que envolvem as emissoras na região da fronteira na confrontação geográfica citada anteriormente. Julgamos que a iniciativa é relevante, uma vez que a história das emissoras radiofônicas instaladas em Corumbá-Puerto Quijarro e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero não está registrada formalmente, sendo mantida para as gerações através da tradição oral.

¹⁰ Vide tabela de programação de todas as emissoras no Anexo 02.

3.2 Rádios em Corumbá-Puerto Quijarro

O surgimento das emissoras radiofônicas em Mato Grosso do Sul remonta à região de Corumbá. A primeira emissora instalada no então Estado de Mato Grosso foi a Rádio Difusora Matogrossense Ltda, em 1936. Atualmente, o município conta com duas emissoras AM's (Rádio Difusora Matogrossense e Rádio Clube de Corumbá) e três emissoras FM's (Transamérica Hits, Bandeirantes e a comunitária Pantanal). A quarta emissora é a única rádio binacional da região da fronteira – FM Melodia –, e localiza-se na cidade boliviana de Puerto Quijarro. “Por ser binacional, a rádio é brasileira e boliviana. Toda a infra-estrutura fica em Quijarro, mas o objetivo sempre foi atender às duas comunidades”, relata Ivelyn Santos, sócia proprietária da FM Melodia.

Em Puerto Quijarro existem cinco rádios FM's – Carolina, Latina, Tamengo, Alfa e Ômega e Pantanal. De acordo com o presidente da Federação dos Jornalistas em Puerto Quijarro, Raul Montenegro, a mais antiga é a Rádio Tamengo, fundada na década de 70. De acordo com o presidente, o histórico dessas emissoras é muito difícil ser levantado. “Os arquivos não foram preservados, as novas gerações passaram a trabalhar nas emissoras com uma programação jovem, mas infelizmente desconhecem a história das rádios”, afirma Montenegro. Como presidente da Federação, um de seus objetivos é resgatar e preservar a história das emissoras. Formalmente, também não é possível verificar as datas de fundação, uma vez que a documentação obrigatória não se encontra nas emissoras. O município conta ainda com dois sistemas de televisão de produção local, o Canal 2 e o Canal 8 – Sistema Fronteiriço de Televisão, este último com grande audiência em Puerto Quijarro e Puerto Suarez. A captação do Canal 8 também é possível em Corumbá.

Tabela 02 - Emissoras em Corumbá-Puerto Quijarro

Corumbá AM				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Rádio Difusora Matogrossense Ltda	1936	Uriel Raghiant	5 às 22 horas	Primeira da fronteira Brasil-Bolívia. Pertence ao Grupo Pantanal
Rádio Clube de Corumbá	1956	Luiz Fabrício Silva de Arruda	4 às 22 horas	Músicas sertanejas. Prestação de serviço para comunidades pantaneiras e boletins jornalísticos.
Corumbá (FM)				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Rádio Bandeirantes	1985	Uriel Raghiant	24 horas	Rede Band. Programas locais das 8 às 10 horas (jornalístico) e das 12 às 14 horas (entretenimento). Pertence ao Grupo Pantanal.
Rádio Transamérica	1992	João Luiz de Paula Gonzalez	5 às 23 horas	Rede Transamérica Hits. Programas locais das 9 às 11 e das 15 às 18 horas, voltado para o entretenimento.
Rádio Comunitária Pantanal	2003	Padre Pascola Forin	5 às 19 horas	Entretenimento musical e foco na programação religiosa
Puerto Quijarro (FM)				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
FM Melodia	2005	Ivelyn Santos	5 à 0 hora	Binacional. Prestação de serviço, jornalismo e locutores brasileiros e bolivianos.

Se no lado brasileiro as emissoras dividem de forma homogênea a programação voltada para o entretenimento, com “pitadas” de jornalismo (muitas vezes confundido com a transmissão de recados), em Puerto Quijarro todas as emissoras têm uma preocupação com relação à transmissão de notícias. Segundo a Federação dos Jornalistas, através do jornalista Raul Montenegro, a população boliviana da fronteira é muito carente, alguns não têm sequer uma televisão, os que têm não utilizam o aparelho a qualquer hora.

Nos municípios fronteiriços, constitui-se em prática rotineira ligar a televisão apenas para assistir ao noticiário ou a algum programa específico de entretenimento, para economizar energia. Por isso, o rádio é o meio de comunicação mais utilizado durante o dia pela comunidade. Na década de 70, foi implantada a primeira rádio da fronteira – Tamengo –; no entanto, a expansão das emissoras ocorreu apenas na década de 80. Em 1987 começavam as transmissões da Rádio Puerto Quijarro. Com uma audiência expressiva, a rádio investiu em programação musical e jornalística. No entanto, em 1993, por problemas de infra-estrutura e recursos humanos, ela foi desativada.

A rádio Alfa e Ômega tem programação religiosa, pois pertence à Igreja Batista. Seu objetivo principal é a evangelização. Já as rádios Carolina, Latina e Pantanal têm como objetivos a divulgação da música latina e o trabalho de prestação de serviço junto à comunidade boliviana. É comum órgãos de saúde e de educação da Bolívia e do Brasil participarem ativamente das transmissões, visando a orientar a população com relação à educação sexual, conservação de alimentos, entre outros temas.

No entanto, atualmente, a emissora que vem conquistando os bolivianos é a FM Melodia, a única que tem locutores brasileiros e bolivianos contratados. Para Ivelyn Santos, sócia proprietária da emissora, muito da audiência deve-se ao locutor Raul Montenegro. “Ele é muito integrado à comunidade. Faz parte do Comitê Cívico e em seu programa consegue dar um panorama jornalístico geral sobre os últimos acontecimentos na fronteira”, explica. O número de ligações para as rádios bolivianas não é alto, pois muitos não têm acesso ao telefone. Assim, a população vai até as emissoras para fazerem seus pedidos, estreitando ainda mais a relação locutor-receptor.

Outro problema de infra-estrutura facilita a ênfase na abordagem local. O acesso à *internet* banda larga é péssimo. As conexões caem a todo momento, e dificilmente os locutores utilizam a rede mundial de informações para captar dados. “É mais fácil manter correspondentes por telefone”, argumenta Ivelyn. A possibilidade de captação de dados mais fácil e ágil ocorre junto à comunidade, nas conversas travadas no dia-a-dia. “Nossos locutores bolivianos são muito próximos da população de Puerto Quijarro. Raul Montenegro é do Comitê Cívico e Paulo Rodriguez é pastor”.

Assim, a fronteira Corumbá-Puerto Quijarro oferece um rico material de estudo, não só por sua importância histórica, mas também porque abriga a única emissora que ao menos na denominação formal é binacional (Brasil-Bolívia) – a FM Melodia (96,3 MHz). Desta forma, a abordagem do histórico das rádios será feita em ordem cronológica. Todas as entrevistas foram feitas na pesquisa de campo e encontram-se no meio digital anexado à tese.

3.2.1 Rádio Difusora Matogrossense

A emissora mais antiga da região da fronteira Brasil-Bolívia e a primeira da Região Sul do então Estado de Mato Grosso foi a rádio Difusora Matogrossense Ltda. AM 1360 KHz, fundada em 20 de setembro de 1936. Com programação das 5 às 22 horas, focada no atendimento das comunidades pantaneiras, a rádio é conhecida até hoje como “O som do Pantanal”. O sucesso e a fidelidade de audiência devem-se a fatores como a transmissão de recados à população que fica isolada no período das cheias do Pantanal. A prestação de serviço é feita pela rádio há mais de trinta e cinco anos pelo locutor Lalá (Luiz Ribeiro Quidá), através do programa “Alô Pantanal”.

O programa é transmitido de domingo a domingo e ocupa quatro horas da programação diária (12 às 15 horas). Considerado o carro-chefe da programação, “Alô Pantanal” também é o programa mais antigo das rádios de Corumbá. Além disso, a emissora conta com noticiário da Rede Bandeirantes, transmitido via satélite. Isso acontece, pois as emissoras Difusora AM e Bandeirantes FM fazem parte do Grupo

Pantanal de Comunicação, proprietário também do jornal Folha de Corumbá, o único em *off set* da região. O gênero musical predominante é o sertanejo.

Com relação à cobertura geográfica, os diretores da rádio informam que o som do Pantanal, no Brasil, chega às casas de Corumbá e a todos os seus distritos (Albuquerque, Coimbra, Paiaguás, Amolar, Nhecolândia e Porto Esperança), assim como também aos municípios de Ladário e Miranda. Já na Bolívia, a abrangência desta rádio atinge as comunidades de Puerto Quijarro, Arroyo Concepcion, Puerto Suarez, Paradero, Mutum, El Carmen, Roboré e San José. Nesta área, a população estimada é de mais de 250 mil habitantes.

Operando em ondas médias, com um transmissor de 5.000 watts de potência, a emissora tem abrangência de 250 quilômetros. O diretor-presidente é Uriel Raghiant, e o diretor-comercial, Caibar da Silva Pereira. As rádios do interior sul-mato-grossense trabalham com pesquisa de audiência de forma aleatória – elas a estimam com base apenas no número de ligações recebidas, e também fazem mensurações próprias. De acordo com a direção da rádio, a estimativa mais recente foi feita em 2004, através de pesquisa telefônica realizada pela emissora entre os dias 8 e 14 de outubro, no centro e nos bairros de Corumbá. No total foram feitas 316 ligações que apontaram a Rádio Difusora como a AM mais ouvida, citada por 70,4% da amostragem, seguida pela Rádio Clube de Corumbá, com 21,5%.

3.2.2 Rádio Clube de Corumbá

Em 27 de novembro de 1956 surge a Rádio Clube de Corumbá, AM 1410 KHz. Operando em ondas médias com 5.000 watts, o nome fantasia da emissora é Jovem Clube. Como todas as rádios AM's na região de Corumbá, também a Rádio Clube dedica parte da programação às comunidades pantaneiras. Os programas “Bom Dia Pantanal” e “Hora do Fazendeiro” são exemplos disso. Recados, mensagens, horário de saída das lanchas e de funcionamento do transporte fluvial são divulgados recentemente.

A emissora é de propriedade do empresário Fause Anache, no entanto, toda a parte de comercialização e de programação fica sob a responsabilidade do diretor-geral, Luiz Fabrício Silva de Arruda. Um dos locutores mais antigos da rádio, Adilson Lobo, que trabalha há 32 anos na função, diz que o rádio mudou muito. Ele relata também que no interior a concorrência é desleal, pois as emissoras não têm tabela de preços e cobram o que quiserem pelos anúncios. Para ele, as rádios AM's integram mais a comunidade pantaneira através da prestação de serviço. Já com relação à questão da fronteira, Lobo explica que o marco é mais geográfico. “As duas populações são muito integradas. Puerto Quijarro é uma cidade muito pobre, a população nasce em Corumbá, trabalha no Brasil, casa no Brasil. São bolivianos por nacionalidade, mas fazem tudo no lado de cá da fronteira”.

Uma fórmula certa para a audiência dos programas, segundo Lobo – que apresenta, junto com Antônio Ávila, o “Clube Brasil” – são os sorteios de prêmios. “Trabalho há mais de 40 anos em emissoras de rádio, e o público do interior quer ouvir seu nome citado pelo locutor, quer ouvir a música que pediu. Por isso, acredito que as redes fazem as rádios reduzirem os custos, mas a população quer uma rádio com a qual possa dialogar”, explica.

3.2.3 FM Cidade (Rádio Bandeirantes)

Na década de 80, o Grupo Pantanal de Comunicação, em mais uma iniciativa midática, funda no dia 21 de setembro de 1985 a Rádio FM Corumbá (94,3 MHz), conhecida como FM Cidade. No início, os investimentos foram direcionados para a programação local, com foco em estilos musicais de sucessos e boletins jornalísticos. No entanto, o quesito recurso humano sempre representou um entrave para as emissoras; aliado a isso, em 1992, foi inaugurada a segunda emissora FM, que passou a fazer concorrência direta com a FM Cidade. Assim, visando à redução de custos e o incremento no *casting* de locutores, esta passou, em 1998, a operar pela rede Rádio Bandeirantes (Band).

Hoje, somente dois locutores fazem a programação local: das 8 às 10 horas, Chicão (Francisco de Barros Sobrinho) apresenta o programa jornalístico “Bom Dia Band”; das 12 às 14 horas, Ivelyn Santos¹¹ apresenta o “Super 6”. No programa de notícias, as informações são voltadas para a região da fronteira; no entanto, aproveitam-se muitos dados fornecidos por São Paulo. Já no programa de Ivelyn, a locutora faz inserções de entretenimento e comerciais a cada 20 minutos, e as notícias restringem-se a fatos do cotidiano de artistas e citação e sorteios de brindes doados por empresas que patrocinam o horário. A principal fonte de apuração de dados é a *internet*. Nos programas locais, também é preciso seguir o padrão da rede com relação às vinhetas e chamadas dos locutores.

Por pertencer ao Grupo Pantanal, o diretor-presidente da emissora é também Uriel Raghiant, e o diretor-comercial, Caibar da Silva Pereira. Ao contrário das demais empresas radiofônicas, os locutores são proibidos de vender anúncios nos programas. A programação é gerada via satélite, e a rádio opera com potência de 3.000 watts e raio de abrangência de 200 quilômetros.

3.2.4 Líder FM (Transamérica Hits)

Em 1992 iniciam-se as atividades da Rádio Líder FM (92,9 MHz), conhecida como rádio Tamengo, pertencente ao Grupo Carlos Magno Coelho Derzi, com emissoras em Corumbá, Ponta Porã e Dourados. Segundo o gerente-geral, João Luiz de Paula Gonzalez, após sete anos de programação local e devido a problemas com relação à escassez de mão-de-obra, a empresa fez sua primeira tentativa de transmitir em rede, operando durante seis meses pela Jovem Pan. “O projeto não deu certo, pois a emissora tinha um foco jovem demais, o que passou a não atender à população como um todo. A rede foi muito esperada pela comunidade, mas, após alguns meses de transmissão, não agradou”, explica.

¹¹ Ivelyn Santos é locutora do programa “Super 6” na rádio Bandeirantes em Corumbá e sócia proprietária da FM Melodia em Puerto Quijarro.

Depois da incursão mal sucedida, de 1999 a 2002 a emissora passou a se chamar Nossa FM e adotou uma programação popular ao extremo. Tocava apenas música sertaneja e rancheira. Neste período ela era uma FM operando como se fosse uma rádio AM. Novamente, os proprietários resolveram apostar na transmissão em rede, buscando alternativas que já vinham dando bons resultados em outros municípios do interior do país. Assim, em 2002, adota-se a programação da Transamérica Hits.

João Luiz diz que o “resultado tem sido satisfatório, e a emissora utiliza a programação, que funciona das 5 às 23 horas, em rede, praticamente em tempo integral”. Apenas dois locutores são os responsáveis pela programação local. Das 9 às 11 horas o locutor Pepe (Pedro Paulo) apresenta o programa “Toca Tudo”, e das 15 às 18 horas Alício Júnior apresenta o “Ligue Sucesso”. Com relação à prática de cada vez mais as emissoras do interior se filiarem a grandes redes radiofônicas, o gerente-geral é enfático ao dizer que não há disponibilidade de mão-de-obra qualificada, e a geração de renda proveniente do comércio é muito pequena. “Na capital não há rede. Acredito que as universidades contribuem na (sic) formação de profissionais e o mercado consegue selecionar mão-de-obra. No interior, em geral, os locutores têm nível médio de ensino e aprendem tudo na prática do dia-a-dia. Além disso, em rede a gente tem toda uma qualidade na programação que, operando sozinho, não dá para conseguir”, argumenta.

3.2.5 Rádio Comunitária Pantanal FM

Contrapondo-se à propostas das emissoras FM de Corumbá de transmitirem em rede, é fundada, em 1998, a Associação Pantaneira de Comunicação e Cultura. Com representatividade junto à comunidade e à igreja, o objetivo da associação era pleitear uma rádio em frequência modulada que fosse mais próxima da comunidade da fronteira. Assim, em 2003, têm início às transmissões da Rádio Comunitária Pantanal FM (87,9 MHz). Operando atualmente das 5 às 19 horas, a emissora fica localizada na Igreja Dom Bosco, paróquia comandada pelo padre Pascoal Forin, um dos locutores da rádio.

A programação tem foco na evangelização, com transmissão de missa e orações, e também na prestação de serviços à comunidade. Entidades como os

Alcoólicos Anônimos (AA), Alcoólicos Anônimos para Jovens (Al-Anon) e Aclaud (Associação Corumbaense e Ladarense de Assistência aos usuários de Drogas) mantêm programas na emissora. A parte jornalística fica por conta do programa “Pantanal Notícia”, que privilegia os fatos que acontecem na região. A emissora tem uma excelente estrutura – ela conta inclusive com uma unidade móvel, capaz de realizar transmissões ao vivo de eventos promovidos pela Associação ou que sejam de interesse da comunidade.

Para o DJ Mau, operador de áudio, que trabalha na emissora desde a sua fundação, as rádios corumbaenses que investem em locutores locais terão sempre seu espaço: “os moradores de Corumbá e de Puerto Quijarro, locais onde temos audiência, querem ouvir o nome deles, a música que pediram e as notícias que afetam a comunidade”.

3.2.6 FM Melodia

Fundada em 05 de janeiro de 2005 pelo brasileiro João Luiz de Paula Gonzalez, atual gerente-geral da Rádio Transamérica Hits, a FM Melodia foi, pouco tempo depois, vendida, e hoje três sócios proprietários (Ivelyn Santos, Paulo Rodriguez e Miguel Tomelic) respondem pela emissora. João Luiz, que se dedica a projetos radiofônicos há 27 anos, conta que a idéia de se criar uma rádio binacional aconteceu quase que pelo acaso. O empresário pertence ao Lions Clube, e relata que em Mato Grosso do Sul existe um Lions binacional, o de Coronel Sapucaia-Capitán Bado (Brasil-Paraguai). “As questões sobre binacionalidade estão muito ligadas nos municípios de fronteira e fazem parte do cotidiano da comunidade. Como o rádio é um meio muito importante na fronteira, pensamos em aliar a questão da binacionalidade ao veículo”, explica João Luiz.

O projeto teve início em 2004. Quando trabalhava na Rádio Transamérica, João Luiz, em função de desentendimentos administrativos, começou a refletir sobre a implantação de mais uma emissora no município de Corumbá. No entanto, em função

de problemas burocráticos, principalmente relacionados à liberação de concessão para funcionamento das emissoras, o empresário passou a verificar as possibilidades legais de instalar uma rádio na Bolívia, em Puerto Quijarro, cidade da fronteira mais próxima de Corumbá. Essa é uma prática comum na região. Proprietários de emissoras relatam que a implantação de rádios no Brasil é inviável em razão da burocracia e do “apadrinhamento” político. Alguns chegam a manter a infra-estrutura no país vizinho enquanto aguardam liberação de autorização de funcionamento no Brasil.

Na Bolívia, a legislação é diferente. É necessário alvará de funcionamento e permissão do Ministério das Comunicações, concedidos sem muita burocracia e em um prazo que leva de um a dois meses. No caso da FM Melodia, por estar localizada em Puerto Quijarro, os trâmites de regularização devem ser feitos em Santa Cruz de La Sierra. O prazo dado para a regularização é de um ano, a contar do início das atividades, após o que a permissão torna-se vitalícia. João Luiz conta que “a idéia de implantar uma rádio binacional surgiu após a liberação burocrática, quando pensei no *slogan* para a nova emissora, e daí surgiu: ‘FM Melodia, a primeira emissora binacional da região’. A idéia era tida como espetacular para todos que apresentava, e resolvemos investir”.

Após dois meses de funcionamento, a rádio foi vendida por uma questão administrativa. “Tinha um compromisso com a emissora Transamérica, e por isso decidi dispor da FM Melodia para uma pessoa que acompanhou todo o projeto desde o início – Ivelyn Santos”, argumenta João Luiz. Atualmente funcionando com 1.000 watts de potência, a rádio é ouvida, além de Corumbá, pela população boliviana de Arroyo Concepcion, Puerto Quijarro, Puerto Suarez, Paradero, Mutum, El Carmen, Roboré e San José. “Recebemos ligações de El Carmen, por exemplo, que fica a 115 quilômetros de Puerto Quijarro, comentando a programação”, explica João Luiz.

Na inauguração da FM Melodia, uma emissora boliviana instalada em Puerto Quijarro, Carolina, fez a cobertura da primeira rádio binacional da fronteira. O público boliviano, em especial, demonstra conhecer as transmissões. Durante pesquisa de campo, em que saímos no carro da emissora para acompanhar algumas reportagens, a população interrompia constantemente o percurso para fazer pedidos e cumprimentar os radialistas. No Brasil, a audiência está sendo mensurada pelo número de ligações.

Como está instalada no país vizinho, o número disponibilizado para os telefonemas de brasileiros é um celular. Mesmo assim, a emissora recebe de 40 a 50 ligações do Brasil por dia, de acordo com informações dos sócios proprietários.

Uma prática que ajudou a popularização da rádio entre a comunidade, no início, foi a realização de sorteios durante toda a programação. “A disputa por ingressos, celular e cestas básicas fazia com que muitas pessoas participassem ativamente e ficassem sintonizadas o tempo todo na emissora. Devido aos bons resultados, os sorteios permanecem até hoje. Os prêmios são entregues na casa das pessoas pelos locutores”, explica Ivelyn.

O locutor Raul Montenegro tem grande credibilidade junto à população boliviana, e em seu programa “Revista Semanal” procura dedicar algum tempo para o jornalismo. “As pessoas acreditam nas informações que as rádios transmitem. Por isso estamos tentando articular com todos os jornalistas do Estado de Santa Cruz para que possamos ter unidade com relação às informações que transmitimos. O público da fronteira se vê retratado pelo rádio. A comunidade da fronteira é muito carente. Falta tudo, e o rádio, além de entretenimento, é a fonte de informação da população local”, argumenta.

O horário de maior repercussão dos noticiários acontece a partir das 12 horas. Por isso, a emissora transmite das 12 às 12h30 o “Jornal do Meio Dia”, apresentado por Raul Montenegro, com informações especificamente da fronteira e com correspondentes ao vivo de Santa Cruz. No entanto, o trabalho de locução de notícias e de prestação de serviço também acontece das 7 às 9 horas, de segunda a sexta-feira, através do programa “Revista Semanal”, apresentado por Raul. Para o pastor Paulo Rodriguez, da Assembléia de Deus e locutor do programa “Novo Amanhecer”, na FM Melodia, além da evangelização, a emissora valoriza a cultura regional ao tocar ritmos como a cumbiá e a salsa; e a música tradicional da parte oriental de Santa Cruz, como taquirari, chovena, carnavalito.

No segundo semestre de 2006 deverá ser inaugurado um escritório da FM Melodia em Corumbá. Em função da legislação brasileira, provavelmente as transmissões não poderão ser feitas nos dois países, porém, o escritório será montado para facilitar a participação dos ouvintes corumbaenses e agilizar o trabalho dos

locutores brasileiros. Em maio de 2006, por exemplo, a emissora funcionou parcialmente por duas semanas – durante o fechamento da fronteira os locutores brasileiros não puderam trabalhar.

Após o anúncio da nacionalização do gás e do petróleo pelo presidente da Bolívia, Evo Morales, a locutora Ivelyn Santos, no dia 3 de maio de 2006, foi impedida, durante algumas horas, de retornar ao Brasil. Ela conta que o caos foi total. Muitos brasileiros ficaram presos em Puerto Quijarro. Os manifestantes liberaram a passagem das pessoas, mas não dos carros – o que causou enorme transtorno, já que estava anoitecendo e grande parte da travessia para se chegar à aduana não tem iluminação pública. Nas palavras de Ivelyn Santos: “Brasileiros e bolivianos ficaram desesperados para voltar para casa. Além disso, outro problema identificado foi o grande número de roubos a carros. Os automóveis ficaram abandonados, pois só podíamos atravessar a fronteira a pé. Durante o fechamento da fronteira transmitimos ao vivo todo esse caos”.

3.3 Rádio em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

A história do rádio na fronteira norte do Paraguai-Brasil começa no final de década de 50, no município de Pedro Juan Caballero. No dia 12 de outubro de 1959, entrava no ar a Amambay AM – a primeira rádio a atender a comunidade da fronteira. Pedro Juan também foi pioneira na instalação da primeira emissora em frequência modulada na faixa fronteira. Em 1º de dezembro de 1977 tiveram início as transmissões da Rádio Cero Corá. No mesmo ano, em março, é instalada a primeira rádio no município brasileiro de Ponta Porã – a Rádio Ponta Porã AM.

Com o passar dos anos, outras emissoras foram se instalando na fronteira, e hoje Ponta Porã conta com duas rádios AM – Ponta Porã (Transamérica) e Super Fronteira – e uma FM – Nova FM. Já em Pedro Juan Caballero existem duas emissoras AM – Amambay, MBurucúya – e três em FM – Cero Corá, Amambay e Frontera 98,5.

Tabela 03 - Emissoras em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

Ponta Porã AM				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Rádio Ponta Porã (Transamérica)	1977	Celso Brás	5 às 23 horas	Rede Transamérica Hits. Programação local com boletins jornalísticos das 7 às 8 e das 9 às 11 horas.
Super Fronteira (AM)	1992	Danilda Zocolaro Salomão	5 às 21 horas	Música sertaneja e programas religiosos.
Ponta Porã (FM)				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Nova FM	1988	Danilda Zocolaro Salomão	5 à 0 hora	Música sertaneja. Apenas meia hora de jornalismo (12 às 12h30)
Pedro Juan Caballero (AM)				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Radio Amambay AM	1959	David Antonio Gonzalez Escobar	6 às 21h30 horas	Músicas latinas e foco no noticiário esportivo e na região da fronteira.
Rádio MBurucúya (AM)	1975	Humberto Rubim	5 às 21 horas	Músicas latinas e típicas da fronteira. Inserções jornalísticas são feitas durante toda a programação.
Pedro Juan Caballero (FM)				
Rádio	Fundação	Responsável	Horário	Programação
Rádio Cero Corá (FM)	1977	Nelson Catalupe	24 horas	Prestação de serviço, músicas latinas e típicas da fronteira. É denominada como binacional
Amambay FM	1979	Edson Mangini	6h30 às 22 horas	Músicas latinas e sucessos nacionais do Brasil e do Paraguai. Boletins jornalísticos divulgados no período da manhã
Frontera FM 98,5	2000	Marcelino Vasquez	4 à 0 hora	Músicas latinas. Jornalismo esportivo.

Atualmente, as emissoras radiofônicas dos dois países vivem situações diferentes. Em Ponta Porã, o clima é de desânimo e decadência. As rádios estão funcionando com infra-estrutura mínima, e a pioneira no município, para baixar os custos, optou pela transmissão em rede através da Transamérica. Do quadro inicial de locutores da Rádio Ponta Porã, apenas Fátima Camochita ainda desempenha essa função. O locutor Paulo André Arguello, que forneceu os dados da emissora para a pesquisa, é responsável atualmente por monitorar e baixar a programação da rede Transamérica para a Rádio Ponta Porã.

Nas emissoras brasileiras também foi possível identificar que o tão propagado atendimento à comunidade da fronteira é pouco executado através do rádio. Os programas jornalísticos existem, no entanto, pela falta de infra-estrutura e de equipe, eles acabam reproduzindo informações coletadas em *sites* de notícia. Das rádios existentes no município, a Super Fronteira AM não apresenta nenhum programa ou boletim no formato jornalístico; já a Rádio Ponta Porã AM tem um programa das 7 às 8 horas chamado “Transnotícias Local”; e, por fim, a Nova FM veicula das 12 às 12h30 o programa “Notícias na 96,0”.

Em Pedro Juan Caballero a situação é contrária. As emissoras compartilham rede com emissoras instaladas na capital do Paraguai, Assunção, em horários em que são veiculados os noticiários, estimulando assim a produção de conteúdo local; além disso, elas apresentam quadro de locutores paraguaios e brasileiros, o que permite que as transmissões sejam feitas em, no mínimo, dois idiomas (espanhol e português). Tal fato ocorre apenas no Paraguai (no Brasil, não há nenhum paraguaio trabalhando como locutor).

De acordo com Edson Mangini, gerente da rádio Amambay FM, a contratação de locutores brasileiros garante maior audiência em Ponta Porã e facilita a inserção de matérias que atendam à comunidade brasileira. “Em Pedro Juan, a contratação é uma prática comum, no entanto, as emissoras brasileiras não demonstram interesse em contratar locutores paraguaios, mesmo os que falam fluentemente o português. Acho que isto se deve em função (sic) dos custos. As rádios brasileiras estão operando com poucos locutores, sendo que, para baratear a mão-de-obra, muitos dos contratados nunca trabalharam em rádio”, explica.

O locutor Ed Moreno (Ednilson Ramão Vilhalba), da rádio Nova FM, concorda com esta análise, e diz que “realmente faltam investimentos por parte das emissoras em Ponta Porã. Além disso, os profissionais que trabalham no Brasil têm outro emprego e consideram o programa como um ‘bico’. Fazem rádio porque gostam. Em Pedro Juan, a estrutura é mais organizada”, avalia.

As diferenças apontadas pelos profissionais do rádio dos dois países vão além. Uma das grandes reclamações feitas pelos radialistas brasileiros é a concorrência injusta com o Paraguai no que se refere à venda de anúncios. Em Ponta Porã, em geral, é cobrado R\$ 4,00 pelas inserções de texto lido. Em Pedro Juan Caballero, o valor pelo mesmo serviço é equivalente a R\$ 1,50. Segundo o locutor da rádio Super Fronteira, Giovanni César, os apresentadores podem ajudar na venda de anúncios e ganhar comissão, no entanto, o trabalho não rende, pois, como as emissoras têm audiência relativa, os comerciantes brasileiros anunciam nas rádios paraguaias com os mesmos resultados. “Às vezes o resultado é até melhor”, ironiza.

As pesquisas, com relação à audiência das emissoras de rádio em Ponta Porã, são feitas de forma aleatória e não estruturada por órgãos públicos ou por pesquisadores apontam dados diferentes. Em pesquisa desenvolvida em 2002 com lojista de Ponta Porã, a arquiteta Ana Lucia Torrecilha constatou que a rádio mais ouvida era a Nova FM, com 65%, seguida da Amambay FM, com 15%. Já levantamento feito pela Prefeitura Municipal de Ponta Porã, também 2002, apontou que a emissora mais ouvida era a Amambay FM, com 55% dos ouvintes, seguida da Nova FM, com 15%. No município de Pedro Juan Caballero, as pesquisas informais feitas pelas próprias emissoras para divulgação aos clientes apontam que a rádio mais ouvida é a Amambay FM, com 40%, seguida das AM Cero Corá e MBurucúya, com 15% cada.

Apresentamos abaixo breve histórico de cada uma das rádios mencionadas. Neste item, a abordagem também será feita em ordem cronológica, sendo relatado primeiramente as emissoras pertencentes a Ponta Porã, e na seqüências, e as de Pedro Juan Caballero.

3.3.1 Rádio Ponta Porã AM

A Rádio Ponta Porã (AM), primeira emissora brasileira na fronteira norte do Brasil-Paraguai, foi fundada em março de 1977, no entanto, o início das operações ocorreu em 1978. Esta rádio pertence ao grupo Carlos Magno Coelho Derzi, e o procurador por ela responsável é Celso Brás.

Até 1998, a rádio mantinha programação própria, contando com cinco locutores locais, responsáveis por desenvolver programas das 5 às 23 horas. Neste período, a emissora vendia cerca de 20% de espaço na programação para igrejas. Entre 2002 e 2003, a rádio passou a operar pelo Sistema Globo de Radiodifusão. O locutor Paulo André Cavalcante Arguello diz que a primeira tentativa de operar por rede não deu certo em função de problemas contratuais. “Em poucos meses a emissora passou a operar novamente com programação própria, privilegiando as notícias locais e as músicas regionais que os ouvintes gostam de ouvir”, explica.

Desde janeiro de 2006 a emissora opera pelo sistema Transamérica. A mudança se deu até mesmo no nome, que passou a ser Rádio Ponta Porã Ltda – Rádio Transamérica. Atualmente, a rádio funciona com um estúdio para técnica, um estúdio de locução e um transmissor de 1.000 watts de potência, sendo que, das 18 horas de transmissão (5 às 23 horas), 80% da programação é feita via satélite. Assim, muitos locutores foram dispensados, e os que ficaram passaram a trabalhar na parte técnica da rádio. Nesta última categoria enquadra-se Paulo André, que é atualmente o responsável por monitorar e baixar os programas da Transamérica para transmissão local.

Da geração anterior, apenas a locutora Fátima Camochita manteve a função. Ela é a responsável pelas inserções do “Transnotícias Local”, que vai ao ar de segunda a sábado, das 7 às 8 horas, bem como pelo programa “Sintonia Matinal”, veiculado das 9 às 11 horas. “A programação musical é da rede. No “Sintonia Musical”, sou responsável por um serviço de prestação de serviço para a comunidade fronteiriça. Dou dicas de saúde e de beleza, e mantenho entrevistas diárias com médicos que fazem um trabalho de prevenção através do rádio”, argumenta Fátima.

A locutora diz que a razão para ela ter sido mantida na programação é a de ela ter sempre trabalhado com jornalismo. “Não sou formada, mas sempre tive programa direcionado para a prestação de serviço e para informar a população da fronteira. Os demais locutores que trabalhavam mais com entretenimento saíram todos, pois os donos preferem operar com os programas que vêm de São Paulo”. Aos domingos, a programação é feita toda através da rede. Paulo André explica que um produto radiofônico que tem conquistado audiência é a transmissão de jogos de futebol.

Para Paulo André, o funcionamento em rede tem reduzido muito os custos da rádio, no entanto, ele observa que esta nova forma de operação levou a que se fechassem as portas para os locutores locais, o que fez com que houvesse diminuição da integração com a comunidade que a primeira emissora de rádio de Ponta Porã tinha. “Acredito que o ouvinte quer personificação, quer ouvir o nome dele, a música que pede. Em rede não temos nada disso, as músicas pedidas às vezes podemos passar por e-mail para São Paulo, mas as ligações, ninguém quer fazer interurbano. Outra questão é que os estilos musicais são diferentes, as músicas tradicionais da fronteira jamais vão tocar em uma rádio paulista”.

Assim, o locutor acredita que a rádio perdeu os vínculos com a comunidade brasileira e paraguaia. Paulo André conta que, quando a emissora tinha programação própria, a participação da população paraguaia era intensa. Hoje, de cada 10 pessoas que nela sintonizam, somente duas são do Paraguai.

3.3.2 Rádio Super Fronteira AM

A Rádio Super Fronteira (AM) foi criada em 1991, com 10.000 watts. Sua implantação foi precedida de investimentos em equipamentos e em recursos humanos para produção jornalística. Em poucos anos, a emissora passou liderar audiência. Uma das conquistas, citada por todos os locutores e pela direção da rádio, foi a contratação, na época, de Celso Portioli (atual apresentador de programas no SBT), vindo da Rádio Amambay FM, de Pedro Juan Caballero.

Portioli trabalhou com jornalismo na Super Fronteira de 1991 a 1994, e, conforme relata o locutor Ed Moreno (Edinilson Ramão Vilhalba), acontecimentos locais, regionais e nacionais eram inseridos nos principais horários da programação da emissora. “A coberturas eram ao vivo. Nas eleições de 1994, por exemplo, transmitimos boletins e entrevistas ao vivo das 7 às 21 horas, ininterruptamente”.

Neste período também, de segunda a sábado, das 7 às 09 horas, era veiculado o programa “Bom Dia Fronteira”. Apresentado pelo locutor Antônio Marcos (que hoje trabalha na TV Sul América), o programa jornalístico apresentava notícias sobre política, esporte e o dia-a-dia de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Além disso, ele contava com a participação de um correspondente de Brasília e serviços como a previsão do tempo.

Na década de 90, a rádio bateu recordes no registro de participação, através do programa “Show de Prêmios”. O locutor do programa, Lile Corrêa (Luis Henrique Corrêa), teve o feito registrado no livro Guinness Book 1996/1997, como recordista mundial em radiodifusão. Hoje, ele vive em Bela Vista, é secretário municipal de Turismo e trabalha como correspondente na Católica Net em Mato Grosso do Sul. “Aqueles foram tempos de ouro para o rádio em Ponta Porã. Havia investimentos, e a equipe era muito boa”, afirma Lile.

Para o locutor Giovani César dos Santos, que trabalha na rádio há seis anos, até 1995, a emissora era líder de audiência e a programação atendia à comunidade local. Neste período, a rádio pertencia ao empresário Gandhi Jamil. Em 1995, a família Salomão assumiu o controle da rádio e da Nova FM também (a rádio é atualmente representada por Danilda Zocolaro Salomão, sua diretora-geral, viúva do empresário e proprietário da rádio Jorge Salomão).

Ed Moreno, que trabalha há 16 anos nas empresas da família Salomão, na Rádio Nova FM, e Giovani César afirmam que hoje o período é de decadência de audiência e de investimentos na infra-estrutura. “Hoje a rádio opera com um estúdio, sem telefone e sem *internet* no estúdio de transmissão”, alegam. A emissora tem concessão para operar com 10.000 Megahertz, no entanto, hoje opera com um transmissor pequeno que atinge potência de 2,5 Megahertz. “Quando chove forte, a rádio sai fora do ar. É literalmente desligada”.

Um dos locutores mais ouvidos é Antônio Morato, com o programa “Viola Minha Viola”. Ele é sargento da Polícia Militar e apresenta programas há 16 anos. Inicialmente locutor da Rádio Ponta Porã, Morato conquistou sucesso com um programa que privilegia a música regional, contemplando os pedidos musicais de brasileiros e paraguaios. “Com o fim da programação própria da Rádio Ponta Porã, [eu] trouxe o programa para a Super Fronteira. O público me acompanha sempre, e posso dizer que faço o “Viola Minha Viola” mais por gosto do que por compensação financeira”, explica Morato.

3.3.3 Nova FM

Em 1988 é fundada a Rádio Nova FM, a única a funcionar até hoje em frequência modulada no município de Ponta Porã. Quando de sua implantação, o nome da emissora era Transamérica. No entanto devido a uma ação judicial proposta pela Rede Transamérica de São Paulo, a emissora foi obrigada a mudar o nome, passando a chamar-se Nova FM.

Do ano de fundação até 1992 a emissora transmitia apenas programação própria. Entre os anos 2000 e 2002, ela passou a operar pela Rede Jovem Pan. Segundo o locutor Ed Moreno, responsável pela parte jornalística da rádio e também assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, a audiência era boa nesse período, no entanto, os proprietários simplesmente comunicaram que eles voltariam a operar com programação local. “Neste período, foi incrementado o setor comercial da rádio. Acredito que resolveram investir novamente na programação local, na tentativa de aumentar as possibilidades de venda de anúncios com o comércio local”, argumenta.

Um dos locutores mais antigos da rádio, Ed Moreno é natural de Ponta Porã e sempre foi apaixonado por rádio. Em 1992 começou a trabalhar auxiliando locutores, em 1993 iniciou trabalho com o sonoplasta, e em 1995 começou a trabalhar como locutor. Atualmente, apresenta o programa “Notícias na 96,0”, diariamente, das 12h30

às 13 horas, e exerce o cargo de assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Ponta Porã. “É a única inserção jornalística em toda a programação”, enfatiza.

As notícias falam sobre futebol, polícia, bairro, e apresentações culturais que acontecem no Brasil e no Paraguai. Além disso, quando possível, são realizadas entrevistas. “Não tenho equipe de produção, e por isso a pesquisa de informações é feita em *sites* de notícia como Terra, BOL, Campo Grande News, entre outros”, explica Ed. O locutor também reconhece que, por coletar os dados de *sites* de notícia, nem sempre é possível divulgar informações regionais. “Muitas vezes faço o relato dos principais fatos que aconteceram no Brasil e no mundo”, informa.

Outra questão importante levantada por Ed é o fato de as emissoras brasileiras realizarem a transmissão dos programas somente em português. Ele argumenta que, para a população da fronteira, é natural o uso do espanhol e do guarani. “No entanto, as rádios não privilegiam esta possibilidade de integração. Em Pedro Juan Caballero, a situação é contrária, identificamos locutores brasileiros trabalhando e produzindo programas em português nas emissoras paraguaias. Também é comum as locuções (sic) ou em horários específicos a veiculação de programas em português, espanhol e guarani”.

3.3.4 Rádio Amambay AM

A Rádio Amambay AM (570 khz) ZP-15 Radio La Voz del Amambay foi fundada em 12 de outubro de 1959. Seus fundadores foram Epifânio Rolón Arévalos, Antônio Delgado e Oscar Charbel. Após a dissolução da sociedade dos fundadores, a emissora deixou de ir ao ar por quatro meses, voltando às atividades em outro local sob a responsabilidade de Epifânio Rólon e seu filho Luis César Rolón. Em 19 de janeiro de 1968 faleceu Epifânio Rolón Arévalo, fundador da organização; posteriormente, falece em um acidente outro de seu fundador – Oscar Charbel.

Em 1975 foi instalada antena de 49 metros e teve início a transmissão em onda curta, 5.995 khz. ZP 15 Radio la voz del Amambay AM 570 khz é uma rádio que tem

audiência na comunidade, uma vez que foi a pioneira na região da fronteira. No ano de 1998, através de um acordo comercial, ela se fundiu com a empresa Megacadena de Comunicaciones, e, com o transcorrer dos anos, Luis César Rolón Pena vendeu todas as suas ações para essa empresa de comunicação. Atualmente, o gerente geral é David Antonio Gonzalez Escobar. A rádio conta hoje com 20 funcionários.

3.3.5 Rádio MBurucúya

A Rádio MBurucúya (AM) foi fundada em 15 de dezembro de 1975 por Santiago Leguizamon, que foi também apresentador durante 10 anos do programa “Puerta Abierta”. O primeiro proprietário foi assassinado em função de denúncias que fazia no programa, que afetavam diretamente interesses políticos e o narcotráfico. Hoje, Leguizamon é homenageado em um busto em uma das praças de Pedro Juan e é lembrado como um dos primeiros radialistas a desafiar o narcotráfico na fronteira Paraguai-Brasil.

De acordo com a responsável administrativa da rádio, Ana Cláudia Molinas Talaveira, o proprietário da rádio é Humberto Rubim, jornalista. Ele é dono também de outras três emissoras, sendo duas FM's e uma AM. A emissora mantém programação diária das 5 às 21 horas e conta com transmissão em espanhol e guarani.

A emissora também compartilha rede com a Rádio Ñanduti, de Assunção, capital do Paraguai, das 5 às 06h30 e das 16h30 às 17 horas. Nestes horários são veiculados programas jornalísticos com informações de todo o Paraguai e com inserções sobre Pedro Juan Caballero. A programação da rádio é focada em jornalismo e esporte.

3.3.6 Rádio Cero Corá

A Rádio Cero Corá foi a primeira emissora de Pedro Juan Caballero e de todo interior do Paraguai em FM. Fundada em 1º de dezembro de 1977, no aniversário do município, pelo padre Ramon Ortiz, a emissora pertencia à igreja local – Paróquia de Jocenstiel.

No período em que pertencia à paróquia, a programação era toda sacra, feita pelo locutor oficial, padre Ramon, e por alguns colaboradores. “A rádio foi criada com o objetivo de servir à comunidade, com prestação de serviço e educação. O padre era praticamente o único locutor, e a rádio ficava no quintal da igreja. O alcance era de 150 km e 1,5 khz a potência do transmissor”, explica Nelson Cantalupe atual proprietário da rádio.

O padre Ortiz realizava alfabetização e catequização através do rádio. Com relação à prestação de serviço, o foco era, principalmente, a divulgação de documentos perdidos e de campanhas na área de saúde. Até hoje a prestação de serviço feita pela rádio e identificada através da pesquisa de campo segue o mesmo direcionamento.

Em 1993, com a mudança do padre Ortiz para Assunção, a emissora é vendida para Antolim Cantalupe. Atualmente, a direção da rádio é exercida por seu filho, Nelson Cantalupe. Com relação à infra-estrutura, existe um estúdio de locução e gravação. “A programação da Cero Corá visa o (sic) atendimento à comunidade e prestação de serviço. Nosso objetivo é divulgar informações e entretenimento para os moradores do Paraguai e do Brasil. Por isso, funcionamos como uma rádio binacional. As transmissões são feitas em espanhol, guarani e português”, conta. O slogan da rádio é: “A rádio binacional trilingüe que atende a toda comunidade da fronteira”.

Prova disso é o locutor brasileiro Aleixo Alves, radialista há 15 anos, que apresenta o programa “Frequência Sertaneja”. “Para o pessoal de fronteira, o uso dos três idiomas é natural. É comum. No meu programa, especificamente, falo em português, mas quando recebo ligações do pessoal de Pedro Juan procuro falar no idioma deles”, explica. Na Cero Corá, até mesmo programas sem cunho jornalístico contam com equipes externas. No programa de Aleixo, Fábio Quintana faz entrevistas

ao vivo, em geral comerciais, em que divulga promoções de produtos junto com os gerentes das lojas.

A rádio logra audiência expressiva com a transmissão do Campeonato Nacional do Paraguai. O time 2 de maio, de Pedro Juan Caballero, está na primeira divisão do campeonato nacional do Paraguai. Nas transmissões, observa-se uma estrutura bastante superior à identificada nas rádios brasileiras – narrador (Roberto Recalde), comentarista (Ruben Dario dos Santos), e equipe de reportagem (Alberto Cavalhero e Santiago Benitez).

3.3.7 Rádio Amambay FM

A história da Radio Amambay FM, tem início em 12 de outubro de 1979. Fundada por Epifânio Rolón Arévalo, ela realiza transmissões em português e espanhol. No início as transmissões eram feitas com potência de quatro quilowatts. “O principal desafio era superar as adversidades da época, inclusive com respeito à população, que na época ainda não compreendia a importância de uma emissora de rádio”, explica Edson Mangini, gerente da rádio.

Em janeiro de 1968, com o falecimento de Epifânio Rolón, assume o comando da emissora seu filho, Luis Rolón Peña. Em 1º de dezembro de 1979 é fundada uma estação de Frequência Modulada Estéreo, ZPV15 Radio Amambay FM 100,5. A emissora contava com um transmissor de 1,5 quilowatts.

Em 1989 assume a direção da 100,5 Amambay FM Daniel Rolón Dantas, neto do fundador da rádio na fronteira Paraguai-Brasil. Ele é o responsável por criar os primeiros programas interativos na região, formar e contratar profissionais que posteriormente se destacaram no meio – inclusive em nível internacional –, como Higino Alvarenga, Rafael Barrett, Celso Portioli, Robson Piolho, entre outros.

A partir da década de 90 são feitos investimentos em equipamentos. A Amambay FM foi a primeira emissora do Paraguai a utilizar o *mini disc* para a emissão de comerciais, como também a primeira do Paraguai a fazer edições em *software* e a terceira a emitir comerciais do computador.

Em novembro de 2002, os investimentos são feitos na parte de infra-estrutura. Com um transmissor de 10 quilowatts, torre de 78 metros, equipe e programação com estilo próprio, a emissora conquista a liderança de audiência em Pedro Juan Caballero. Atualmente, a rádio é a única também a fazer transmissão via internet, através da página www.amambayfm.com.

De acordo com o locutor brasileiro Márcio Santos, as rádios paraguaias hoje oferecem programação, infra-estrutura e condições de trabalho muito melhores do que as oferecidas pelas emissoras brasileiras. Outro aspecto importante é que as emissoras brasileiras falam de integração, mas as notícias não são locais e as transmissões são feitas apenas em português. “As rádios paraguaias direcionam as notícias para a população local, pois têm infra-estrutura melhor para a produção jornalística”, argumenta.

3.3.8 FM Frontera

A FM Frontera 98,5 (Radio Parque Sin Frontera) foi fundada em 19 de dezembro de 1999, no entanto, somente em 17 de agosto de 2000 obtém habilitação oficial, através da Resolução 118/2000, para funcionamento. O horário de veiculação da sua programação é das 4 à 0 hora.

O proprietário é Marcelino Vasquez, que apresenta o programa “De tudo um pouco”, de segunda a sexta-feira, das 6 às 8 horas. O programa é apresentado em guarani e em espanhol. Nos finais de semana a programação é alterada, pois nas instalações da rádio funciona um clube recreativo. Assim, as transmissões são direcionadas para o entretenimento musical, com transmissões ao vivo de shows,

direto do palco, que fica na entrada da rádio. Os programas são transmitidos em português e espanhol.

Pelo seu histórico, e através da pesquisa de campo, constatamos que as rádios brasileiras instaladas em Ponta Porã e em Corumbá pouco colaboram para a integração ou interação da comunidade da fronteira. Em Ponta Porã, em função da falta de investimentos, os programas radialísticos são direcionados para o entretenimento e a parte jornalística é generalizante, pois divulga fatos regionais, nacionais e internacionais – e, sob a alegação da inexistência de infra-estrutura, não noticiam fatos ligados à comunidade. Em Corumbá a situação não é diferente: nas duas maiores rádios FM, 80% da programação é gerada pela rede. Sobra uma rádio comunitária, que, para não perder espaço, mantém programação regional em horários específicos, em geral logo nas primeiras horas da manhã. As rádios AM's têm como objetivo principal a integração das comunidades pantaneiras, que ficam isoladas nos períodos de cheia.

São as rádios instaladas em Pedro Juan Caballero e em Puerto Quijarro que, pelo que pudemos observar, transmitem programas em mais de um idioma realizam a contratação de locutores de ambos os países, ocupam espaço com prestação de serviço e possuem em seus quadros locutores que noticiam jornalismo integrados à população fronteiriça. Dessa forma, para analisarmos a fronteira e o fronteiro, a escolha dos veículos recaiu sobre as emissoras cujos *slogans* tratam da integração entre as comunidades dos dois países (no caso de Pedro Juan Caballero, a rádio Cero Corá FM, que se anuncia como “a rádio binacional trilingüe que atende a toda comunidade da fronteira”, e, em Puerto Quijarro, a FM Melodia, que tem a denominação Binacional Brasil-Bolívia). Tendo esse referencial como ponto de partida, observamos se de fato as emissoras selecionadas fazem e como fazem a integração, ou se esta relação é fictícia e está presente apenas na denominação legal ou comercial.

Não foi possível realizar a mensuração através de audiência, pois nem as emissoras e nem os órgãos competentes fazem pesquisa deste tipo. Também entendemos que nem sempre as emissoras mais ouvidas são as que de fato abordam as questões da fronteira e seus espaços de negociação e de tensão. Os dois veículos que compuseram os objetos desta análise, acima citados, possuem a singularidade de

dirigirem-se a um público com características peculiares: habitantes de municípios fronteiriços, tanto brasileiros, paraguaios e bolivianos. Desta forma, discorreremos sobre os métodos de pesquisa que serão utilizados para verificar como os espaços de cisão, junção, compartilhamento, integração e interação encontram-se representados no discurso jornalístico.

4 PROCEDIMENTOS E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Nas pesquisas sociais, são inúmeras as possibilidades de questionamento, tendo em vista que, neste tipo de estudo, buscam-se respostas referentes a um determinado grupo social, inserto em uma realidade em que o próprio pesquisador é agente. Para Nogueira (1977), a pesquisa social configura-se em uma construção artesanal, em que aspectos significativos da realidade são retirados do todo para serem analisados e colaborarem para a compreensão da dinâmica das relações sociais estabelecidas. No campo da observação, o trabalho empírico se torna local onde ocorrem as manifestações de intersubjetividade e interações entre o pesquisador e os grupos estudados. Por isso, para o desenvolvimento do estudo, o autor vê necessidade de mesclar dados quantitativos e qualitativos, que se tornam complementares, uma vez que os primeiros ajudam na descrição dos padrões gerais e os segundos ajudam a explicar como os indivíduos entendem esses contextos.

A opção pela pesquisa social encontra justificativa na trajetória teórica percorrida na tese, quando pudemos perceber que a população e a dinâmica das relações sociais na fronteira são distintas se comparadas entre si e com relação às demais áreas do país também. Para a coleta de informações, foram usados alguns procedimentos adotados pela técnica da pesquisa participante, pois, para discorrermos sobre o universo da fronteira Brasil-Paraguai e Brasil-Bolívia, julgamos ser importante estarmos inserido no meio e compreendermos como a comunidade que ali habita vê, descreve e propõe a definição do fenômeno fronteira. Utilizou-se, assim, a abordagem de Brandão (1986), que chama a prática de “inserção do intruso no ambiente”.

Muller (2003) aponta que nos estudos relacionados à fronteira “o sentido social na vida diária se expressa particularmente através de discursos que emergem constantemente na vida diária, por isso a importância da entrada do pesquisador no grupo”. Neste sentido, a pesquisa participante permite uma leitura mais fiel do contexto e das relações interpessoais e interinstitucionais estabelecidas pelos agentes fronteiriços. No entanto, salientamos que a entrada do pesquisador no grupo deve obedecer a alguns critérios. Por exemplo, a relação com o objeto de pesquisa e com os

envolvidos deve se clara, e os objetivos devem ser apontados e discutidos com todos os participantes. “A apropriação das mensagens deve ser vista como um processo contínuo e socialmente diferenciado que depende do conteúdo da mensagem recebida, da elaboração discursiva das mensagens entre os receptores e outros e dos atributos sociais dos indivíduos que os recebem” (Thompson, 1995, p. 112).

Optamos pela mídia radiofônica devido à sua acessibilidade e por estar ela presente em mais de 97% dos domicílios na região da fronteira, de acordo com dados da Secretaria de Comunicação do Governo de Mato Grosso do Sul em 2003. Estudos apontados no capítulo anterior e as condições sociais da população que vive na fronteira sul-mato-grossense também fazem do rádio o meio de comunicação de massa mais procurado pelos moradores dos municípios fronteiriços para obter informações.

Assim, para a definição da abordagem metodológica da tese, trabalharemos com dois referenciais: o estudo de caso, com base nos estudos de Yin (1993), a hermenêutica em profundidade, de J.B.Thompson (1995). Os conceitos do estudo de caso foram fundamentais na delimitação dos campos-objetos e na coleta de dados através de documentos e entrevistas. A hermenêutica forneceu subsídios para a análise do ambiente e das narrativas, ainda porque que um dos recursos importantes deste referencial de pesquisa é a possibilidade de interpretação e re-interpretação dos dados.

Considerada como a ciência da interpretação, a hermenêutica busca a compreensão de objetos cujas construções e formas são simbólicas, uma vez que estão inseridos em contextos sociais e históricos de diferentes tipos. Thompson (1995) entende que, no estudo das formas simbólicas, é fundamental e inevitável um problema de compreensão e interpretação, já que os objetos da pesquisa são constituídos no universo cotidiano dos indivíduos.

Thompson reitera que no processo interpretativo os indivíduos devem ser ouvidos e observados como particulares, que produzem significados diversos. Isso porque devemos considerar que as mensagens são produzidas em um determinado contexto, porém são recebidas em um cenário muito mais múltiplo e disperso. Nesta vertente, o indivíduo é visto com um agente social cuja bagagem cultural e histórica, experiências pessoais e interação com os demais estabelecem uma relação de interpretação e compreensão da mensagem recebida.

Para tanto, o enfoque da hermenêutica em profundidade deve ser entendido em três fases distintas. A primeira é a análise sócio-histórica, com as situações espaço-temporais, campos de interação, instituições sociais, estrutura social e meios técnicos de transmissão. A segunda diz respeito à análise formal-histórica, composta por análise da conversação, narrativa e argumentativa. A refere-se à interpretação e re-interpretação dos acontecimentos.

Ainda acerca da abordagem metodológica desta pesquisa, contamos também com o apoio de alguns elementos da técnica do estudo de caso, metodologia que se mostra adequada para pesquisas em que o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (Yin, 2003). O objetivo do estudo de caso é expandir e generalizar teorias através da pesquisa e de descrição que explique os vínculos casuais em intervenções da vida real. Também na abordagem do estudo de caso adotaremos métodos qualitativos para avaliar o *corpus*, uma vez que este representa um método interessante quando se está a tratar de fenômeno complexo, em que o entendimento do contexto social e cultural é relevante, e que não tende à quantificação, segundo Liebcher (1998).

Uma falha comum apontada pelos pesquisadores, segundo Yin (1993. p. 31), era a de considerar o estudo de caso como um estudo exploratório ou ainda etnográfico. Até mesmo trabalhos contemporâneos, como os desenvolvidos por Kidder e Judd (1986) e Nachmias & Nachmias (1992), “tratam o trabalho de campo apenas como uma técnica de coleta de dados, omitindo qualquer discussão a cerca dos estudos de caso”. Platt (1992) assevera que a definição da técnica do estudo de caso começa com uma lógica de planejamento, baseada em que a investigação empírica investigue um fenômeno contemporâneo cujos limites com o contexto não estão claramente definidos.

A existência de variáveis também é relevante, pois que os resultados devem ser baseados em várias fontes de evidências e de proposições teóricas que irão conduzir à coleta e análise de dados. A aplicação da técnica de estudo de caso desenvolver-se-à em três fases, a saber: delimitação da unidade-caso, coleta de dados e análise e interpretação dos dados. Como o universo do nosso campo de estudo engloba dez municípios que fazem fronteira com o Paraguai ou com a Bolívia em Mato Grosso do Sul, o critério de seleção é

importante, pois não podemos estabelecer comparações ou análises a partir de unidades diferentes.

Assim, na delimitação da unidade-caso, tendo como foco da pesquisa a análise dos conteúdos jornalísticos em emissoras radiofônicas binacionais das fronteiras de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e de Mato Grosso do Sul com a Bolívia, procuramos trabalhar com duas unidades representativas e similares. Sendo assim, na região de fronteira, foram escolhidas duas cidades, importantes por razões históricas, por estarem entre os cinco maiores municípios de Mato Grosso do Sul, e também por abrigarem as emissoras de rádio mais antigas de Mato Grosso do Sul, que são Corumbá e Ponta Porã.

Além disso, no trabalho de observação, as emissoras destes municípios fronteiriços são as únicas que têm a binacionalidade na nomenclatura ou no seu *slogan* de divulgação e se posicionam no mercado como rádios que têm como objetivo atender às duas comunidades. Elas representam, pois, um recorte especial sobre as interconexões sistemáticas que ocorrem no campo empírico.

Acresce que não poderíamos definir nossas unidades de análise com base no idioma falado nas emissoras, uma vez que diversas rádios localizadas em municípios fronteiriços são bilingües ou trilingües. Em conformidade, na coleta de dados recorreremos a investigação bibliográfica, consulta documental, registro de informações disponibilizadas nos *sites*, audição de programas, e entrevistas – que, na visão de Jensen & Jankowski (1991), permitem a combinação de abordagens práticas, analíticas e interpretativas da mídia.

Para o início da pesquisa documental foi necessário formalização e apresentação da pesquisa para o grupo midiático e a população que participou das entrevistas. A prática foi de rigor por ocorrerem muitos crimes na fronteira, principalmente contra radialistas que denunciam a ação do tráfico de drogas e a ação de matadores de aluguel. Somente no último ano (2005) ocorreram dois assassinatos de radialistas em Ponta Porã, por exemplo.

Por todas essas razões, a presença de pesquisadores nem sempre é bem vinda, uma vez que muitas das emissões radiofônicas contêm mensagens cifradas, que atendem a atividades ilegais, como a dos coureiros e dos narcotraficantes. Neste contexto, julgamos importante estabelecer o que Brandão chama de inserção do “intruso” na comunidade, pois

foi dessa forma que obtivemos êxito na pesquisa. Por este procedimento, o pesquisador é aceito pelo grupo de forma paulatina: ele "precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento, irá embora". (Brandão, 1986, p. 27).

A inserção do pesquisador no grupo se deu através de pessoas conhecidas que trabalham na imprensa local. Por meio delas foi possível conhecer os responsáveis pela produção e locução dos programas, bem como os proprietários das emissoras. Para todas as fontes foi apresentado um resumo do trabalho e quais dados precisaríamos coletar para o desenvolvimento do estudo. Como em toda comunidade interiorana, onde as pessoas se conhecem, após as primeiras entrevistas o trabalho passou a ser executado sem maiores empecilhos, pois se criou uma teia de comunicação, expandida pelos próprios locutores e por outros que trabalham nas emissoras da fronteira.

Através da entrevista com roteiro semi-estruturado elaborado com perguntas abertas e com alternativas, foi possível coletar informações que possibilitaram um diálogo aberto. As perguntas com alternativas foram feitas de modo a facilitar a tabulação de dados sociais e econômicos dos entrevistados, ou seja, dos produtores da mídia radiofônica local. Já as perguntas abertas, que acatam sugestão de Richardson (1999), tinham como objetivo dar liberdade às fontes e não direcionar as respostas da comunidade para interesses específicos da pesquisa que nem sempre representam a realidade.

O trabalho investigativo formal teve início em 2003 com a pesquisa histórica sobre a região sul-mato-grossense. Nesta etapa, foi importante constituirmos arcabouço para caracterizarmos questões ligadas a uma identidade até então flexível e integrada. Após, iniciamos levantamento sobre as emissoras localizadas nos municípios fronteiriços, percorrendo as dez cidades que fazem fronteira seca com Paraguai ou Bolívia. De março a agosto de 2004 visitamos 26 emissoras nos municípios de Corumbá, Porto Murtinho, Caracol, Bela Vista, Antônio João, Ponta Porã, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas e Mundo Novo.

Durante a pesquisa, observamos que em vários municípios as rádios estão fixadas em território paraguaio ou boliviano pela facilidade burocrática na obtenção da autorização para funcionamento. A fronteira seca colabora com essa prática. As rádios localizam-se em outro país, porém a linha telefônica, o endereço e os locutores são todos brasileiros. Em Sete Quedas, por exemplo, o proprietário da rádio Educadora (91,3 FM), Salatiel Adriano de Assis, diz que está em Pindoti (Paraguai) até que a solicitação de funcionamento da emissora comunitária no Brasil seja liberada, conforme relatado no capítulo anterior.

Em todas as emissoras foi feito levantamento de dados históricos, administrativos e relacionados à programação das rádios, observando critérios como da relevância, homogeneidade e sincronismo, que colaboraram para a definição do *corpus* da pesquisa, conforme referencial de Barthes (1967). Para o início dos trabalhos, foi importante a identificação das manifestações próprias da comunidade que vive na fronteira. Por meio deste exercício de observação foi possível perceber como ocorrem os intercâmbios no local. Ou seja, foi possível retratar as formas simbólicas no espaço fronteiriço através da identificação do contexto social e histórico, permitindo avaliar as simetrias e assimetrias existentes entre a população brasileira, paraguaia e boliviana.

A realização de entrevistas com proprietários das emissoras, com locutores e com a comunidade representou uma importante técnica que possibilitou a análise de como a fronteira está presente no cotidiano dos habitantes que vivem nos espaços de divisas entre dois países. As conversas com representantes da comunidade e de órgãos administrativos, e as gravações dos programas, permitiram delinear que o espaço fronteiriço nem sempre é harmônico, porém apresenta características e modos de convivência únicos. A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é norteou as entrevistas qualitativas.

Em um mundo globalizado, as práticas comunicacionais cada vez mais diversificadas e os contatos interpessoais cada vez mais fortes e vivos geram novas formas de socialização mediadas pelos meios de comunicação. Assim, dentre os meios que participam dos processos de comunicação local está o rádio, produzido e ouvido

no espaço fronteiriço. Para Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 22), os dados formais reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo. Neste contexto, uma mídia (jornal, rádio ou televisão) representa até certo ponto o mundo para o grupo de pessoas que se informa por ela. Assim, os programas radiofônicos das emissoras de fronteira sul-mato-grossense podem se tornar indicadores desta visão de mundo.

A reflexão sobre as relações da fronteira intermediadas por uma mídia – no caso, o rádio – é de todo muito complexa. Ela representa um campo de estudo vasto, cujos elementos do quadro analítico são multiplicados constantemente, não permitindo assim uma avaliação em profundidade de cada um dos desdobramentos. Buscou-se então compreender, em especial, as práticas sociais que fazem parte do processo comunicativo midiático, através do conteúdo jornalístico emitido pelas emissoras radiofônicas binacionais em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro.

Nestes municípios, o fato de a fronteira geográfica ser extrapolada por um cotidiano praticamente desenvolvido em conjunto pela população da fronteira liga mais uma vez o tratamento da comunicação às questões que envolvem a cultura e o cotidiano. E já se tornou ponto pacífico que, neste contexto, a representação do indivíduo que participa deste dia-a-dia é crucial para indicar reflexões sobre as características e atitudes da comunidade fronteiriça. Em áreas interioranas e com pequena população, os fatores culturais são facilmente reconhecidos, mas nem por isso menos difíceis de serem avaliados, pois não representa tarefa fácil analisar a percepção que o habitante local tem de si e do outro, que em diversas situações não é um desconhecido.

O processo histórico demonstra haver diferenças nas comunidades de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro. No entanto, pelos intercâmbios permanentes, vários pontos de contato e de semelhança foram sendo estabelecidos também. No curso da pesquisa foi possível perceber que estas regiões representam fronteiras vivas, conforme caracterização no capítulo I, pois existe, sim, um marco geográfico representando a divisa entre dois países, marco que, entretanto, encontra-se diluído. As relações entre as comunidades são dinâmicas, as trocas são

diárias, as pessoas transitam pela área livremente, e fica claro que a convivência e a dependência entre elas são fortes.

Para essa população, o conceito de fronteira como mero marco geográfico já foi extrapolado há muito tempo. No entanto, como dissemos anteriormente, em relação a algumas questões a fronteira existe. Assim, verificamos que sentimentos como a colaboração, compreensão, rivalidade, desavenças, cisão e junção caminham concomitantemente juntos. Uma característica observada é a de que, mesmo caracterizado como um país com graves problemas políticos e sociais, o Brasil goza de um melhor posicionamento no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento do que Bolívia e Paraguai. De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) divulgado em 2005, referente a 177 países, o Brasil ocupa o 63º lugar, o Paraguai o 88º e a Bolívia 113º.

Para o cidadão comum de Pedro Juan Caballero e Puerto Quijarro, esses índices ganham concretude através da falta de infra-estrutura nos municípios – como precariedade e insuficiência de hospitais, postos de saúde, escolas públicas, transporte urbano. Soma-se a isso a desvalorização da moeda destes países, que faz com que o valor do salário pago para o trabalhador do setor agropecuário, industrial ou do comércio no Brasil seja superior àquele lá verificado. “Assim, o Brasil assume um posição ‘privilegiada’ com relação a essas comunidades, e representa um país, pela proximidade geográfica e social, no qual eles passam a depositar as esperanças de uma vida melhor”, explica a historiadora Lúcia Salsa Correa¹².

Os fatores expostos acima contribuem para recrudescer os pontos de conflito e desavenças entre as comunidades. Nestes casos, apesar da proximidade e da convivência, o “irmão-hermano” assume o papel de “outro” e irrompe cristalina a contraposição de dois países soberanos, com línguas oficiais diversas, e em que as decisões tomadas pelos centros políticos e administrativos das nações nem sempre representam as necessidades das populações que vivem em regiões limítrofes, por desconhecimento das relações que são estabelecidas entre a comunidade e que faz o local ser um espaço tão peculiar de representatividade simbólica, muito mais do que geográfica.

¹² A historiadora Lúcia Salsa Correa foi entrevistada em março de 2005.

Como vimos no decorrer do estudo, as ações tomadas pelas áreas decisórias dos países podem gerar conflito na fronteira. No entanto, estas barreiras são, em geral, desativadas pelos inúmeros processos interativos estabelecidos pela população. Mencione-se, ainda mais uma vez, o caso da nacionalização do gás e do petróleo pela Bolívia, quando ficou claro que, por vezes, a comunidade vai contra os interesses nacionais e a favor de causas locais.

Nos espaços Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, observa-se que vários são os pontos comuns e distintos. Apesar de vivenciarem proximamente o diálogo fronteiriço, cada lugar guarda formas diferenciadas de tratamento das comunidades. No que se refere à religião, em ambas as fronteiras o catolicismo é forte, no entanto, a igreja é pouco utilizada como fonte midiática. Neste contexto, as igrejas evangélicas vêm ocupando cada vez mais espaço nas rádios e propagando a fé religiosa através das ondas do rádio. Em Puerto Quijarro, os programas da Igreja Universal do Reino de Deus possuem significativa audiência, e nota-se o crescimento acentuado de fiéis nos últimos anos, segundo informações do pastor Paulo Rodriguez, locutor da FM Melodia.

Percebe-se muitas vezes que as comunidades juntas desenvolvem ações com o objetivo de conquistar benefícios para o local. A mídia pode ajudar na consolidação deste contexto, ao divulgar notícias que demonstram preocupação dos jornalistas e das fontes locais em não estimular os atritos existentes entre as comunidades. Por outro lado, ela pode reacender as relações de tensão quando, na divulgação dos acontecimentos, adota-se postura de rivalidade, deixando claro que, apesar de compartilharem o mesmo espaço, brasileiros, paraguaios e bolivianos vêm determinada questão tomando-se em conta os interesses nacionais que os separam em povos distintos.

Na fronteira, o rádio é a mídia mais próxima da população e é considerado como de vital importância para o retrato da vida cotidiana do lugar. Assim, pelo que verificamos, brasileiros, paraguaios e bolivianos, através de processos político, social e cultural, ajustam problemas relacionados à fronteira por meio de negociação, de tensão ou de junção, o que extrapola o território geográfico, gerando ecos também na mídia radiofônica.

Por meio da coleta e análise do conteúdo jornalístico divulgado pelas rádios, em diferentes períodos, chegamos à definição de três variáveis que representam as categorizações que classificam as matérias midiáticas com relação ao espaço da fronteira. A primeira retrata a fronteira como um espaço de negociação, quando então se ressalta o vínculo conciliador, diplomático. As nacionalidades de origem são preservadas, porém o sentido do “nós todos da fronteira” é constantemente retomado. Os problemas e até mesmo as desavenças informais geradas pelos constantes intercâmbios entre as comunidades geram discussões sempre no âmbito da integração e da resolução conjunta destas dificuldades.

Na categorização de tensão, surge claramente o conceito do “irmão-hermano”, que ressalta a diferenciação entre brasileiros, paraguaios e bolivianos. Os aspectos ligados à nacionalidade são exacerbados, e rompimentos são provocados por questões sociais (a exemplo do uso de escolas públicas e postos de saúde pela população vizinha) e por questões políticas e econômicas.

A terceira categoria é aquela que denominamos de “nós da fronteira”, que procura ressaltar o fato de todos os habitantes, brasileiros, paraguaios ou bolivianos constituírem um único grupo. Nesta abordagem, tanto a fronteira quanto o fronteiriço são retratados como protagonistas conjuntos, o que os torna diferentes do resto da população do país. A seguir, discorreremos sobre caminhos e descaminhos percorridos para o desenvolvido da tese, e que acabaram por constituir as referências na seleção e na categorização das unidades-caso para análise.

4.1 Caminhos percorridos

Em 2003, no desenvolvimento da pesquisa de campo nas cidades de Corumbá e Ponta Porã, fizemos levantamento histórico acerca da fronteira entre Brasil-Paraguai e entre Brasil-Bolívia. A etapa foi importante, pois permitiu verificar que relações cotidianas integradas ou fragmentadas começaram a ser construídas e foram consolidadas ao longo dos tempos entre as comunidades. Depois, realizamos o

mapeamento das emissoras localizadas nos municípios que fazem fronteira direta com o Paraguai e a Bolívia, através de análise dos dados disponíveis na Secretaria Estadual de Comunicação. No entanto, no período de março a agosto de 2004, durante a pesquisa *in loco*, quando percorremos as dez cidades, descobrimos que o universo da amostragem era maior do que o previsto inicialmente. Várias localidades constavam na relação oficial do Estado como se não dispusessem de nenhuma emissora radiofônica local – mas, que, na prática, delas dispunham.

Após o mapeamento do espaço delimitado para estudo, fizemos contato com as rádios localizadas na fronteira seca de Mato Grosso do Sul, solicitando permissão e agendamento para uma primeira entrevista. A prática fez-se necessária, pois em municípios como Ponta Porã e Corumbá a população e as empresas de comunicação têm uma postura inicial de desconfiança além da habitual, e dificultam até mesmo a confirmação de seus endereços. Outro ponto de dificuldade prévia foi que as fontes apresentavam-se apenas com o nome artístico, ou os proprietários apenas com o primeiro nome, negando-se a fornecer os nomes completos.

O trabalho só foi facilitado após as visitas começarem a ser feitas com radialista local junto com pesquisador. A adoção da prática, além de agilizar a coleta de informações, garantiu acesso aos dados e a realização de entrevistas junto à comunidade, a locutores e a proprietários das emissoras. Isso permitiu o mapeamento do histórico, da estrutura organizacional, dos recursos humanos, da rotina de trabalho dos locutores na produção das notícias e de esclarecimentos sobre grupos políticos e a influência deles na mídia local, sobre o que se discorreu no capítulo II.

Ao percorrermos os municípios, a surpresa foi a constatação de emissões radiofônicas locais em todos eles. Ou melhor, nos municípios brasileiros a população realmente não contava com rádios, no entanto, como a separação dos dois países é feita em geral por uma rua ou avenida, empresários brasileiros instalam emissoras no país vizinho, produzem programas em português, contratam locutores brasileiros e até mesmo o telefone de acesso a essas rádios pertence a operadoras brasileiras. As ligações têm custo local ou, no máximo, de um interurbano para o interior de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa exploratória teve início nos municípios ao sul do Estado, começando pelos municípios de Ponta Porã, depois percorrendo Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas e Mundo Novo. Após, visitaram-se Antônio João, Bela Vista, Porto Murtinho e, por fim, Corumbá. Ao todo, foi catalogado um breve histórico de 26 emissoras da faixa de fronteira do Estado.

Nestas áreas, constatamos que a principal função exercida pelos locutores é o entretenimento. Comercialmente, são feitos sorteios de brindes e pré-convites para festas, e, jornalisticamente, as notícias resumem-se à coleta de dados da *internet*. Os locutores que têm maior facilidade na apuração de notícias locais em geral trabalham em outros veículos, impressos principalmente, ou ocupam cargo no serviço público municipal, o que facilita o trânsito com fontes familiarizadas com os assuntos que estão repercutindo no âmbito local.

Nos maiores municípios, a situação também não era diferente, o que dificultava a definição das nossas unidades-casos, baseada no critério da binacionalidade, ou seja, no atendimento às comunidades dos dois países. Em Corumbá, por exemplo, local onde foi fundada uma das primeiras emissoras (Rádio Difusora) do então Estado de Mato Grosso, não havia amostragem representativa, uma vez que as transmissões visavam às comunidades isoladas do Pantanal e nem se lembravam da proximidade com a comunidade boliviana. Esta observação vale principalmente para as emissoras AM. O fato foi ainda mais evidente quando identificamos que as emissoras com maior infra-estrutura, até mesmo para poder investir em jornalismo, funcionavam em rede. Operando com 80% da programação da rede, mesmo nos horários locais, essas rádios nada modificavam, pois os locutores apenas faziam as transmissões, porém observando-se todas as normas de fala e de condução do programa impostas pela rede. Em Ponta Porã, a situação não era diferente.

O cenário passou a mostra-se diferente através das conversas, inicialmente aleatórias, com a comunidade. Ao serem questionados sobre os problemas da fronteira e as rádios que emitiam notícias sobre as comunidades brasileiras, paraguaias e bolivianas, todos diziam que quem fazia este tipo de serviço eram as rádios situadas em Pedro Juan Caballero e Puerto Quijarro. Porém, temos que ressaltar que na análise do material, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro representam

objetos com observações diferenciadas, uma vez que a fronteira apresenta assimetrias com relação ao cotidiano das duas comunidades.

Em Ponta Porã, por exemplo, os próprios locutores alegam que, do outro lado da fronteira, as emissões são mais organizadas e o pessoal conta com melhor infraestrutura. A cada ano, aumenta também o número de locutores brasileiros trabalhando no país vizinho. Já em Corumbá, as rádios têm melhor infraestrutura. Nas emissoras de Puerto Quijarro é difícil levantar inclusive o histórico das empresas, e por deficiências até mesmo da transmissão das rádios, as emissões tinham eco apenas na comunidade de Quijarro e Puerto Soarez. Assim, na data da qualificação da tese, o estudo apontava que a pesquisa seria restrita apenas à região de Ponta Porã, local onde poderíamos observar como o fenômeno fronteira influencia as práticas do homem local e qual o papel da mídia para a criar, reforçar e definir essa fronteira na vida das comunidades fronteiriças.

A emissora selecionada para a pesquisa era a Cero Corá, por fazer transmissões trilingües e trazer no próprio *slogan* a binacionalidade partilhada pelas comunidades brasileira e paraguaia através do rádio. Após a qualificação, em março de 2005, em visita ao município de Corumbá, descobrimos que operava havia três meses, ainda em caráter experimental, a FM Melodia, a primeira emissora binacional Brasil-Bolívia da fronteira. Para nossa surpresa, descobrimos que a rádio pertencia a um brasileiro, no entanto, estava instalada em Puerto Quijarro. Em menos de seis meses, as transmissões já atingiam os distritos de Corumbá e cerca de 10 pequenas cidades da Bolívia localizadas no trecho Puerto Quijarro-Santa Cruz.

Dessa forma, ao longo de três anos pudemos delimitar nosso foco de análise, sendo possível verificar o entrelaçamento entre a fronteira e o rádio no Brasil, Paraguai e na Bolívia. Após levantamento da programação e da realização de entrevistas com os responsáveis pelas emissoras e pelos principais programas, estabelecemos ao todo duas unidades para amostragem – Cero Corá FM (Ponta Porã-Pedro Juan Caballero) e Rádio Melodia FM (Corumbá-Puerto Quijarro).

4. 2 Caracterização dos objetos de pesquisa

A primeira rádio em FM de Pedro Juan Caballero e de todo o norte do Paraguai, Cero Corá, divide a programação para que as transmissões sejam feitas em português, espanhol e guarani. Sua sede é uma casa, que abriga a parte administrativa e operacional da rádio. O estúdio conta com recursos tecnológicos que possibilitam *links* ao vivo de repórteres e da comunidade. A boa infra-estrutura deve-se ao baixo preço, no Paraguai, de produtos como computadores, mesas de áudio, microfones, aparelhos de DVD, entre outros. Tanto assim que é prática comum os brasileiros atravessarem a fronteira para adquirir estes produtos.

O estúdio apresenta também um espaço integrado, com tratamento acústico, para a realização de entrevistas. A emissora mantém em um estúdio desativado uma espécie de museu com mais de 500 discos em vinil e equipamentos de rádio, como os antigos rolos de gravação. No Paraguai não há arquivo dos programas, não há necessidade de registro – pelo menos neste município de fronteira as emissoras não são fiscalizadas quanto ao arquivamento da programação. Nos computadores só ficam gravadas as seleções musicais, que muitas vezes vão sendo baixadas e deletadas no decorrer do programa, e as vinhetas-padrão da emissora e da programação.

Das 4 às 6 horas vai ao ar o programa “Japay Tetygua” (Vamos acordar), com Floriano Coronel, um dos mais conceituados radialistas da fronteira. O vínculo com a comunidade paraguaia e brasileira é grande, pois no horário são veiculados ritmos da fronteira e informes direcionados para a comunidade. “Todo cidadão natural de Ponta Porã tem uma ligação com o Paraguai, seja pelos avós ou pelos pais. Assim, as transmissões trilingües acabam por valorizar o idioma falado na fronteira e a cultura do nosso povo, que é uno”, explica Floriano¹³. Mais frequentemente divulgadas são notícias locais, divulgação de festas, comemorações e pequenos informes do comércio e de órgãos públicos.

Das 6 às 9, horas o brasileiro Aleixo Alves apresenta o “Frequência Sertaneja”. De acordo com o locutor, a transmissão é feita em português, mas dependendo do ouvinte, o idioma é alterado. O programa conta com reportagens de Fábio Quintana.

¹³ Entrevista concedida em abril de 2005, na sede da Rádio Cero Corá, às 7 horas, do dia 22 de abril.

Na verdade, as veiculações restringem-se basicamente a comerciais que são feitos ao vivo pelo repórter. A prestação de serviço acontece principalmente em alertas da Defesa Civil. Ponta Porã e Pedro Juan Caballero não têm uma boa infra-estrutura urbanística, assim, em épocas de chuvas torrenciais as ruas ficam intransitáveis e completamente alagadas. Transitar em Pedro Juan Caballero é praticamente impossível, e a Defesa Civil faz alertas constantes sobre os pontos de alagamento e funcionamento de escolas, repartições, entre outros. Nestes momentos, o locutor interrompe a programação para veicular notícias e entrevistas.

Logo após, das 9 às 11h30, Nelson Cantalupe¹⁴, proprietário da rádio, apresenta o “Matinal 91”, cuja locução é feita em espanhol. O estilo musical adotado é o de músicas da fronteira e latinas. Com relação à prestação de serviço, as notícias seguem o mesmo padrão do programa “Frequência Sertaneja”. Das 11 h30 às 12h30, Roberto Recalde apresenta o Programação Esportiva. Neste momento, as notícias são direcionadas apenas para Pedro Juan Caballero, que tem o time 2 de Maio na primeira divisão do Campeonato Paraguai. Assim, os informes ficam direcionados para o time local. Após, vão ao ar os programas “Músicas de Recuerdos”, “Explosão Musical”, “Tudo de Bom”, “Noturno Estéreo” e “Onda Latina”, até à 0 hora, todos com foco em músicas. Entre 18 e 19 horas, há aumento significativo nas audiências das rádios de Pedro Juan Caballero, pois elas não veiculam o programa Hora do Brasil.

De acordo com Nelson Cantalupe, a Cero Corá é uma rádio binacional, principalmente no período da manhã, quando apresenta os programas “Japay Tetaygua” e “Frequência Sertaneja”. “Neste período, temos locutores transmitindo em português, espanhol e guarani, e participação efetiva das comunidades paraguaia e brasileira. No mais, as notícias produzidas e a prestação de serviço referem-se às comunidades locais”, afirma Cantalupe.

Já a FM Melodia, situada no município de Puerto Quijarro, expressa a binacionalidade no próprio nome. Intercalando a programação com locutores bolivianos e brasileiros, a emissora funciona em uma casa ao lado da residência do pastor Paulo Rodriguez, primeiro a fazer as locuções pela manhã e responsável técnico da rádio. O único estúdio da rádio foi concebido de forma a facilitar o trabalho do

¹⁴ Entrevista concedida em abril de 2005, na sede da Rádio Cero Corá, às 10 horas, no dia 22 de abril.

locutor; no entanto, ele não é adequado para a realização de entrevistas, pois o espaço não tem tratamento acústico, sendo o estúdio instalado em um dos cômodos abertos da casa.

No período da manhã, as transmissões começam com o pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, Paulo Rodriguez¹⁵. Das 5 às 6 horas, o programa “Novo Amanhecer” tem uma programação musical focada em música sertaneja, latina e ritmos bolivianos. Uma curiosidade é que os países que fazem fronteira com o Brasil associam o estilo sertanejo ao padrão musical brasileiro. “Sabemos que o Brasil tem muitos ritmos – forró, samba, MPB –, no entanto, na fronteira o povo gosta mesmo é de música sertaneja”, avalia o pastor.

Das 6 às 7 horas, o pastor Paulo lê mensagens e realiza evangelização. Ao contrário do que ocorre Brasil, não são feitas orações e também não há os famosos socorros espirituais. Na parte de evangelização, é escolhido um tema (educação sexual, por exemplo), que é um assunto constante no programa; lê-se um trecho da Bíblia e o pastor passa a conversar sobre prevenção, doenças sexualmente transmissíveis, importância do casamento, entre outros temas. O programa tem audiência significativa de membros da Igreja Universal tanto em Corumbá quanto em Puerto Quijarro. O programa é apresentado em espanhol, mas o pastor Paulo fala corretamente o português, mesmo porque nasceu e morou até os sete anos de idade em Corumbá.

Das 7 às 9 horas, Raul Montenegro apresenta a “Revista Semanal”. Considerado um dos radialistas mais conceituados da Bolívia, o locutor é engajado na comunidade, e nas manhãs consegue transmitir notícias de Puerto Quijarro, Puerto Soarez, Santa Cruz e Corumbá, dando um panorama geral dos principais fatos que aconteceram na fronteira. O programa conta com a participação de correspondentes, principalmente de Santa Cruz. Por ser presidente da Federação dos Jornalistas em Puerto Quijarro, Raul mantém contato com locutores de emissoras até de La Paz, e com isso consegue a participação de ouvintes ou a divulgação de fatos que são gerados nos centros políticos e administrativos da Bolívia e que dificilmente chegariam com tanta agilidade aos moradores da fronteira.

¹⁵ Entrevistas concedidas em agosto de 2005. A última entrevista feita com o pastor Paulo Rodriguez, que também é sócio proprietário da FM Melodia, foi feita em 29 de abril de 2006.

Assuntos que afetam as comunidades da fronteira entre o Brasil e a Bolívia, por exemplo, são amplamente repercutidos pelo programa através de repórteres de outros municípios da Bolívia e junto à comunidade, através de ligações telefônicas. O locutor também é responsável por comentar os assuntos divulgados. No programa, verificamos participação maior dos bolivianos. O locutor apresenta o programa em espanhol, mas dependendo do ouvinte, também altera o idioma.

Das 12 às 12 h30, Raul volta à programação com o “Jornal do Meio-Dia”. De acordo com os locutores bolivianos, a partir do meio-dia constata-se maior audiência da população de Quijarro e do entorno no que se refere à informação jornalística. Neste programa, o foco é especificamente a região da fronteira, e principalmente Puerto Quijarro. “Por isso a audiência é grande. Em Quijarro muitas famílias não têm televisão e o “Jornal do Meio-Dia” apresentado pelo Raul é o programa onde (sic) a comunidade busca informação. Ele tem muita credibilidade junto à população quijarrense”, informa a proprietária da rádio Ivelyn Santos¹⁶.

Das 9 às 11 h30, Reinaldo Júnior traz música brasileira, notícias sobre política e prestação de serviço para a comunidade da fronteira, no programa “Energia 96”. No entanto, aqui verificamos que parte das inserções jornalísticas é retirada de *sites* de notícia e de jornais de Corumbá. Identificamos também significativo número de informes acerca de festas patrocinadas por estabelecimentos comerciais, ocasião em que a rádio faz sorteio de cortesias. Durante o programa, não há entrevistas ao vivo.

Das 12h30 às 15h30, a rádio opera com programação musical sem locutor. Segundo a proprietária, até maio de 2006 devem ser contratados mais dois locutores para ocupar o horário. Ivelyn Santos apresenta, das 15h30 às 17h30, o programa “Conexão 96”. Este direciona-se ao público jovem, mas traz divulgação jornalística de fatos pertinentes à fronteira – no entanto, há veiculação de notícias de entretenimento, como as fofocas do mundo artístico e cultural, coletadas em *sites* de notícias. No programa, acontecem sorteios de celulares e cestas básicas, e a própria locutora entrega os prêmios na casa dos contemplados. “A participação é maior do lado boliviano. Muitos ouvintes nem ligam, vêm até a rádio para dar o nome e participar do sorteio. No Brasil, uma das restrições é que as ligações são para celular”, explica.

¹⁶ Entrevista concedida em agosto de 2005, na sede da FM Melodia em Puerto Quijarro.

Após o “Conexão 96”, a programação da emissora torna-se totalmente direcionada para o entretenimento. Das 17h30 às 18, veicula-se o “Corumbá Mix”, apresentado pelo DJ Leco – um programa de funk, com pequenos informes sobre o mundo dos cantores e patrocinadores deste estilo musical. Por estar localizada na Bolívia, a rádio não transmite a Hora do Brasil (o horário é ocupado e patrocinado por uma boate de Corumbá – 1054 –, com foco em programação musical). Neste horário observa-se também significativo aumento de audiência nas rádios bolivianas. Até à 0 hora, a programação é previamente selecionada e não conta com locutores.

Na FM Melodia, de acordo com os sócios proprietários Ivelyn Santos e Paulo Rodriguez, os programas que apresentam maior interação, em nível jornalístico e de entretenimento, com as comunidades brasileira e boliviana, são os apresentados por eles mesmos e pelo jornalista Raul Montenegro. A seleção desta unidade-caso para análise recaiu sobre os programas “Revista Semanal” e “Conexão 96”, tendo em vista que o programa “Novo Amanhecer”, cuja locução é feita pelo pastor Paulo Rodriguez, tem cunho religioso e não especificamente jornalístico.

Sabendo-se que as notícias divulgadas pelas rádios binacionais na fronteira representam a coluna vertebral da pesquisa, entendemos que através delas é possível o reconhecimento simbólico das vozes e dos atores apresentados por meio do discurso jornalístico. Das duas emissoras selecionadas, analisamos programas destinados à comunidade da fronteira, sendo um apresentado por locutor brasileiro e o outro por paraguaio ou boliviano. Assim, na fronteira de Corumbá-Puerto Quijarro, analisamos o programa “Revista Semanal”, apresentado por Raul Montenegro, e “Conexão 96”, apresentado por Ivelyn Santos, da FM Melodia. Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, foram analisados o programa “Japay Tetaygua”, apresentado por Floriano Coronel, e “Frequência Sertaneja”, apresentado por Aleixo Alves.

Através destes programas, foi possível identificar formas de colaboração e interação que se desenrolam no cotidiano local. A dinâmica interna desses espaços – negociação, tensão, cisão e junção – fica retratada na mídia. Para tanto, acompanhamos também as transmissões dos programas, em estúdio, e participamos das externas feitas pelos repórteres. Os programas foram gravados e posteriormente decupados para análise, o que será apresentado no próximo capítulo.

4.3 Definição da amostragem de pesquisa

A análise do conteúdo jornalístico emitido pelas rádios Cero Corá e FM Melodia foi mensurada através de tabelas, que contêm a data de divulgação, parte do conteúdo da notícia e a categorização feita com base nas variáveis estabelecidas no capítulo II. Para tanto, duas foram as formas de seleção do conteúdo a ser analisado. Pela primeira, foram escolhidos aleatoriamente, no período de 21 de março a 1º de abril de 2005 (período escolhido porque não apresentava feriados e nem datas comemorativas importantes para nenhuma das duas comunidades na fronteira sul-mato-grossense), conteúdos emitidos pelas rádios. O objetivo era mensurar as transmissões radiofônicas em uma situação de rotina.

Pela segunda forma, os produtores das notícias apontaram fatos em que a questão da binacionalidade da fronteira aparecia retratada. Optamos pela análise dos dois recortes, tendo em vista que, pela hermenêutica em profundidade, não poderíamos desprezar os apontamentos dos produtores dos conteúdos jornalísticos da fronteira. Ao mesmo tempo, se focássemos a análise somente a partir desta consideração, os resultados da pesquisa se tornariam frágeis e tendenciosos, pois teriam sido feitos a partir de uma pré-seleção de indivíduos diretamente envolvidos no processo midiático local.

Na seleção feita a partir das considerações dos locutores, desde 2003, houve vários casos de grande repercussão midiática dos quais os municípios da fronteira de Mato Grosso do Sul foram protagonistas. No entanto, a seleção das amostragens para as rádios Cero Corá e FM Melodia recaiu sobre o ano de 2005.

Assim, os locutores indicaram uma amostragem definida a partir de eventos ou fatos importantes para ambas as comunidades. A análise foi composta então pela gravação de quatro programas no período 2005 e 2006, que, conforme exporemos adiante, na opinião dos locutores, geraram matérias que atingiam diretamente a região da fronteira. Em 2005, no período de 21 a 28 de maio, aconteceu o Festival América do Sul, selecionado por ser um evento de integração entre os povos. 26 de junho foi o Dia Internacional de Combate às Drogas, apontado como assunto pertinente principalmente nos municípios de fronteira seca. De 9 a 15 de outubro foram

divulgados novos focos de febre aftosa no Estado, constatados no limite entre o Brasil e o Paraguai, e que afetaram diretamente os municípios fronteiriços. Em 2006, no período de 1º a 5 de maio, período fulcral da nacionalização do gás e do petróleo pelo governo da Bolívia, encerrou-se a colheita de conteúdo.

Apesar do pouco tempo para coleta e análise desse último material, a amostragem da crise do gás e do petróleo é importante, pois as relações da fronteira foram postas à prova, e a participação radiofônica na transmissão das notícias foi importante para a mobilização de uma greve geral no Estado de Santa Cruz que o governo da Bolívia enfrentou por cerca de duas semanas. Todos estes eventos foram considerados, pois configuraram-se em manifestações sociais, culturais, políticas e econômicas, nas quais houve um envolvimento efetivo dos povos nos dois lados da linha fronteiriça.

Além da análise dos programas radiofônicos, o ato de ouvir depoimentos de fontes que pesquisam, trabalham ou moram na fronteira é muito importante. Assim, realizaram-se de 2004 a 2005 entrevistas com historiadores como Valmir Correa (ex-diretor-presidente da TV Educativa/MS), Lúcia Salsa Correa (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – Uniderp), proprietários da Cero Corá (Nelson Cantalupe) e FM Melodia (Ivelyn Santos e Paulo Rodriguez), locutores responsáveis pelos programas analisados (Floriano Coronel, Aleixo Alves, Raul Montenegro e Ivelyn Santos), locutores de outros programas, e moradores da comunidade fronteiriça, selecionados aleatoriamente.

Para a escolha das fontes relacionadas à audiência, inicialmente pensamos em trabalhar com as pessoas que ligavam para as emissoras e participavam de sua programação. No entanto, após acompanharmos o trabalho dos locutores, percebemos que o uso do telefone não é habitual. E o indicativo do número de ligações recebidas nem sempre representa de fato a audiência obtida pelos programas. Graças à pequena distância, a população vai até as emissoras solicitar serviços e fazer pedidos musicais. Por isso, acompanhamos a locução dos programas em diversos momentos e coletamos as informações com as pessoas que visitaram a rádio.

Ao todo, foram selecionadas três pessoas, no período de maio a outubro de 2005, na rádio Cero Corá (Ramão Gonzalez, Jussara Echeverria e Liana Almeida), e

três na FM Melodia (Jorge Rodriguez, Maria da Anunciação e Fátima Alvez). Ressaltamos que, no decorrer da tese, encontramos uma gama significativa de pessoas que vão até as rádios, no entanto, a escolha foi feita tendo como critério a participação na programação e a audiência cotidiana dos programas a serem analisados.

Pelo recorte da amostragem, categorizaremos os conteúdos jornalísticos a partir das variáveis (negociação, tensão e “nós da região”) que foram compostas a partir do espaço fronteiriço. O procedimento será feito por meio do trabalho de interpretação proposto por Thompson (1995), com possibilidades de re-interpretação, em função dos indicativos coletados pela pesquisadora e pelas demais fontes ouvidas.

5 MÍDIA RADIOFÔNICA NA FRONTEIRA SUL-MATO-GROSSENSE

A mídia radiofônica configura-se em agente dos acontecimentos locais. Os programas de rádio documentam as inúmeras trocas e contatos realizados no cotidiano das comunidades, tornando-se um ator importante na articulação deste espaço. Trabalhando em uma dimensão simbólica, a mídia, através da produção, do armazenamento e da circulação da mensagem jornalística torna-se significativa para a população que a recebe. Vimos que o processo é dinâmico e por isso o resultado final do estudo, por mais singular que seja, deve ser visto como provisório e aproximativo, uma vez que os espaços fronteiriços são dinâmicos, flexíveis e as amostras para análise são praticamente infinitas. Conforme explica Berlo (1997) a descrição do processo da comunicação é complexa, porque este se transforma constantemente e não se pode paralisá-lo para a análise. Assim, faz-se um recorte que implica limitações impostas para a discussão.

Os levantamentos iniciais apontavam que a relação da fronteira intermediada por uma mídia, no caso o rádio, era representativa nos maiores municípios de Mato Grosso do Sul, como Corumbá e Ponta Porã, em função destas cidades terem abrigado as primeiras emissoras do Estado. No entanto, o incômodo era que nestes municípios, as rádios retratavam de forma irrisória as comunidades fronteiriças, produzindo escasso material jornalístico e divulgando estilos musicais como o funk. Ou seja, toda a convivência e integração entre os povos da fronteira, expressas no cotidiano das pessoas, eram praticamente relegadas pelos meios de comunicação e pela mídia radiofônica local.

Nas emissoras, os assuntos relacionados aos moradores da fronteira sul-mato-grossense - brasileiros, paraguaios ou bolivianos – ganhavam repercussão quando algum acontecimento era divulgado na mídia nacional ou regional. Tal fato ocorria, pois as notícias eram, praticamente todas, retiradas de *sites* de notícia. A integração propagada pelos empresários do rádio e locutores era feita exclusivamente através das músicas, mesmo assim as emissoras que funcionavam em rede, substituíam as musicais regionais como às polcas, guaranias, cumbiás e ritmos latinos, pelos ritmos comerciais como o axé, funk, entre outros.

O uso de *sites* na produção de material jornalístico a ser divulgado pelas emissoras, de acordo com o locutor da rádio Nova FM em Ponta Porã, Ednilson Ramão Vilhalba, deve-se a falta de infra-estrutura. “Não temos telefone no estúdio e nem *internet*. Os locutores acabam trazendo as notícias retiradas da *internet* de casa ou do outro lugar em que trabalham”, explica. Já o gerente-geral da Rádio Transamérica Hits em Corumbá, João Luiz de Paula Gonzalez, diz que, os locutores corumbaenses também fazem uso da *internet*. No entanto, a prática não é usual em função das transmissões em rede. “Recebemos material pronto para divulgação e isso faz com que nossos locutores se concentrem mais no entretenimento. Nas FM’s, principalmente, em função das redes, a programação ganhou um ar mais jovem e moderno”, avalia.

Essas práticas, que acabaram reduzindo significativamente a produção jornalística local, indicavam a impossibilidade de se analisar os conteúdos das notícias. A situação só começou a se configurar diferente quando atravessamos a fronteira. No lado paraguaio e boliviano, constatamos rádios binacionais e com emissão diária de conteúdos jornalísticos produzidos localmente, conforme verificamos no capítulo II. Assim, a verificação se os discursos das comunidades fronteiriças estão presentes nos conteúdos jornalísticos radiofônicos, ocorreu Pedro Juan Caballero e Puerto Quijarro, por meio das emissoras Cero Corá e FM Melodia.

Além da análise do conteúdo jornalístico foi preciso realizar entrevistas também junto à comunidade. A coleta de dados foi importante, para que os habitantes, como agentes do processo social, tecessem considerações a partir da perspectiva como moradores da fronteira. Em áreas limítrofes, porém marcadas pela proximidade geográfica entre os países, a definição de ser brasileiro, paraguaio ou boliviano é muito mais complexa do que a breve constatação da nacionalidade, conforme vimos no capítulo I.

Nesta região, seja através dos laços familiares ou das práticas cotidianas, as comunidades compartilham uma cultura fronteiriça que extrapola os limites geográficos e faz com que por muitas vezes as comunidades se unam para defender interesses locais em detrimento de decisões tomadas nos centros de poder de cada país.

As situações de tensão, negociação ou a junção de todos representando o “nós da região”, depende da ocorrência de determinadas situações no contexto social local.

Para a comerciante Jussara Echeverria, de 38 anos, moradora de Ponta Porã, o contexto social na fronteira sul-mato-grossense é complexo. “Eu nasci em Ponta Porã, mas meu pai é paraguaio, tem comércio em Pedro Juan Caballero. Tenho primos e tios brasileiros e paraguaios. Pra gente que mora por aqui é difícil dizer os paraguaios, porque eles também são nossos parentes”, explica.

O historiador Valmir Correa diz que em alguns hábitos, manifestações culturais e comportamentos as comunidades se reconhecem como fronteiriças e compartilham práticas como se pertencessem ao povo da fronteira - resultante de uma binacionalidade cultural entre os povos. O convívio mútuo propicia essa situação. Ritmos musicais como a guarania e polca, comidas como a sopa paraguaia e a chipa fazem parte do dia-a-dia de brasileiros e paraguaios; assim como os estilos musicais cumbiá, chovena, salsa e alimentos como a saltenha estão integrados aos hábitos de corumbaenses e quijarrenses. Essa mescla não tropeça nem mesmo na barreira da língua. O uso do português, do espanhol ou ainda do portunhol são constantes, rotineiros aos habitantes da fronteira.

Até mesmo em Corumbá onde existe uma aduana, podemos dizer que o trânsito de automóveis e pessoas é livre, a fronteira dissolve-se. Esse tráfego estimulado pelo convívio diário de ambas as comunidades acaba por resultar em acordos extra-oficiais ou em situações verificadas somente na região fronteiriça. As leis são específicas em cada país, porém no espaço de fronteira, muitas vezes, acabam se ajustando conforme demanda da população local. É o caso, por exemplo, das emissoras de rádio brasileiras que são instaladas principalmente em municípios fronteiriços do Paraguai, em função da morosidade da legislação brasileira e pelas facilidades burocráticas verificadas no país vizinho.

Conhecendo-se a dinâmica interna desses espaços podemos dizer que os cidadãos das comunidades reconhecem as situações de proximidade e de tensão, e tentam fazer deste convívio com a diferença uma vivência mais construtiva fortalecida pela troca constante de posição de diferente para a de semelhante. A mídia também

colabora ao articular formas simbólicas que contribuem na normatização de regras definidas e aceitas pela comunidade. Conforme vimos no capítulo I, o processo de construção dos conteúdos jornalísticos é complexo e permeado por inúmeras variáveis, como o tempo e o espaço, conforme citam Traquina (2005) e Tuchman (1983).

Traquina (1998) relata que os chamados “buracos” territoriais tornam-se notícia por fatores ligados à desordem, natural, tecnológica ou social. Os denominados “buracos” são estabelecidos a partir da variável de espaço, quando conforme Tuchman (1978), as empresas jornalísticas estabelecem uma ordem no mundo social, utilizando estratégias como a territorialidade geográfica, para cobrirem um maior número de acontecimentos. No entanto, essa territorialidade divulgada jornalisticamente, deixa lacunas, pois centraliza a produção dos fatos também em regiões onde estão concentrados os recursos da empresa. Assim, quando citada, pela imprensa regional ou nacional, a fronteira sul-mato-grossense acaba sendo caracterizada como uma área remota e as notícias referem-se à desordem como o narcotráfico.

Já o habitante ao sentir-se isolado do país no qual faz parte e ao receber atenção somente quando a área em que vive é retratada como marginal, tende a se apoiar no outro fronteiro, que se torna um semelhante e que partilha bem mais o cotidiano do que os que compartilham da mesma nacionalidade. Na definição de Muller 2003 concordamos quando diz que “o homem local constrói, a cada dia e em cada relação, o apoio ao e no outro, realizando isto pelo fortalecimento da diferença ou pelo reforço das semelhanças”.

No âmbito estadual, essa construção do local é reiterada ainda pelas relações históricas, de conflito, como a Guerra do Paraguai, ou ainda, de integração que fazem o sul do Estado ser praticamente um território uno, como nos esclarecem os historiadores Valmir Correa e Lúcia Salsa Correa. “Historicamente, podemos dizer que Mato Grosso do Sul já foi Paraguai um dia, pois após a Guerra do Paraguai, o país perdeu cerca de 40% do seu território. Por isso, as vivências e convivências dos povos destas regiões remetem a um passado também conjunto”, argumenta a pesquisadora.

Ao contrário de outras mídias o rádio tem um papel importante nas questões ligadas ao âmbito local, uma vez que a audiência é predominantemente regional. Entretanto, em uma área onde os espaços entre local e o internacional assumem

múltiplas facetas, o próprio aspecto regional incorpora variações, podendo ser o regional unificador, que reúne os fronteiriços e extrapola a questão geográfica, ou então, o regional que agrupa os indivíduos por pertencimento a uma determinada nação de origem.

Se por um lado no aspecto cultural as manifestações de fortalecimento são fortes, nas áreas econômica e social as comunidades convivem com alguns pontos de tensão. Na visão do locutor Raul Montenegro (FM Melodia), o próprio Mercosul é apenas um articulador de eventos e um promotor de intercâmbios culturais entre os países, não havendo citações referentes a questões econômicas como a definição de uma moeda única ou então uma política conjunta para os países atuarem no mercado mundial. “A palavra integração é muito bonita, porém na fronteira sul-mato-grossense as ações conjuntas ainda são muito centradas na vida cotidiana da população. Os governos parecem esquecer que estas regiões existem”, avalia.

Vimos que além das manifestações culturais, o fenômeno fronteira está presente em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e em Corumbá-Puerto Quijarro também nos processos comunicacionais. Assim, para dar sustentação a interpretação dos dados que culminou na definição de um eixo central - a fronteira sob a perspectiva de três variáveis - negociação, tensão e nós da região, tomamos como referencial teórico-metodológico a Hermenêutica em Profundidade. Através da proposta o objetivo foi analisar o eixo estabelecido aprofundando a reflexão nas relações sociais e nas propostas da mídia local, conforme apresentado nas tabelas de análise abaixo. No Anexo 03 inserimos as tabelas onde constam à data de veiculação dos programas, o assunto, a caracterização dos conteúdos e a categorização das matérias jornalísticas.

Representadas pelas locuções feitas nos programas radiofônicos das rádios Cero Corá (Japay Tetaygua e Frequência Sertaneja) e FM Melodia (Revista Semanal e Conexão 96), as notícias tanto informativas quanto opinativas despertam e estimulam sentimentos como amizade, rivalidade, igualdade e diferença. Assim, para melhor compreender estes processos foi selecionada uma emissora de rádio em cada área, que tem atua como binacional, visando o atendimento às comunidades da fronteira. Como contraponto, escolhemos programas que divulgam notícias apresentados por locutores brasileiros, paraguaios e bolivianos.

5.1 Análise dos conteúdos jornalísticos na rotina

Após o contexto social das comunidades e do histórico das rádios Cero Corá e FM Melodia faremos as observações a partir dos conteúdos jornalísticos coletados e caracterizados nas tabelas, conforme Anexo 03. A primeira análise refere-se ao período de 21 de março a 01 de abril de 2005, que representa uma amostra temporal baseada na rotina das veiculações que aconteceram no âmbito fronteiriço.

Faremos então as considerações a partir dos conteúdos jornalísticos e dos relatos dos locutores para a primeira análise nos quatro programas – “Japay Tetaygua” e “Frequência Sertaneja”, transmitidos pela rádio Cero Corá; e “Revista Semanal” e “Conexão 96”, transmitidos pela FM Melodia. Posteriormente, no segundo item deste capítulo, analisaremos os assuntos indicados pelos profissionais do rádio. Quando questionados sobre o principal enfoque dos fatos abordados em seus programas, Floriano Coronel, Aleixo Alves, Raul Montenegro e Ivelyn Santos foram unânimes ao dizer que são as notícias locais, com mescla de assuntos regionais, nacionais e internacionais.

Na fala dos locutores observamos que existe confusão no estabelecimento dos âmbitos local e internacional. Na divulgação das matérias jornalísticas, às vezes, os termos aparecem mesclados ou integrados, gerando dificuldade de definição para os responsáveis em apurar os fatos. “As notícias locais são as que falam sobre a população de Corumbá e Puerto Quijarro”, define Ivelyn Santos. Montenegro concorda com a definição. Já Coronel Floriano ressalta que pela proximidade geográfica o jornalismo local pode ser expresso pelas notícias que atendem brasileiros e paraguaios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. “As duas comunidades são próximas e até mais semelhantes do que com outras regiões do país de origem e por isso o jornalismo local ganha essa dimensão internacional”, avalia.

No período de 21 de março a 01 de abril de 2005 foram analisadas nove matérias, sendo que quatro foram divulgadas pelo programa “Frequência Sertaneja” e cinco pelo “Japay Tetaygua”. As notícias retrataram o cotidiano das comunidades, com divulgações sobre crimes na fronteira, exposição agropecuária, apreensão de drogas, agenda, problemas na área da saúde e da educação, projeto de cidades-gêmeas,

entre outros. Na categorização dos fatos, observamos a ocorrência isolada ou integrada das variáveis – negociação, tensão e nós da região. A partir desta amostragem, o fator negociação predominou com seis inserções, sendo que em três delas houve mescla com o nós da região. Duas inserções remetiam à tensão e uma misturava negociação e tensão.

No mesmo período na FM Melodia, observamos a inserção de seis matérias jornalísticas, sendo quatro, veiculadas no programa “Revista Semanal”, e duas, no programa “Conexão 96”. Com relação ao programa “Conexão 96” constatamos a divulgação de cópia de uma notícia veiculada no mesmo dia pelo programa “Revista Semanal”, conforme discurremos a seguir. Na amostragem verificamos três matérias de negociação, uma de tensão, e duas em que negociação ou tensão se misturaram ao nós da região. Os assuntos eram referentes a ações na área da saúde, acordos binacionais, implantação de um pólo mínero-siderúrgico, entre outros.

Tabela 4 – Categorização Ponta Porã –Pedro Juan Caballero (PP-PJC)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Japay Tetaygua	02	00	01	02 (N+NR)
Frequência Sertaneja	00	01	01	01 (N+T)

Japay Tetaygua

No contexto da negociação as nacionalidades são preservadas, no entanto, os problemas que atingem a região da fronteira são tratados em uma perspectiva de conciliação, em uma tentativa de resolução diplomática. No dia 23 de março, por exemplo, Floriano Coronel (Japay Tetaygua) divulgou notícia sobre brasileiro que foi morto em Pedro Juan Caballero. Na finalização disse “que os crimes de pistolagem devem ser combatidos pelas polícias dos dois países. Os governos de ambos os países devem se sensibilizar com o problema, acordos binacionais devem ser firmados e executados...”, relatou.

Em outra divulgação sobre apreensão de drogas no dia 24 de março, Floriano Coronel (Japay Tetaygua) noticiou que “na região da fronteira, a eficiência da fiscalização depende de ações conjuntas entre as autoridades paraguaias e brasileiras”.

Em nenhum dos dois casos houve menção sobre a diferenciação das ações no local em função das particularidades do território fronteiriço. Nas matérias constavam apenas dados sobre as apreensões e não houve inserção de fontes.

Identificamos também casos em que o material jornalístico pode ter duas categorizações como a negociação e o nós da região. Em geral, isso acontece em assuntos que tem como foco as manifestações culturais da fronteira. Por exemplo, nos dias 25 e 29 de março, foi divulgado projeto de valorização da cultura fronteiriça. No dia 25 de março a fonte era a Fundação de Cultura e Esporte de Ponta Porã e no dia 29 a Prefeitura Municipal de Ponta Porã.

Na locução dos dois dias foi ressaltada a importância da iniciativa, pois a fronteira seca do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul, era única e resultava em uma dinâmica diferenciada de todo o resto do país. “É uma oportunidade da população conhecer os artistas locais e aproveitar o evento.... como espaço de lazer voltado para toda família fronteiriça. Somos diferentes do resto do país e nossa cultura demonstra isso. Afinal poucos estados brasileiros podem dizer que atravessam a rua e estão em outro país”.

Em outra locução do dia 01 de abril, a variável nós da região é verificável através da citação do programa cidades-gêmeas. Nela Floriano Coronel resalta que os moradores da fronteira terão acesso a tarifas telefônicas diferenciadas e em algumas escolas a inclusão do espanhol como segunda língua. “Várias cidades fronteiriças paraguaias, brasileiras, uruguaias, argentinas e colombianas foram selecionadas. Isso é importante, pois os governos demonstram que começam a entender que esses municípios são diferentes social e politicamente. Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, são mais do que cidades irmãs, são cidades unidas e quero ver quem não mora aqui entender como isso funciona...”, argumenta Floriano Coronel.

Frequência Sertaneja

Neste período não houve inserção jornalística categorizada como de negociação feita no programa de Aleixo Alves. No dia 28 de março, a emissão radiofônica mesclou negociação e tensão, pois ao mesmo tempo em que chamava a atenção para o problema das chuvas torrenciais que comunidades de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

estavam enfrentando, relatava o inconveniente dos órgãos municipais brasileiros terem que prestar socorro também para a população paraguaia.

Nesta data, o locutor relatou que foi decretada situação de emergência na região da fronteira por causa da chuva. Ao mesmo tempo, que diz que as obras devem ser feitas nos dois municípios, pois o trânsito é intenso e toda vez que chove a população sofre com esse problema, salienta que por causa dos incidentes, vários paraguaios tiveram que ser atendidos pelo plantão montado pela Secretaria Municipal de Assistência Social. “O dia foi de trabalho intenso, as secretarias de Assistência Social e de Infra-Estrutura de Ponta Porã tiveram que se desdobrar para atender brasileiros e paraguaios. A situação em Ponta Porã já é difícil e quando temos que atender o Paraguai também, não tem infra-estrutura que resista. Mas tudo bem, são nossos irmãos, companheiros de trabalho e amigos e por isso em hora de desespero todos devem se ajudar...”.

Conforme vimos no capítulo I, uma das formas que definem a tensão no espaço fronteiro, verificadas quando o vizinho se transforma no “outro”, ocorre a partir do momento em que o “outro” concorre com os brasileiros na utilização de algum serviço público. Na seqüência, duas matérias demonstram isso, sendo retratadas, portanto como tensão, a primeira veiculada no dia 22 de março sobre problemas na saúde e na educação e outra de forma mais amena no dia 30 de março sobre um curso de capacitação.

A primeira referência jornalística, diz que representantes das comunidades brasileiras e paraguaias vão discutir políticas públicas. “...o governo municipal de Ponta Porã, quer investimentos conjuntos, uma vez que a população de Pedro Juan vem para o Brasil para utilizar esses serviços... É um problema sério, pois deixar de atender os brasileiros por sobrecarga também não pode, não é mesmo?”. Já no dia 30 na divulgação do curso fica explícita a informação de que só podem participar brasileiros. “... secretaria municipal de Educação de Ponta Porã abre inscrições para cursos de capacitação... as vagas são limitadas e só podem se inscrever brasileiros...”.

Por fim no dia 21 de março o nós da região é retratado por meio de divulgação da matéria sobre a exposição agropecuária de Ponta Porã. O locutor ressalta que a região da fronteira foi veiculada em nível nacional positivamente e encerra dizendo: “é

isso mesmo fronteiroço, morador de Ponta Porã e Pedro Juan, sinta-se feliz por que fomos bem retratados na mídia nacional... Por aqui tem muita coisa boa também...”. Na inserção fica demonstrada o que Traquina (1998) chamou de “buracos” territoriais, regiões fora do eixo onde se concentra o processo de produção jornalística, que só são divulgados por assuntos desviantes ou quando alguma autoridade nacional visita o país.

Tabela 5 - Categorização Corumbá-Puerto Quijarro (CO-PQ)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Revista Semanal	02	01	00	01 (N+NR) 01 (T+N)
Conexão 96	00	00	00	01 (N+NR) 01 (T+N)

Revista Semanal

Nas matérias veiculadas pelo programa a questão da binacionalidade é constantemente retomada. Na abordagem das notícias a negociação fica registrada através da intenção e da importância de acordos binacionais entre o Brasil e a Bolívia. Por exemplo, no dia 24 de março, na matéria sobre aulas de legislação ambiental para policiais, o locutor Raul Montenegro encerra dizendo que: “...no próximo mês a proposta de fiscalização será conjunta e representará... a primeira operação binacional ao combate a pesca predatória. Os dois governos juntos aliados à população civil podem combater vários problemas desde que a atuação seja conjunta. O que fazemos no cotidiano, ou seja, conviver em conjunto, passaria a ser feito na esfera governamental...”.

No dia 27 de março o encontro binacional para discutir o Canal Tamengo também assume o discurso diplomático e reitera a integração entre as comunidades. No decorrer da fala o locutor retoma várias vezes a questão do pertencimento e benefícios que as ações irão proporcionar para os dois países. “Encontro binacional discute a melhoria da navegação no Canal do Tamengo, caminho da Bolívia ao mar que deságua no rio Paraguai, em frente ao Porto Geral em Corumbá... O acordo binacional Brasil-Bolívia prevê o incremento da navegação...”.

Na categorização de tensão, os problemas sociais novamente são os responsáveis pelos atritos e pela retomada das nacionalidades, onde brasileiros e bolivianos tornam-se diferentes. No entanto, ao contrário do que verificamos no caso Brasil-Paraguai, onde as notícias de tensão, em geral, são divulgadas por brasileiros, na confrontação Brasil-Bolívia, as locuções são feitas por bolivianos que noticiam o fato, porém tentam amenizar, uma vez que representam o lado do “intruso” no acontecimento. Por exemplo, no dia 01 de abril na notícia sobre postos de saúde superlotados Raul Montenegro muda o tom dizendo: “... a comunidade corumbaense reclama da qualidade do atendimento... como as duas cidades são irmãs, os brasileiros não deveriam se importar em compartilhar serviços como o atendimento nos postos de saúde”.

Já com relação à mescla das variáveis, no dia 22 de março o programa noticiou ações na área da saúde como o combate à dengue. A notícia foi dada como prestação de serviço, ganhando repercussão ainda no programa Conexão 96. Identificada como de negociação trazia à discussão também o nós da região. Neste fato, a abordagem sugere que os trabalhos conjuntos serão de grande valor para as duas comunidades. Ressalta-se que por serem municípios unos, a ação é binacional ao contrário de todo o resto do país, conforme repercussão através da fala do secretário de saúde da província de German Busch, da qual faz parte Puerto Quijarro, Florêncio Rosas, “...contamos com poucos recursos; contamos com apenas quatro agentes comunitários para toda a província. A ajuda de Corumbá foi incrível, estamos muito contentes... em torno de uma semana o município boliviano deve receber a visita de um especialista brasileiro.... a convivência mútua e harmoniosa entre o povo da fronteira é que distingue essa região das demais do país ”.

Em outra proposição a tensão é veiculada junto com a negociação. Na notícia sobre a implantação de uma siderúrgica de ferro gusa no Pantanal, o locutor menciona que pesquisadores brasileiros deram parecer contrário, impedindo o desenvolvimento da região e após retoma dizendo que quijarrenses e corumbaenses querem o investimento e vão lutar juntos por isso. “Fora ambientalistas!... Fora os que não querem o desenvolvimento!... Corumbaenses e quijarrenses precisam do investimento. O Brasil e a Bolívia precisam do investimento”, eram palavras de ordem divulgadas

pelo programa. No entanto, ressaltamos que essas frases de efeito foram coletadas de um carro de som, com logomarca da Prefeitura de Corumbá que percorria as ruas da cidade.

Conexão 96

Com relação ao programa apresentado pela locutora brasileira, identificamos notícias divulgadas pelo programa Revista Semanal, da mesma emissora e apresentado no período da manhã pelo locutor Raul Montenegro, que são novamente inseridas na íntegra no programa Conexão 96.

Exemplificação do caso ocorreu no dia 22 de março quando o programa também noticiou as ações conjuntas de combate à dengue. A locutora ressaltou a ajuda brasileira através de uma comissão binacional Brasil-Bolívia que trabalhará junta com o objetivo de reduzir os índices de infestação e possíveis casos da doença nos dois municípios. “Os procedimentos ocorrem em Corumbá e Puerto Quijarro e vão contar com a participação de cerca de 200 agentes comunitários. Isso foi acertado através da comissão binacional entre os dois países... O material para análise será coletado e enviado para checagem em Corumbá, pois como era feito anteriormente, em Santa Cruz na Bolívia, demorava cerca de 40 dias”.

As emissões jornalísticas no programa foram pequenas neste período. Além desta transmissão conjunta com o programa Revista Semanal, foi divulgada uma notícia no dia 25 de março, sobre a pastoral do imigrante e a categorização dual - tensão e negociação - fica expressa nos relatos das fontes. Na abordagem do coordenador da pastoral dois irmãos bolivianos chegaram em Corumbá desnutridos, maltrapilhos e cansados, viajaram a pé e pedem socorro às autoridades brasileiras para chegar em São Paulo. Por sua vez representante da Polícia Federal diz que os irmãos estão ilegais no país e não podem continuar a viagem. “... eles fizeram o percurso de La Paz a Corumbá (cerca de 1,6 mil quilômetros) de carona e caminhando... dada a repercussão do caso, o coordenador da pastoral, João Hillensberger, orientou os rapazes falando que seriam presos como ilegais se prosseguissem a viagem”.

5.2 Análise dos conteúdos jornalísticos apontados pelos locutores

Na segunda tabela, conforme Anexo 03, temos descritos assuntos selecionados pelos locutores e apontados como divulgações locais que expressavam as questões da fronteira. De 21 a 28 de maio de 2005 (Festival América do Sul), 26 de junho de 2005 (Dia Internacional de Combate às Drogas), 9 a 15 de outubro de 2005 (novos focos de febre aftosa no Estado), e 01 a 05 de maio de 2006 (nacionalização do gás e do petróleo pelo governo da Bolívia).

A seleção aconteceu a partir do questionamento feito aos locutores sobre as notícias locais que foram divulgadas por eles e que atendiam as comunidades brasileiras, paraguaias ou bolivianas. Desta forma, por meio dos conteúdos jornalísticos e dos relatos dos locutores dos programas – Japay Tetaygua e Frequência Sertaneja (Cero Corá) e Revista Semanal e Conexão 96 (FM Melodia), faremos as considerações e verificaremos as categorizações dessas notícias.

5.2.1 Ponta Porã-Pedro Juan Caballero

Tabela 6 – Categorização Festival América do Sul (PP-PJC)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Japay Tetaygua	02	00	00	00
Frequência Sertaneja	01	00	00	00

Japay Tetaygua

Caracterizado com um evento de integração, com apresentações artísticas, homenagens, palestras, debates, o Festival América do Sul acontece a três anos em Corumbá. Foi designado pelos locutores de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, uma vez que a seleção feita por eles remetia as divulgações que envolviam a questão da fronteira nas duas regiões limítrofes do Estado, selecionadas para pesquisa. “O Festival é em Corumbá, mas também divulgamos a programação. Afinal assim como

temos os nossos *hermanos* paraguaios eles têm os *hermanos* bolivianos. Acho que as situações de convivência são até meio que parecidas nas duas regiões”, avalia Floriano Coronel.

No período de coleta, 21 a 28 de maio de 2005, observamos duas inserções no programa. A categorização das mensagens, até mesmo por ser tratar de um evento cultural, remete à negociação. A primeira locução ocorreu no dia 23 de maio e relatava a programação do evento e a integração das comunidades. “Integração dos povos sul-americanos... Esse anseio de uma sociedade fraterna e igualitária será debatido em mesas temáticas... Todas as palestras terão tradução em português e espanhol...”.

No dia 25 de maio, o programa divulga que um grupo paraguaio se apresenta no festival. “Conjunto de Harpas e Guitarras comandado pelo maestro Castro Dário Martinez, se apresenta no Festival América do Sul. O evento de integração entre todos os povos da América do Sul é importante principalmente para os fronteiriços de Mato Grosso do Sul”. Ao retornar, Floriano Coronel ressaltou mais uma vez a questão da integração, relatando os intercâmbios e as trocas de informações possíveis entre as comunidades que participam do festival.

Frequência Sertaneja

O programa apresentado por Aleixo Alves fez apenas uma menção sobre o Festival América do Sul também no dia 25 de maio, quando além da programação do evento chamou a atenção dos ouvintes para a participação do grupo paraguaio no Festival. “O evento é importante para o Estado. E como somos fronteiriços tanto quanto os corumbaenses, acho fundamental divulgar e ressaltar essa possibilidade de integração entre as comunidades. Na verdade, no aspecto cultural as populações são integradas. Em outras esferas é que as carências aparecem e em alguns casos as rivalidades também”, avalia.

Tabela 7 – Categorização Dia de Combate às drogas (PP-PJC)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Japay Tetaygua	01	00	00	01 (T+N) 01 (N+NR)
Frequência Sertaneja	00	00	00	01 (N+NR)

Japay Tetaygua

Foram feitas três menções sobre a data no programa do dia 26 de junho de 2005. Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero verificamos que a abordagem do tema refere-se às apreensões feitas e o destino das cargas retidas pela Polícia Federal. Na primeira notícia a chamada era: “passageiro é preso com 37 quilos de maconha”, e identificamos a categorização como de negociação, reiterada pela locução: “...na semana de combate ao uso de drogas é importante que ações de prevenção sejam feitas pelas autoridades brasileiras e paraguaias”. A utilização de forças tarefas e de planos conjuntos é ressaltada e sempre que possível o locutor reflete que “...ações isoladas não resolvem nada na fronteira quando o assunto é o narcotráfico”.

Na segunda matéria do dia, sobre maconha apreendida a mensagem radiofônica demonstra tensão e negociação. O fato é relatado de forma padrão remetendo novamente a questão da união entre as duas polícias, mas no final o locutor emite a seguinte frase: “...na fronteira o narcotráfico é coisa séria. Devemos ficar atentos, pois algumas pessoas alegam e culpam os paraguaios por isso. Não é verdade, a fronteira seca prejudica tanto brasileiros quanto paraguaios, pois em nosso país a atividade também é ilícita”.

A última notícia divulga que 36 toneladas de drogas serão incineradas. Após discorrer sobre os dados da apreensão, confirma o sentido de negociação ao afirmar que “somente ações conjuntas vão conseguir minimizar os efeitos do tráfico na fronteira sul-mato-grossense” e remete ao nós da região quando o locutor diz que: “a Operação Pantanal 6 montada pela Polícia Federal é diferenciada. Afinal estamos falando de uma área especial do país. Especial e diferente. Os moradores da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero sabem que não adianta plano nacional. Aqui as ações devem ser específicas...”.

Frequência Sertaneja

Já com Aleixo Alves foi produzida uma notícia sobre a Operação Fronteira Seca III do Departamento de Operações de Fronteira (DOF), caracterizada como de negociação e nós da região. Aqui também é retomada a necessidade de ações conjuntas para coibir o crime, e, o locutor enfatiza que “as tarefas da operação incluíram reconhecimento aéreo, identificação de novas rotas. Essas ações foram feitas, pois quem mora na fronteira sul-mato-grossense sabe que passar de um país para o outro é brincadeira de criança... Morar na fronteira não é fácil não... Falando sério, perde-se no crime, mas ganha-se em convivência, em riqueza cultural”.

Tabela 8 – Categorização Febre Aftosa (PP-PJC)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Japay Tetaygua	01	01	00	01 (N+NR) 01 (N+T+NR)
Frequência Sertaneja	00	00	00	01 (T+NR)

Japay Tetaygua

Com relação à febre aftosa, pela atividade pecuária representar a coluna vertebral da economia de Mato Grosso do Sul, o assunto gerou muita polêmica quando surgiram boatos de que o gado teria sido infectado pelo rebanho da fronteira seca com o Paraguai. Pedidos de desculpas, crises diplomáticas, enfim a fronteira sul-mato-grossense ganhou repercussão e não fugiu à regra da proposta sobre noticiabilidade apresentada por Traquina (1998). A região se tornou notícia com grande repercussão midiática, por uma desordem, no caso, social que levou ao fechamento da fronteira.

No programa foram identificadas quatro matérias referentes ao assunto no período de 09 a 15 de outubro de 2005, quando foi feita a coleta de dados. Neste espaço de tempo, em função das dinâmicas e complexidade de fatores que envolviam a questão, as variáveis constantemente se misturavam. No dia 10 de outubro a inserção foi retratada como de tensão, já no enunciado da matéria a situação de conflito e a procura por um culpado era explícita: “dia de caos após anúncio de aftosa”. A questão do conflito ficou configurada quando o locutor enfatiza: “...autoridades paraguaias se

defendem e afirmam que a fronteira seca não interfere na disseminação dos focos de febre aftosa... pois o lado paraguaio é bem controlado... os focos estão restritos ao Brasil”.

Na segunda inserção no dia 12 de outubro o fato jornalístico relatava a assinatura de um acordo binacional devido ao registro de novos focos de febre aftosa. No entanto, a locução foi contemporizada com a fala do presidente do Serviço Nacional de Controle e Sanidade Animal (Senacsa), Hugo Corrales, “espero que o problema seja resolvido logo, pois senão a economia de Mato Grosso do Sul vai parar. E isso é ruim para brasileiros e paraguaios. Temos que nos unir neste momento...”. Na menção do dia 13 de outubro ressaltava-se novamente a importância de um convênio entre os dois países para evitar novos casos de febre aftosa, e o nós da região apareceu explicitando um pouco a ausência geográfica entre os povos. “Vamos torcer para que a situação seja resolvida e que a pecuária volte a se desenvolver na fronteira. Afinal tem brasileiro com terra no Paraguai e paraguaio com terra no Brasil. Nesta região, a verdade é que somos todos fronteiriços, integrados...”.

Por fim no dia 15 de outubro, na matéria intitulada como crise diplomática verificamos todas as categorizações estabelecidas anteriormente – tensão, negociação e nós da região. O locutor inicia falando que “deputados do Paraguai aprovam uma lei que proíbe que brasileiros sejam proprietários de terras no Paraguai”. Depois Floriano Coronel diz: “esperamos que as autoridades tenham bom senso, pois saber quem é paraguaio e brasileiro nesta região é difícil. Diria até que é impossível. Mais uma vez a esfera decisória de poder, não reconhece as dinâmicas evidenciadas na fronteira”. Pelo que verificamos, mesmo em clima de conflito, as comunidades se reconhecem não como estranhos, mas como um “outro” que é bem mais do que um vizinho.

Frequência Sertaneja

No programa observamos uma inserção no dia 10 de outubro falando que os governos de Minas Gerais e de São Paulo haviam proibido a entrada de gado sul-mato-grossense. A categorização remete à negociação, pois apesar da chamada ser: “Paraguai em alerta”, a fala do ministro paraguaio da Agricultura e Pecuária, Gustavo

Ruiz Diaz contemporizou o assunto. “Na nossa região se o gado transita livremente pelos dois países é necessário que os governos se unam para o combate aos focos...”.

Tabela 9 – Categorização Nacionalização do gás e do petróleo (PP-PJC)

Programas	Caracterização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Japay Tetaygua	00	00	00	01 (N+NR)
Frequência Sertaneja	00	00	00	00

Japay Tetaygua

Na fronteira sul-mato-grossense do Brasil com o Paraguai foi veiculada uma única notícia no dia 05 de maio de 2006. Floriano Coronel divulgou que o governador José Orcírio dos Santos (Zeca do PT) havia informado em um evento na capital do Estado, Campo Grande, que a decisão do presidente Evo Morales trará prejuízos para Mato Grosso do Sul. O fato foi categorizado como de negociação e nós da região, pelas seguintes transcrições: “O presidente se esquece que algumas cidades da Bolívia são irmãs de cidades brasileiras... vamos chegando ao final do programa com a expectativa que o problema seja resolvido... na fronteira de Mato Grosso do Sul todos são irmãos, minha gente... às vezes as autoridades tomam decisões e se esquecem destas regiões em que a população vive misturada e feliz”.

Frequência Sertaneja

Não houve noticiário sobre o fato no período de coleta e nem menção jornalística no período. De 01 a 05 de maio de 2006 verificamos a veiculação de informes promocionais com entradas ao vivo com funcionários e gerentes de estabelecimentos comerciais, divulgando produtos e preços.

5.2.2 Corumbá-Puerto Quijarro

Tabela 10 – Categorização Festival América do Sul (CO-PQ)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Revista Semanal	02	00	00	01 (N+NR) 01 (T+N)
Conexão 96	01	01	00	00

Revista Semanal

Já na região em que ocorre o Festival às repercussões radiofônicas foram maiores. Registramos três notícias categorizadas como de negociação, duas onde negociação e tensão eram mescladas com o nós da região. Nas referências de negociação registradas nos dias 23, 27 e 28 de maio, Raul Montenegro divulgou as matérias com as seguintes chamadas: “prioridade cultural”, “grupo boliviano promete encantar com dança alegre e colorida” e “festival é um sucesso pelo segundo ano consecutivo”, respectivamente. No dia 28 verificamos também uma notícia de tensão, quando um grupo brasileiro foi barrado na fronteira da Bolívia.

Na primeira abordagem temos uma locução um tanto inusitada sobre o evento. “América do Sul, América do Sal, América do Sol. Vamos lembrar o poeta modernista Oswald de Andrade. Afinal somos todos locos por ti América...”. Verificamos também fala do governador de Mato Grosso do Sul, José Orcírio dos Santos ressaltando a questão da integração e da miscigenação cultural. “...a legítima terra dos ancestrais guatós e guaicurús vem se consolidando como legítimo cenário do renascer interétnico”, cita o locutor como fala do governador. Na divulgação dos dias 27 e 28 temos referência à programação do evento bem como menção a apresentação do grupo de dança boliviano, “La Diablada Artística URUS”.

No dia 23 de maio o festival foi divulgado na categorização de negociação e do nós da região. Na emissão ressaltava-se a importância do evento para o local, agora protagonista também de outros investimentos binacionais. “Por baixo de Corumbá... passa um oleoduto que trará gás natural da Bolívia para o Brasil... A partir dessa semana passa por Corumbá um importante ‘culturoduto’... Os investimentos são

importantes para os dois municípios e estão sendo feitos nesta região, pois somos diferentes das demais áreas do país. Nós fronteiriços temos integração cultural e agora econômica”, diz Raul Montenegro.

Apesar de representar um assunto que remete à questão da integração, no dia 28 de maio tivemos uma inserção de tensão e negociação sobre o Festival. Constatamos que apesar da aduana, a fronteira fica aberta com livre passagem para veículos e pedestres. No período em que o evento se realiza, formalmente não há restrição com relação à entrada em Puerto Quijarro, uma vez que atividades são realizadas nos municípios brasileiro e boliviano. No entanto, o programa noticiou que um grupo de artistas brasileiros que participava do festival havia sido barrado na fronteira e ressalta que o fato foi um grande mal entendido. “O impedimento foi um mal entendido, que ganhou força pela dificuldade do idioma... o grupo nordestino não entendeu quando um fiscal da aduana fez perguntas sobre o local da apresentação... brasileiros são sempre bem vinhos e a fronteira é aberta para eventos como o festival”, consta na locução.

Conexão 96

Neste programa foram identificadas duas divulgações sendo uma de negociação e outra expressa pela variável de tensão. No dia 23 de maio a locutora, Ivelyn Santos, divulgou a mesma notícia veiculada no período da manhã no programa Revista Semanal. “América do Sul, América do Sal, América do Sol. Vamos lembrar o poeta modernista Oswald de Andrade. Afinal somos todos locos por ti América...”

No dia 25 de maio, o concurso Soy Loco por ti América a locução foi feita falando sobre a iniciativa voltada para estudantes das redes municipal e estadual de ensino. No entanto, no final fica representada uma diferenciação entre brasileiros e bolivianos: “...a iniciativa é somente das escolas brasileira... por isso participam somente alunos matriculados na rede municipal e estadual de Corumbá”. No próprio estabelecimento das variáveis no capítulo I já havíamos constatado que a questão social, referenciada pela possibilidade de compartilhar serviços de educação e saúde entre as comunidades, provoca sentimentos de rivalidade e estabelece o limite e a separação entre os povos.

Tabela 11 – Categorização Dia de Combate às drogas (CO-PQ)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Revista Semanal	02	00	00	01 (N+NR)
Conexão 96	00	00	00	01 (N+NR)

Revista Semanal

Na fronteira Corumbá-Puerto Quijarro, pelo menos, no dia de combate às drogas, não houve menção de apreensões e nem de operações montadas pela polícia. Verificamos notícias sobre pesquisas e eventos de conscientização, principalmente de jovens e adolescentes. Identificamos três inserções, sendo que em uma delas fica caracterizada também o nós da região. Na primeira menção do dia 26 de junho Raul Montenegro falou sobre a semana antidrogas ressaltando a importância da conscientização da população de Corumbá e de Puerto Quijarro. Como fonte, durante a transmissão, participou por telefone o coordenador de um projeto social, Francisco Arruda de Souza, que durante o dia reuniu pessoas para distribuírem adesivos e panfletos nas ruas dos dois municípios.

Na segunda inserção também de negociação, o locutor anunciou caminhada de uma igreja evangélica, como ato de abertura da semana de combate às drogas. “A igreja convida evangélicos e toda a população de Corumbá e Puerto Quijarro para se unirem e caminharem juntos na celebração da vida”. Já na matéria sobre a pesquisa que definiu o perfil dos usuários de drogas, elaborada pelo Conselho Estadual Antidrogas de Mato Grosso do Sul, a negociação fica retratada quando o Conselho aponta que “o trabalho de combate e conscientização deve ser feito em conjunto pela sociedade civil e autoridades de Corumbá e de Puerto Quijarro, dada à proximidade da fronteira”. Fica expressa ainda a questão do nós da região quando o locutor diz que “nesta região não tem brasileiros e nem bolivianos, mas um povo irmão preocupado em manter todos os membros da família longe das drogas”.

Conexão 96

No programa a divulgação do dia foi à mesma notícia lida pelo locutor Raul Montenegro no programa Revista Semanal. A locutora Ivelyn Santos veiculou

novamente as informações dando as mesmas ênfases, anteriormente trabalhadas pelo locutor boliviano, sem acréscimos ou cortes na matéria. Verificamos uma mera reprodução da notícia.

Tabela 12 – Categorização Febre Aftosa (CO-PQ)

Programas	Categorização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Revista Semanal	00	01	00	01 (T+NR)
Conexão 96	00	02	00	00

Revista Semanal

No programa de Raul Montenegro foram feitas duas menções ao assunto, caracterizadas como de tensão, sendo que em uma delas o nós da região também foi retratado. A notícia do dia 13 de outubro relata a insatisfação dos produtores com relação às normas sanitárias internacionais. O conflito não é estabelecido propriamente com o vizinho fronteiriço local, mas com a outra fronteira do Estado, a do Paraguai. “O território paraguaio está a menos de dez quilômetros dos focos de febre aftosa registrados no sul do Estado de Mato Grosso do Sul. No entanto, municípios como Chapadão do Sul e Corumbá, por exemplo, que se encontram a mais de 500 quilômetros dos focos foram punidos com as restrições sanitárias...”. O nós da fronteira é reforçado quando diz que “na fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro não tem esse problema não. Existe fiscalização e conscientização dos pecuaristas”.

No dia 15 de outubro novamente verifica-se tensão ao relatar que pecuaristas e o Sindicato Rural de Corumbá ameaçam doar toneladas de carne caso as autoridades e o governo federal não se sensibilizem com os problemas do setor pecuário. “... o problema é no sul do Estado. Nosso gado pantaneiro não tem aftosa.... Depois o Paraguai fica mais próximo da área afetada do que Corumbá....”. O caso é singular, mas novamente o local e o internacional são extrapolados pelo geográfico. Apesar da situação boliviana não ser de crise com a aftosa, o noticiário divulgou as ponderações dos produtores corumbaenses, em contraposição com o sul do Estado, principalmente com o município de Ponta Porã e do Paraguai.

Conexão 96

Já a locutora Ivelyn Santos divulgou duas matérias sobre o caso. A do dia 13 de outubro era de tensão, por estabelecer uma situação de conflito, porém localizado novamente em contraposição a outra fronteira de Mato Grosso do Sul. “Se no sul do Estado a calamidade toma conta, no Pantanal os pecuaristas são conscientes, mas também pagam o pato...”. Não há registro de fontes e nem menção sobre a coleta de dados.

A matéria veiculada no dia 15 de outubro era a mesma de protesto divulgada, na mesma data, pelo programa Revista Semanal. Diferente das outras vezes em que a mesma notícia foi lida em dois horários diferentes, a locutora fez menção de que a matéria foi produzida por Raul Montenegro. “Conforme disse Raul Montenegro, hoje pela manhã, pecuaristas e Sindicato Rural de Corumbá...”.

Tabela 13 – Categorização Nacionalização do gás e do petróleo (CO-PQ)

Programas	Caracterização			
	Negociação (N)	Tensão (T)	Nós da região (NR)	Mescla
Revista Semanal	03	00	00	01 (T+N+NR) 01 (N+NR) 01 (T+N)
Conexão 96	01	00	00	01 (T+N)

Revista Semanal

O assunto registrou o maior número de inserções jornalísticas do programa. Ao todo foram seis notícias veiculadas, sendo que os dados coletados e a fala do locutor levaram a uma configuração de mescla das variáveis, onde em cada um dos fatos era possível verificar mais de uma categorização. Nas notícias que remetiam apenas a negociação um fator deve ser entendido. Os apontamentos para a resolução da crise eram direcionados de forma amigável e diplomática, no sentido de unir as duas comunidades da fronteira (brasileiros e bolivianos) contra a decisão do governo federal da Bolívia.

No dia 03 foram divulgadas duas matérias que levaram a uma reflexão de consenso e de negociação. A primeira relatava que campos da Petrobras haviam sido

tomados por decreto boliviano. “Brasileiros e bolivianos da fronteira estão unidos para enfrentar e manifestar repúdio pela decisão...”. Na segunda o locutor relatava que a situação era de calma na fronteira, porém o “paro cívico” continuava em Puerto Suarez e Puerto Quijarro. “Permanece aberta a fronteira... mas as manifestações continuam, pois bolivianos de Quijarro e Santa Cruz precisam de emprego e não vão aceitar a expulsão da empresa brasileira”.

No dia 04 de maio Raul Montenegro noticiou que o prefeito de Puerto Quijarro, Aldo Calvijo, alegou que a empresa brasileira EBX não está irregular, pois encontra-se instalada em uma zona franca. Observamos tensão, negociação e o nós da região a partir dos seguintes relatos: “A empresa brasileira paga tributos relativos a investimentos financeiros e não está em situação irregular... Brasileiros e bolivianos da área precisam do investimento e de lugar para trabalhar... Se o investimento fosse feito em qualquer região sem ser em Santa Cruz o governo boliviano não estaria agindo assim... O presidente Evo se esquece que na fronteira brasileiros e bolivianos são um só e ele acaba de comprar briga com todo esse povo”.

Nesta situação, a categorização de tensão não ocorre entre os fronteiriços, muito pelo contrário, na divulgação, brasileiros e bolivianos estão unidos e contrários a decisão da esfera governamental, representada pelo presidente da Bolívia. Aqui fica retratado o exemplo de quando as comunidades fronteiriças se reconhecem e se unem, extrapolando a questão das nacionalidades e focando para a construção de um regional, específico à população de Corumbá-Puerto Quijarro. Ainda na mesma data a matéria trazia a questão do bloqueio, da paralisação das cidades bolivianas na fronteira e reforçava “que os corumbaenses estão solidários com as manifestações. Não podia ser diferente, pois somos mais do que vizinhos, somos fronteiriços, acima de qualquer coisa e de qualquer nacionalidade...”.

No dia 05 de maio mais duas matérias. A primeira de negociação relatava que o presidente Evo Morales descartou reverter à nacionalização. “... bolivianos de todo Estado de Santa Cruz vão realizar manifestações com apoio dos brasileiros”. A segunda configurava a fronteira como espaço de tensão e de negociação, a matéria dizia que brasileiros sem títulos iriam perder terras na Bolívia. “Brasileiros e outros estrangeiros que não tiverem comprovante de compra de terra na Bolívia serão

obrigados a entregá-las ao governo... isso demonstra que o presidente não conhece o país ou desconhece as situações que ocorrem na fronteira. Hoje tem mais brasileiro morando em Quijarro do que boliviano”.

Conexão 96

Observamos duas inserções, sendo que uma delas, a do dia 03 de maio foi retirada do programa Revista Semanal e divulgada novamente na íntegra. O tema era a tomada dos campos de petróleo da Petrobras por decreto do governo boliviano. Nesta situação a locutora não esclareceu que a notícia já havia sido exposta anteriormente para o público. Na segunda veiculada no dia 02 de maio, a própria chamada remetia à tensão e à negociação na fronteira: “crise na Bolívia acirra clima tenso na fronteira com Mato Grosso do Sul”. No entanto, na finalização identificamos que o material jornalístico produzido localmente assume postura de conciliação: “o governo brasileiro discute hoje como irá reagir... os fronteiriços esperam uma postura de conciliação de ambos os governos...”. Apesar de citar os fronteiriços, na matéria não constam fontes.

5.3 Vozes e contextos na fronteira

Através das análises pudemos verificar que para algumas coisas a fronteira existe e para outras não. A dinâmica e a flexibilidade dos processos estabelecidos nesta região, estão presentes nos discursos emitidos pelos locutores das rádios e acabam por influenciar na categorização do conteúdo jornalístico. Com referência as emissoras Cero Corá e FM Melodia são binacionais e foram selecionadas por direcionarem a programação jornalística e de entretenimento para as comunidades que habitam o espaço fronteiriço. Dessa forma deveriam privilegiar as produções conjuntas diferenciando os produtos midiáticos e tornando-se de fato agentes ativos das falas, dos modos e dos costumes dessas comunidades que moram nas bordas do país.

No entanto, no desenvolvimento da tese verificamos que vários fatores, alguns relacionados à estrutura organizacional e comercial das emissoras interferem no

conteúdo da programação. A partir dos resultados da pesquisa de campo, podemos dizer que a realidade verificada nas emissoras de rádio na fronteira é diversa, no entanto, com alguns pontos comuns em todas elas. Por exemplo, todas elas são dependentes de apoio político para sobreviverem. “Olha, se nos grandes centros a situação das emissoras já é difícil, imagina no interior do Brasil. Nossa economia é a pecuária, o comércio tem uma participação pequena na comercialização de espaços no rádio. Hoje se não fosse à venda de espaços para igrejas e o vínculo com governo municipal ou estadual, infelizmente, os empresários teriam que fechar as portas”, argumenta a sócia proprietária e locutora da FM Melodia, Ivelyn Santos.

O vínculo por vezes fica expresso nas falas dos locutores, na análise do dia 31 de março de 2005, por exemplo, o programa Revista Semanal divulgou frases emitidas por um carro de som da Prefeitura Municipal de Corumbá, que fazia retaliações a pesquisadores que deram parecer técnico contrário a instalação de uma siderúrgica de ferro gusa na região. O locutor do programa avalia que a locução foi feita dessa forma, pois o assunto era notícia. “A população da fronteira estava muito incomodada, pois o investimento representava empregos para a região”, explica Raul Montenegro. No entanto, os pesquisadores só tiveram acesso à mídia local, quando pagaram anúncio de uma carta de repúdio em um jornal local de Corumbá.

Na região a prestação de serviço e o jornalismo de proximidade encontram definição deturpada. Para a locutora Ivelyn Santos, a FM Melodia noticia muita prestação de serviço através dos sorteios de cestas básicas e de celulares para as comunidades. “No início fizemos os sorteios para conseguir audiência. Depois verificamos que os produtos sorteados ajudam muito às comunidades da fronteira e por isso resolvemos continuar. Com relação ao jornalismo é mais a parte do Raul Montenegro, pois eu não sou formada na área e tudo o que faço é pelo bom senso. Mas divulgo informações que acho que vão contribuir para o dia-a-dia da população. Entendo que este seria um jornalismo que pode ajudar no âmbito local”, avalia.

Raul Montenegro diz que como jornalista prefere divulgar notícias somente da região da fronteira. “Se as rádios locais não fizerem isso quem vai fazer? Quanto é que Puerto Quijarro e Corumbá são notícia? Nem mesmo em Campo Grande ou em Santa Cruz raramente as cidades são veiculadas. Por isso, se não privilegiarmos nossa região

não tem por que existir as emissoras com jornalismo. Todo mundo poderia tocar música o dia inteiro que estaria ótimo”, reitera o locutor.

Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, na rádio Cero Corá, o proprietário, Nelson Cantalupe diz que a participação de políticos é pequena. “Contamos com ajuda sim, mas não sobrevivemos dessa colaboração política. A renda que mantém a rádio é proveniente da venda de espaços publicitários, transmissão de eventos, e de anúncios do comércio local”, explica. Cantalupe fala que todos os locutores estão autorizados a vender anúncios para os programas. “Nosso locutor mais novo está conosco há cinco anos. Todos eles são conhecidos pela audiência o que facilita a venda dos informes”, garante.

Na fronteira, a venda de anúncios pelos locutores traz à tona para discussão dois problemas, o primeiro relacionado ao mercado e o segundo a produção jornalística. As emissoras brasileiras ou paraguaias não trabalham com tabela de preços e por isso o mercado é regulado de uma forma bastante subjetiva. As emissoras brasileiras acusam as paraguaias de fazerem comércio desleal. “Enquanto uma inserção de 30 segundos custa no Brasil cerca de R\$ 5,00, no Paraguai custam R\$ 1,50 a R\$ 2,00”, constata o locutor Ednilson Ramão Vilhalba da Nova FM em Ponta Porã. Já o locutor da Cero Corá, Aleixo Alves, diz que a situação econômica dos dois países é diferente e no Paraguai não há tantos impostos quanto no Brasil. “Os profissionais esquecem que apesar da proximidade os países são diferentes. Por isso podemos ter uma tabela de preços para o Paraguai e outra para o Brasil. Mas para as duas áreas acho muito difícil, tendo em vista que o funcionamento das emissoras é bem diferente”, avalia.

Com relação à produção jornalística a venda de anúncios é confundida com prestação de serviço. No horário do programa de Aleixo Alves, Frequência Sertaneja são veiculadas propagandas do comércio local que o locutor denomina como prestação de serviço. “Tenho uma equipe de reportagem que percorre a cidade. Fábio Quintana é o repórter do programa e faz várias entradas ao vivo, entrevistando pessoas nas ruas e os gerentes e funcionários do comércio local, nossos patrocinadores, para falarem sobre as ofertas”, explica.

A troca de informações entre os locutores também é restrita. Não existe produção conjunta de programas ou notícias. Cada profissional ocupa seu horário e a

permanência na rádio acaba se restringindo ao período de duração do programa. Na FM Melodia, por exemplo, a sócia-proprietária, Ivelyn Santos, pela manhã trabalha na parte comercial da rádio. Das 12 às 14 horas apresenta o programa Super 6, na Rádio Bandeirantes de Corumbá e das 15h30 às 17h30 apresenta o “Conexão 96”, na FM Melodia. “Realmente, a gente não se encontra. Consigo falar com o outro sócio-proprietário e também locutor da emissora, Paulo Rodriguez, porque ele mora do lado da rádio e cuida de toda parte técnica. Com Raul conheço e gosto muito do trabalho dele. Às vezes leio algumas notícias que foram manchetes no programa dele, porém praticamente não nos encontramos”, revela Ivelyn Santos.

Na Cero Corá, Floriano Coronel apresenta das 4 às 6 horas o programa “Japay Tetaygua”. Pela manhã inicia produção para o programa do dia seguinte e trabalha na parte comercial, vendendo anúncios. Após o almoço acerta os detalhes para o programa MBurucúya Poty, veiculado das 13h30 às 15h30, na rádio MBurucúya, também em Pedro Juan Caballero. “Na Cero Corá mesclo músicas com notícias, na MBurucúya o programa é voltado mais para a tradição da fronteira, praticamente não tem locução de notícias”, explica. Aleixo Alves, locutor do programa Frequência Sertaneja, transmitido das 6 às 9 horas, diz que após esse horário trabalha na venda de anúncios para o programa. “Olha, trabalho conjunto entre os locutores não existe. Cada um vem, faz o seu programa e vai embora, pois a vida é muito corrida. O ideal seria compartilhar e conhecer o trabalho do outro, no entanto, não é possível, menciona Aleixo Alves.

Na pesquisa de campo foi possível também apurar dados com relação à educação. Os proprietários não têm formação na área da comunicação, em geral, os que trabalham em mídia têm o registro profissional, por tempo de trabalho. Todos eles acumulam as funções administrativas e de locução. Os profissionais contratados também não têm formação na área, sendo o ensino médio o maior nível de instrução, fator localizado tanto em emissoras AM quanto FM. Existem bons comunicadores, que, contudo não têm acesso a capacitação. Assim, o bom locutor da fronteira ainda é o profissional que tem uma voz bonita.

Na análise dos programas verificamos que a negociação, ou seja, a tentativa de conciliação, do encontro de uma saída diplomática prevalece, ainda que mesclada a

outras categorizações como a tensão e o nós da região. Acreditamos que isso reflete os movimentos dinâmicos das comunidades fronteiriças, que conforme Ianni (1997) e Santos (1995) não podem ser avaliadas sob a mera perspectiva do geográfico; uma vez que para essa população, os espaços geográficos constituem parte do tecido social, onde as relações humanas e sociais acontecem cotidianamente através de intercâmbios culturais, políticos e econômicos. Neste contexto, enfatizamos que as transmissões radiofônicas nos municípios de Ponta Porã, Pedro Juan Caballero, Corumbá e Puerto Quijarro divulgam as diferenças e as semelhanças entre as comunidades que foram sendo tecidas ao longo dos anos.

Assim, na proposição de análise feita em um período de rotina dos programas identificou-se que foi veiculado maior número de matérias categorizadas como negociação do que de tensão. Percebemos também que os programas “Japay Tetaygua” e “Revista Semanal”, comandados por locutores paraguaios e bolivianos respectivamente, foram os que mais tiveram inserções jornalísticas; praticamente o dobro se comparadas com os programas “Frequência Sertaneja” e “Conexão 96”. Para Maria da Anunciação, 28 anos, membro do Comitê Cívico de Puerto Quijarro, o programa “Revista Semanal” é o melhor para se ter informações na fronteira. “O locutor, Raul Montenegro, é nosso companheiro no comitê. Por estar engajado socialmente com as causas da população fronteiriça, consegue diferenciar as notícias divulgadas, pois quando ele fala, ele realmente sabe o que está dizendo”, argumenta.

Fátima Alvez, 42 anos, autônoma, também é ouvinte da FM Melodia e diz que acompanha os programas de notícia da emissora, principalmente os apresentados por Raul Montenegro e Paulo Rodriguez. No entanto, para a ouvinte o melhor da programação são os sorteios. “Sempre que tem sorteio venho até a rádio e ‘dou’ meu nome para concorrer. Não ganhei nada ainda, mas minha vizinha já ganhou cesta básica. É um ótimo prêmio e os locutores vão até à casa da gente para fazer a entrega”, explica.

No período proposto pelos locutores, à veiculação de notícias nos programas “Japay Tetaygua” e “Revista Semanal” é também, praticamente o dobro das identificadas nos programas cuja apresentação fica sob a responsabilidade dos locutores brasileiros. A categorização negociação também foi a mais utilizada. Em

assuntos como, os registros dos focos de febre aftosa, observamos cisão, troca de acusações e atritos entre as comunidades.

Evidencia-se que a tensão pode ser desencadeada também pela flexibilidade que o regional assume. Vimos, por exemplo, o caso das barreiras sanitárias que liberavam a comercialização do gado paraguaio localizado há 10 quilômetros das áreas contaminadas no Brasil, mas impedia que a venda de outros municípios brasileiros, mesmo que esses ficassem a mais de 500 quilômetros dos locais onde ocorreram os focos. Na defesa da economia local, em uma região, Corumbá-Puerto Quijarro, os fronteiriços se unem, misturando o nós da região ao clima de tensão e em outra área Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, os fronteiriços tornaram-se rivais, em relação ao assunto.

Para o ouvinte da Cero Corá, Ramão Gonzalez, autônomo, 30 anos, o rádio é um meio imprescindível na fronteira. “Como trabalho direto na rua, fico sabendo tudo o que acontece pelo rádio. Acho que o rádio é um meio de integração para nossa comunidade, porque fala sobre os acontecimentos, às festas que acontecem na região; fala às notícias que estão acontecendo”, diz. Gonzalez explica que os programas com maior audiência são transmitidos no horário da manhã. “Pela manhã tem notícias, informação. À tarde parece que o rádio favorece os jovens que voltam da escola, pois toca muita música e as informações já não são lá essas coisas. Vida de artista, fofocas, enfim assuntos que é pra ouvir só. Não se aproveita nada”, avalia.

Pelo exposto acima, mesmo nas rádios binacionais as questões regionais, incluindo-se a fronteira, são pouco exploradas pelos locutores brasileiros, que contam com a mesma infra-estrutura para a produção dos programas. Até mesmo os nomes dos programas brasileiros analisados, “Frequência Sertaneja” e “Conexão 96” remetem mais a questão do entretenimento. Já os produzidos pelos locutores boliviano e paraguaio remetem a um caráter mais informativo - Revista Semanal e Japay Tetaygua (Vamos Acordar).

Sabe-se que nas áreas fronteiriças a binacionalidade é uma questão real. Porém, às vezes, como forma de minimizar as tensões entre as comunidades, o problema é lançado com se fosse de responsabilidade unicamente das esferas federais. Pela análise podemos exemplificar a questão pelos casos de febre aftosa e da nacionalização do gás

e do petróleo pela Bolívia. Assim minimiza-se o desconforto local e o conflito é jogado para uma negociação afastada do âmbito local. Decisões essas que encontram pouco eco nas repercussões nacionais e que muitas vezes, a partir de resoluções tomadas pelos poderes centrais do país, constituem-se apenas em mera formalidade para a população fronteiriça.

Na área social verificamos que a comunidade brasileira não se importa em dividir serviços de educação, transporte e saúde com o povo vizinho, desde que isso não provoque uma superlotação e prejudique o atendimento local. Para a dona de casa Liana Almeida, de 54 anos, que participa da programação da rádio Cero Corá, os governos dos dois países deveriam se unir para melhorar o serviço público de atendimento à comunidade. “Em Ponta Porã a situação já é precária. Daí vem os paraguaios em busca de socorro. Resultado ninguém é atendido direito. Acho a situação ruim, já que não tem fronteira mesmo, o governo deveria assumir o fato e investir em programas para as duas comunidades”, avalia.

Com relação a esse assunto, evidencia-se novamente o processo de cisão e o outro é visto como estrangeiro, que, está usufruindo de um benefício que não compete ao governo brasileiro, uma vez que tem uma outra nacionalidade. Não evidenciamos a prática dos brasileiros atravessarem a fronteira em busca destes serviços nos municípios fronteiriços. Os únicos casos registrados foram de jovens que vão para Assunção (capital do Paraguai) ou La Paz (capital da Bolívia) para estudarem em universidades.

Em outras situações fica explícita a união das comunidades dos dois países. No caso da nacionalização do gás e do petróleo pela Bolívia, as notícias transmitidas do Estado de Santa Cruz, do qual o município de Puerto Quijarro faz parte, eram diferentes de todo o resto do país. Neste conflito eles se uniram aos brasileiros e os protestos foram amplamente cobertos pelas rádios quijarrenses. Jorge Rodriguez, 33 anos, operário da EBX, entrevistado no portão da FM Melodia em maio de 2006, diz que os fronteiriços são vistos como se estivessem à margem do país e isto é errado. “Não temos emprego e quem visita a cidade sabe que a população faz pedágio em qualquer lugar da rua para comer. Os fronteiriços têm que se unir e reivindicar condições como qualquer cidadão. Gosto de ouvir o Raul Montenegro, pois ele sempre

diz que quem conhece seus direitos briga por eles. É isso que temos que fazer, todos juntos”, avalia.

As fronteiras são áreas sensíveis e vulneráveis aos acontecimentos externos. Em situações de conflito a primeira medida adotada é o seu fechamento. Assim, a partir do momento em que a sociedade mundial reflete sobre o caráter centralizador e excludente dos processos de globalização torna-se necessário questionar quais barreiras queremos manter, se a do capital ou a do homem.

Os projetos em curso no país não traduzem uma política geral, ou seja, a elaboração de uma política de fronteira nacional que garanta infra-estrutura urbana, econômica e social para que as autoridades bem como a comunidade possam enfrentar a violência gerada pelos crimes de pistolagem e pelo narcotráfico. As duas áreas propostas para análise já foram espaços vulneráveis na Guerra do Paraguai e no pós-guerra e apresentam geografia desfavorável por estarem distantes dos centros de decisões e dos investimentos nacionais.

Neste ponto consideramos que os investimentos nacionais são de suma importância, entretanto, para os municípios fronteiriços, devem caminhar junto com programas ou projetos binacionais de integração. A estrutura neste espaço é dual, ou seja, os moradores são iguais, mas diferentes ao mesmo tempo, vivem em espaço locais, mas que não deixam de ser internacionais. Entende-se que as políticas públicas, considerando as características próprias de cada nação, dependem de decisão conjunta entre as cidades vizinhas, pois só assim cria-se condições para que as áreas se desenvolvam e depoimentos como o coletado em Puerto Quijarro sejam reduzidos. “Nesta região praticamente todas as famílias tem alguém que trabalha com o narcotráfico”, constata o pastor e locutor da FM Melodia Paulo Rodriguez.

Para Rodriguez a atividade do tráfico significa trabalho e renda para as famílias fronteiriças. “O desemprego é grande e como dizer que não devem trabalhar com essa ou aquela atividade se na fronteira ela é a única que garante a sobrevivência das pessoas? É muito difícil. Só quem convive diariamente com esse problema consegue imaginar”, avalia. Depoimentos como esse talvez expliquem que nessas áreas limítrofes do país os casos de apreensão de drogas, que levam à prisão de pessoas são tratados de forma diferenciada, principalmente na fronteira do Brasil com a Bolívia.

As notícias do dia internacional de combate às drogas, por exemplo, em geral falam sobre conscientização e programas educativos. Já na fronteira do Brasil com o Paraguai os acontecimentos envolvem número de apreensões e reforçam em todos os momentos às facilidades do narcotráfico na fronteira seca.

A análise dos dados permite apontar ainda para a necessidade de projetos que sustentem a integração, uma vez que somente as articulações e mecanismos criados no dia-a-dia pela população não dão conta de superar todas as barreiras. Com relação aos conteúdos jornalísticos, verificamos que a integração é uma palavra muito utilizada no discurso dos locutores, no entanto, na prática, fica restrita ao vocabulário; uma vez que não identificamos produções conjuntas entre os locutores. Conforme explicitamos no capítulo II, a binacionalidade é expressa pela rotatividade entre os locutores, em diferentes horários da programação. Desta forma, mantém-se uma programação bilingüe ou trilingüe, que, no entanto, continua isolada, pois não existe troca de informações ou desenvolvimento de atividades entre os profissionais das emissoras binacionais.

Vislumbra-se também que a fronteira é um fator que mais integra do que desagrega. Neste contexto, as identidades se sobressaem e se fortalecem a partir da visão que cada um tem do outro. Os valores e as características que diferenciam os elementos que transitam e dividem o espaço como território de boa convivência servem também para reforçar as marcas identitárias de cada um dos grupos envolvidos. Em todos os momentos, mas sob diferentes manifestações e formatos, o outro está presente na consciência e nas falas dos fronteiriços.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a dinâmica e a integração regional que ocorrem no âmbito social entre as comunidades de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro representam de forma simbólica a cultura e a identidade do povo sul-mato-grossense que habita a região limítrofe do Estado. A própria dinâmica e flexibilidade das relações sociais, políticas, econômicas e culturais que ocorrem cotidianamente entre as populações tornam singulares valores e comportamentos de quem habita uma área, muitas vezes, tratada como marginal, onde o local e o internacional oscilam dependendo da situação e da necessidade.

Neste complexo contexto, as comunidades assumem em vários momentos a contraditória posição de diferentes e semelhantes. Afinal, o outro não é um desconhecido, mas um indivíduo que, através de laços familiares, compartilha muito mais do que atividades diárias com o vizinho. A flexibilidade existente na fronteira leva as comunidades, por meio da convivência mútua, a um processo de afirmação do eu e de reconhecimento do outro. Através da pesquisa social, tendo como referenciais a hermenêutica em profundidade e o estudo de caso é que verificamos como esses processos estão expressos também na mídia radiofônica.

Assim, com relação especificamente às emissoras binacionais, a fronteira representa um espaço de compartilhamento, de união, de cisão, de rivalidade, expresso por meio de variáveis como: negociação, tensão ou nós da região. Os conteúdos jornalísticos divulgados pelas emissoras Cero Corá e FM Melodia estimulam esses sentimentos, através de uma produção jornalística na fronteira singular, por seus modos de produção e pela configuração das rádios nestas áreas.

A única rádio binacional na fronteira de Corumbá-Puerto Quijarro, FM Melodia, está instalada no município boliviano. Os locutores utilizam correspondentes no interior da Bolívia e na capital para entradas ao vivo durante o programa. Fora isso, fazem trabalho de prestação de serviços e sempre sabem dos principais fatos que ocorrem na região, pois integram organizações civis que representam os interesses da comunidade, como dizem os sócios-proprietários da emissora, Ivelyn Santos e Paulo Rodriguez. Apesar de uma das proprietárias ser brasileira, constatamos que na FM

Melodia o jornalismo local e as questões da fronteira são retratados de forma mais contundente pelos locutores bolivianos. No horário dos locutores brasileiros, identificamos a divulgação de assuntos relacionados ao mundo artístico e constatou-se que a prestação de serviço intitulada pelos locutores, caracteriza-se na verdade por ações como sorteios de cestas básicas, celulares, ingressos para eventos, entre outros.

Para Ivelyn Santos, sócia-proprietária e locutora brasileira da FM Melodia, a rádio é única na fronteira Brasil-Bolívia que investe em uma programação integrada para as duas comunidades e na prestação de serviço. “A população dessa área é muito carente. Tive contato com essas realidades, pois fui candidata à vereadora do município de Corumbá. Apesar de derrotada nas urnas, pude conhecer e conviver mais com a comunidade. Daí surgiu a idéia do sorteio das cestas básicas e de celulares. A comunidade da fronteira precisa de bens básicos como alimentos”, afirma.

Raul Montenegro, locutor boliviano da FM Melodia, ratifica a questão social da fronteira, mas salienta que apesar da prestação de serviço ser fundamental, mas importante ainda é manter a população informada. “Todos os dias observamos fatos inusitados, de mandos e desmandos ocorrendo tanto no Brasil quanto na Bolívia. A comunidade desta área é carente, mas deve ser bem informada, até mesmo para que possa reivindicar os seus direitos. Isso sim faz diferença no dia-a-dia das pessoas. Conhecer os seus direitos e poder brigar por eles. Neste sentido acho que as rádios podem ajudar, uma vez que é o meio de comunicação de maior inserção na fronteira”, constata.

Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero a rádio que se designa binacional, visando o atendimento as duas comunidades e que mantém locutores transmitindo em guarani, espanhol e português é a Cero Corá. A emissora utiliza-se também dos informes regionais e das músicas que caracterizam a fronteira por meio do programa com locução do paraguaio Floriano Coronel. A prestação de serviço é feita em espanhol e guarani, principalmente, mas utiliza-se também o “portunhol” e logo nas primeiras horas da manhã, os ouvintes recebem notícias da fronteira. “O programa começa às 4 horas, quando as pessoas das fazendas e da cidade começam a acordar. Assim iniciamos tocando os ritmos da fronteira. A partir das 5h15 reforçamos a prestação de serviço, pois é neste horário que observamos maior audiência. As informações são

coletadas no dia anterior e muita coisa acontece no decorrer do programa. Entram as entrevistas ao vivo, os informes agropecuários e as notícias que estão sendo divulgadas nos jornais do dia”, informa o locutor.

No horário do brasileiro Aleixo Alves, a transmissão ocorre somente em português e os informes restringem-se aos comerciais com repórter ao vivo no comércio de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero. Conforme dados fornecidos pelo locutor Aleixo Alves, observa-se que a prática garante maior retorno comercial e assim, a prestação de serviço e as notícias são confundidas com os informes publicitários. Com relação ao estilo musical, a programação é permeada pelo estilo sertanejo, porém o estilo característico da região da fronteira divide espaço com as duplas sertanejas consagradas nacionalmente. “Fazemos muita prestação de serviço no horário do programa. Temos um repórter, o Fábio Quintana que percorre o comércio pela manhã fazendo inserções das promoções que estão ocorrendo. Nosso programa é muito conhecido no comércio local. Além disso, veiculamos notícias importantes divulgadas pela Defesa Civil, para as comunidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero”, explica.

No aspecto das transmissões de notícias, bolivianos e paraguaios também parecem mais familiarizados com os fazeres jornalísticos, utilizando correspondentes e realizando entrevistas ao vivo. Verifica-se também que não há profissionais graduados na área da comunicação. No entanto, um fator que pode ter contribuído para esta prática é que as emissoras bolivianas e paraguaias utilizam-se da rede apenas nos horários dos noticiários jornalísticos. Desta forma, após o anúncio de notícias sobre Santa Cruz e Assunção é preciso divulgar os contextos regionais que envolvem Puerto Quijarro e Pedro Juan Caballero, respectivamente, e seus entornos.

A participação ativa em movimentos sociais também é importante e configura-se de forma representativa na preocupação com os fatos noticiados pelos locutores bolivianos e paraguaios. Raul Montenegro, um dos principais jornalistas da região de Puerto Quijarro é presidente da Federação dos Jornalistas e membro do Comitê Cívico. Já Floriano Coronel é um dos radialistas mais antigos da região de Pedro Juan Caballero e também apresenta engajamento social, principalmente com relação às manifestações culturais e junto à comunidade indígena da região. Verifica-se que o

jornalismo praticado localmente é diferente do desenvolvido nos grandes centros urbanos, uma vez que são construídos a partir de uma relação direta entre os repórteres e a comunidade, que interagem no cotidiano. A distinção ocorre também quando avaliamos a estrutura empresarial e organizacional das emissoras.

Pelas carências sociais e falta de acesso a bens básicos, o rádio na fronteira representa um porta-voz da comunidade, muito mais nos municípios de Pedro Juan Caballero e Puerto Quijarro do que nos municípios brasileiros. Para a comunidade paraguaia e boliviana, os programas além de informação representam a possibilidade de diálogo entre o povo e as esferas governamentais que respondem pelos atos jurídicos, políticos, econômicos e sociais no âmbito regional. “A população desses países atravessa a fronteira e busca no Brasil melhores condições de trabalho, acesso à escola e a postos de saúde. Se em nosso país a situação é precária, do outro lado da fronteira é pior”, afirma a locutora Ivelyn Santos.

Através da análise dos dados, fizemos uma combinação de procedimentos de interpretação da hermenêutica, aliando as informações jornalísticas coletadas com os dados reunidos nas entrevistas feitas com os proprietários das emissoras, locutores e com membros da comunidade. A partir dos resultados da pesquisa de campo, podemos dizer que a realidade verificada nas emissoras de rádio binacionais da fronteira é diversa, havendo, no entanto, com alguns pontos comuns em todas elas.

Quanto às questões do jornalismo, as transmissões bilíngües contribuíram em muito para a integração das comunidades. Porém identificamos que os horários ocupados pelos locutores bolivianos são caracterizados como informativos para as duas comunidades. Já nos programas comandados por brasileiros, as informações são direcionadas ao entretenimento e às notícias generalizantes, uma vez que são retiradas de sites de notícia. De acordo com os produtores das informações, o maior enfoque é local, mas assuntos regionais, nacionais e internacionais merecem destaque. Observa-se, porém, que temas de âmbito local e internacional são mesclados e geram dificuldade de definição para os responsáveis em apurar os fatos.

Em Puerto Quijarro, muito mais do que em Corumbá, o rádio é tido como o porta-voz da população e a credibilidade do meio faz com que todas as notícias veiculadas, principalmente pelo locutor Raul Montenegro, ganhem grande repercussão

no âmbito local. Os ouvintes, Maria da Anunciação, Jorge Rodriguez e Fátima Alvez, que constam no capítulo III e IV, confirmam que as emissoras radiofônicas são o principal meio para obtenção de informações e a divulgação de Montenegro é tida como a mais crível, em função das atividades em desenvolve na comunidade, entre elas a participação do Comitê Cívico e na Federação dos Jornalistas.

A relação direta entre a comunidade e os locutores influencia também na proposição dos temas que foram analisados. Com relação às drogas, por exemplo, as notícias divulgadas pelos programas cuja locução é feita por brasileiros retratam bem as facilidades, como a fronteira seca, para a prática desta atividade ilícita. Já nas locuções feitas, principalmente, por bolivianos, as informações são focadas na conscientização com relação ao uso de drogas. As referências radiofônicas da FM Melodia, no programa Revista Semanal, dão pouca importância ao número de apreensões. “A miséria é muito grande no país. Se formos checar, praticamente todo mundo tem uma pessoa da família envolvida com o tráfico”, revela o pastor e locutor da emissora, Paulo Rodriguez.

Essa dinâmica e a flexibilidade dos processos sociais e a aproximação dos produtores com a comunidade fazem do espaço fronteiriço variável, podendo ser definido conforme os acontecimentos e os agentes envolvidos. Assim, em alguns momentos a fronteira é representada através de discursos conciliatórios e de integração. As nacionalidades são relatadas como diferença, mas recorre-se a pontos de semelhança para a resolução dos problemas verificados no cotidiano das comunidades. Em outros momentos, a rivalidade é exposta e a convivência harmoniosa praticamente se dilui, entre as constatações de ser brasileiro, ser paraguaio ou ser boliviano. Neste momento, as identidades nacionais são reforçadas e cada grupo envolvido tem sua marca identitária, a partir do país de origem.

Podemos identificar ainda, que em determinado assuntos, brasileiros, paraguaios e bolivianos tornam-se um único povo, representando os fronteiriços sul-mato-grossenses. A apresentação é de um povo diferenciado de todos os outros contextos verificados nos países de origem. O que podemos constatar é que, em todos os momentos, a fronteira está presente sob diferentes aspectos nas falas e na consciência dos habitantes fronteiriços. Neste processo, o reconhecimento do vizinho

como um irmão ou *hermano*, depende das dificuldades que a vida na fronteira lhe impõe.

Como já dissemos, os espaços fronteiriços são dinâmicos e isso está expresso também na mescla entre as variáveis. A dualidade na categorização é verificada ainda no aspecto social, em casos onde as comunidades compartilham o mesmo problema, mas são diferentes na situação de legislação; são locais, mas ao mesmo tempo podem assumir a dimensão do internacional. A partir das análises verificamos que as tensões são pontuais e mesmo neste contexto, locutores e fontes tentam amenizar o problema, indicando um processo conciliatório. A predominância, enquanto espaço fronteiriço nas emissões radiofônicas é de negociação, muitas vezes perpassada pelo nós da região.

Na variável de negociação as questões binacionais ganham repercussão e nelas estão expressos também o nós da região. Por meio das notícias sobre projetos e atividades que estão sendo desenvolvidas entre os dois países, é notável o reforço na diferenciação do local e dos moradores, que fazem do espaço fronteiriço uma área singular e distinta das demais localidades do país. Como propôs Traquina (2005), para os habitantes dos denominados “buracos” territoriais é importante o reconhecimento dos aspectos positivos e das peculiaridades que os tornam “especiais” com relação às outras comunidades ou regiões do país de origem.

A questão da binacionalidade é uma estratégia também de minimizar as tensões do local, pois a partir do momento em que o problema ganha a esfera internacional, não cabe somente às autoridades ou à comunidade local a resolução das dificuldades. Nestes casos, a esfera nacional é acionada. Constatamos essa situação no caso da febre aftosa. Quando foram verificados novos focos da doença no Sul de Mato Grosso do Sul, após trocas de acusações em função da fronteira seca, que quase geraram uma crise diplomática, os governos federais dos dois países, tiveram que constituir comissões e adotar procedimentos binacionais. “Se a fronteira seca ajudou na constatação dos novos focos de febre aftosa ou não, as comissões binacionais é que vão resolver. O que não pode é esse jogo de acusações entre os moradores da fronteira”, relatou o locutor Floriano Coronel, no programa do dia 15 de outubro de 2005.

No caso da aftosa identificamos que as decisões repassadas para a esfera nacional foram acatadas pela comunidade local como forma de amenizar as tensões impostas pelo problema. No entanto, sem sempre é assim. Em alguns casos, as decisões tomadas na esfera federal propiciam a união das comunidades fronteiriça, na defesa de uma proposta que é importante para a área. Aqui as nacionalidades ficam em segundo plano e os habitantes se tornam unos – fronteiriços. Exemplificação do caso ocorreu na divulgação da nacionalização do gás e do petróleo pelo governo da Bolívia.

Nestas exemplificações fica claro que o habitante da fronteira constrói diariamente a relação eu e o outro no fortalecimento das diferenças e no reforço das semelhanças. O que observamos é que essa situação é retratada pelos locutores paraguaios e bolivianos, muito mais do que pelos locutores brasileiros. Até mesmo nas emissoras binacionais, os programas Japay Tetaygua e Revista Semanal, tiveram praticamente o dobro de inserções jornalísticas locais, se comparadas aos programas Freqüência Sertaneja e Conexão 96.

Notamos também que o uso de fontes é um recurso a que apenas locutores paraguaios e bolivianos recorrem. Em Corumbá-Puerto Quijarro identificamos inclusive que quatro notícias divulgadas pelo programa Revista Semanal (FM Melodia) foram retransmitidas no programa Conexão 96, sendo que em apenas uma delas a locutora Ivelyn Santos deu o crédito ao locutor Raul Montenegro, relatando que o acontecimento já tinha sido veiculado no período da manhã pela emissora.

As palavras integração e fronteira são constantemente divulgadas nas notícias veiculadas pelos programas radiofônicos analisados. No entanto, verificamos que a colaboração para a formação e consolidação do eu fronteiriço é um processo isolado, na prática, pelos locutores. Constatamos que profissionais brasileiros, paraguaios e bolivianos ocupam horários em rodízio nas emissoras binacionais, porém não participam de produções conjuntas e, em geral, conhecem as especificidades dos outros programas apenas como ouvintes.

Desta forma podemos dizer que as emissoras binacionais da fronteira sul-mato-grossense são de fato as únicas a se preocuparem com uma produção jornalística local, mesmo que esta predomine nos horários destinados aos locutores paraguaios e bolivianos. Nestas rádios existe uma tentativa de contemplar e reforçar a dinâmica da

integração, divulgando através do conteúdo jornalístico as formas simbólicas da cultura e da identidade do povo que habita as regiões limítrofes do Estado. Falamos em tentativa, pois os discursos das comunidades nem sempre ficam expressos nas emissões radiofônicas. Pelas análises pudemos checar que o uso de fontes é restrito e quando utilizado transita na esfera governamental.

Nas emissões da mídia radiofônica local, os programas analisados são entendidos como porta-voz das comunidades, uma vez que os acontecimentos divulgados são familiares, fazem parte do cotidiano da população assim como de seus articuladores, os locutores. A participação, por exemplo, de Raul Montenegro e Floriano Coronel em associações e comitês cívicos é um fator relevante para a comunidade, que os tornam engajados com os problemas locais dos municípios fronteiriços.

Nesse sentido, a mídia local colabora para a formação e consolidação desse eu fronteiriço. Ao falarmos sobre a fronteira sul-mato-grossense na representação de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro, a impressão é que estamos percorrendo sobre lugares unos. Nesta área o local e o internacional se misturam, o uso do português e do espanhol, por exemplo, é frequente e na parte paraguaia o guarani também é usual. No âmbito da fronteira o “portunhol” também se configura como uma forma de ampliação do canal comunicativo entre a população da fronteira.

Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, a avenida Internacional separa os dois países e desde a entrada do município de Ponta Porã a integração é evidenciada, com a bandeira dos dois países e com símbolos que uniram historicamente as duas regiões como a erva-mate. O relacionamento entre as populações de fato é mais cotidiano do que o constatado na fronteira Corumbá-Puerto Quijarro. A integração é sempre descrita remetendo a sentimentos como solidariedade, amizade e entrosamento. Historiadores como Valmir Correa, afirmam que a região Sul do Estado já foi Paraguai um dia. Esta região é considerada por muitos moradores como terra expropriada do país vizinho após a Guerra do Paraguai. Para a comunidade local se hoje houvesse um conflito armado novamente a situação ficaria difícil. “Todos os moradores desta

região, principalmente os que nasceram por aqui, representam uma mistura de brasileiro, paraguaio e índio. Não tem como separar esse povo”, explica o historiador.

Perguntados sobre a fronteira, a comunidade diz que não existe, relatam que talvez por não contar com nenhuma barreira formal é tida como invisível. No entanto esta invisibilidade conta com leis específicas que vigoram em cada um dos lados da avenida Internacional. O protesto de produtores rurais retrata bem essa situação. Os manifestantes podem fechar ruas e a entrada do município de Ponta Porã, no entanto o trânsito deve ser livre do lado paraguaio. Assim, o protesto não dura muito tempo, pois os motoristas desviam o caminho pelas ruas de Pedro Juan Caballero, uma vez que não existe nem mesmo canteiros separando os dois países. Nas estradas, desvios que entram em território paraguaio também driblam os bloqueios, onde em poucos quilômetros adiante já se pode retornar novamente para as rodovias brasileiras.

Para a população economicamente ativa dos dois países a busca de emprego depende das variações do dólar. Quando a moeda americana está em alta, o comércio paraguaio sofre queda e com isso a comunidade busca colocação no mercado de trabalho brasileiro. Já em situação contrária, os brasileiros fazem o caminho inverso. Assim, no comércio local, é normal os trabalhadores atenderem no idioma do cliente. No Shopping China, por exemplo, maior comércio de produtos importados da fronteira, atendentes paraguaias e brasileiras apresentam desenvoltura nos dois idiomas e conhecimento sobre a cultura local de ambos os países.

Se no mercado de trabalho a busca por emprego depende das oscilações do dólar, com relação aos serviços de educação e saúde, o município brasileiro sofre uma sobrecarga significativa e acaba arcando com o atendimento as duas comunidades. Parte da população de Pedro Juan atravessa a fronteira para ter acesso a hospitais e escolas públicas. O inverso praticamente não ocorre. “Principalmente na área da saúde, se o serviço é deficiente do lado brasileiro podemos dizer que do lado paraguaio é muito pior. Moradores de Pedro Juan Caballero, dependendo da gravidade do caso, viajam para Campo Grande para serem atendidos”, explica Ednilson Ramão Vilhalba, assessor de comunicação da Prefeitura Municipal de Ponta Porã.

Com relação aos meios de comunicação a situação é diferente. As rádios de Pedro Juan Caballero absorvem mão-de-obra dos brasileiros, a contrapartida não

existe. Isso se deve em parte, à infra-estrutura das rádios paraguaias estarem melhor do que as emissoras brasileiras e ao fato das emissoras paraguaias privilegiarem programação local. O funcionamento em rede com emissoras de Assunção, exemplo da Ñanduti, existe apenas em horários pré-determinados e não ocupam mais do que 20% da programação. No Brasil, a situação é inversa, as programações em rede ocupam 80% dos horários e as emissoras que operam localmente privilegiam programação musical.

Se durante o dia o fluxo de pessoas é intenso, à noite, pelo menos nos logradouros públicos, o movimento sofre queda significativa. Segundo dados da Polícia Federal em 2004, o espaço nas cidades de fronteira é complicado. Roubos, crimes de pistolagem e ações do narcotráfico são facilitados pela fronteira seca. “Crimes são cometidos no Brasil e a pessoa simplesmente foge para o Paraguai ou vice-versa”. Assim, para coibir essas ações, as polícias dos dois países precisam fazer acordos extra-oficiais com o objetivo de realizar atividades conjuntas de buscas e apreensões.

A população local se diverte nos bailes cujos ritmos são as guaranias e as polcas, já os turistas freqüentam o Hotel Cassino Amambay. No endereço divulgado, consta que o hotel fica em Ponta Porã, no entanto localiza-se em Pedro Juan Caballero, uma vez que as casas de jogos são proibidas de funcionar do Brasil. Segundo a população local, na região existe pouca promoção de eventos culturais. Em geral, festas religiosas unem as duas comunidades. Em Ponta Porã, no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, padroeiro da cidade e no dia 08 de dezembro, dia da Imaculada Conceição, padroeira do Paraguai, são exemplos de festividades que reúnem as comunidades.

Pelos relatos da população e dos proprietários de emissoras que compuseram o capítulo de análise da tese, os fronteiriços de Corumbá-Puerto Quijarro são integrados. O fato realmente é evidenciado, porém conforme se ressaltou a população brasileira tem um olhar de superioridade em relação a população boliviana. Essa tensão, em geral, é gerada porque membros da comunidade boliviana casam, estudam, vêem os filhos nascerem em Corumbá. “Os laços de parentesco são muitos e em função da proximidade e de melhores condições sociais no lado brasileiro, muitas

famílias bolivianas desenvolvem todas as atividades cotidianas no Brasil e regressam para a Bolívia no final da tarde”, explica o locutor Raul Montenegro.

As duas comunidades alegam que a presença de uma aduana facilita e ordena o trânsito de automóveis e pedestres e dizem ser importante ter um marco delimitado, ainda que por mera formalidade, pois o fechamento da fronteira serve para chamar a atenção da população nacional brasileira e boliviana para os problemas locais.

As duas cidades são irmãs e desde 2000 vários investimentos brasileiros vêm sendo feitos na Bolívia por meio do município sul-mato-grossense de Corumbá e são citados pelas duas comunidades como fator de integração. Em prol deste possível desenvolvimento, legislações foram burladas e as comunidades se uniram até mesmo em uma greve geral, nas duas primeiras semanas de maio de 2006, para protestar contra a expulsão de uma empresa brasileira na fronteira. O fechamento incorreu na demissão de aproximadamente mil trabalhadores bolivianos.

A empresa está instalada a menos de 50 quilômetros da fronteira entre os dois países, faixa na qual os cidadãos de nações contíguas não podem possuir propriedades, segundo a Constituição boliviana. No Estado de Santa Cruz, meios de transporte, órgãos públicos e privados fecharam as portas em protesto. No Brasil, pesquisadores que deram parecer contrário aos investimentos foram duramente atacados pela mídia local. A população brasileira apoiou, mas não aderiu à greve.

Tendo como um dos principais problemas sociais o desemprego, em Puerto Quijarro a população fecha as ruas e cobra pedágio aleatoriamente. Ao atravessar a fronteira e num trajeto de cerca de dois quilômetros encontramos dois pedágios. O valor é de R\$ 1,00, no entanto, cada motorista pode pagar o que quiser. Um cartaz em português ao lado das cadeiras colocadas estrategicamente na rua diz: “Não temos emprego, não temos perspectivas de conseguir. Ajude nossa família a não passar fome”. Em caso de não pagamento a comunidade deixa o carro passar pela primeira vez. Caso as visitas sejam constantes, corre-se o risco do carro ser riscado ou apedrejado.

Como dissemos, viver em um local constantemente permeado pelo âmbito internacional faz com que a população conheça regras pertinentes aos dois países e, muitas delas, verificadas apenas nesta parte do território. Por exemplo, pela legislação

de trânsito brasileira, os motoristas devem andar com cinto de segurança e os condutores de moto devem usar capacete. Já em Puerto Quijarro o uso de cinto de segurança é obrigatório, assim como é passível de multa o uso do capacete pelos motociclistas. Devido aos crimes de pistolagem e do narcotráfico os motoqueiros são impedidos de circular com capacete. Esses alertas são sempre feitos pela FM Melodia. “Em Quijarro tudo é desordenado, mas se você burlar uma lei ou então bater o carro por aqui, além de muita dor de cabeça, o problema só será resolvido após muita negociação monetária”, explica a locutora Ivelyn Santos.

O trânsito de automóveis brasileiros cruzando a fronteira é destinado prioritariamente para compras na zona franca de Porto Aguirre. As viagens interestaduais são raras, devido à inexistência de estradas. Os meios de transportes mais acessíveis para o deslocamento no município são o trem e o avião. A diferença de línguas também não representa, necessariamente, um entrave entre as duas comunidades. Prova disso são as transmissões bilíngües. Identificamos, entretanto, que apesar de os locutores bolivianos transmitirem nos dois idiomas, os brasileiros o fazem apenas em português. “Entendo tudo o que eles falam, mas não sei falar. Ia me expressar em um portunhol de dar vergonha”, avalia a locutora Ivelyn Santos.

O português é também mais usual aos bolivianos do que o espanhol para os brasileiros. Isso porque várias crianças de Puerto Quijarro e Puerto Soarez estudam em escolas de Corumbá. Já os brasileiros que residem na Bolívia continuam a utilizar a rede de ensino brasileira. Segundo dados do Comitê Cívico boliviano, estima-se que hoje existam cerca de 250 terrenos ocupados ilegalmente por famílias brasileiras na faixa de menos de 50 quilômetros da fronteira em Quijarro.

Com relação à religião, a Igreja Universal do Reino de Deus, inicialmente instalada no município de Corumbá, conseguiu arrebanhar maior número de fiéis no lado boliviano. Atualmente, o chamado Ministério Fronteiriço fica localizado no Brasil, mas a atuação forte dos dirigentes com relação à formação de novos pastores e a construção de igrejas é mais evidenciada na cidade de Puerto Quijarro.

Para a análise das contribuições no reforço e na consolidação do eu fronteiriço, através da mídia radiofônica local reiteramos que vários outros itens poderiam ser selecionados para análise. No entanto, de acordo com os princípios da

hermenêutica, onde a interpretação pode se tornar infinita e conflitiva, entendemos que a averiguação da fronteira na categorização de três variáveis – negociação, tensão e nós da região – permitiu dar conta dos questionamentos propostos na tese. Outras questões podem ser consideradas para estudos futuros.

O desenvolvimento da tese possibilitou uma discussão a respeito do fazer jornalístico na região e, como contribuição futura, podemos indicar a produção de um programa, no qual os locutores de ambos os países possam exercitar a dinâmica da binacionalidade. Acreditamos que a própria retomada do termo para discussão acalentou uma possibilidade real do desenvolvimento de um projeto jornalístico conjunto. Até então, a binacionalidade era pensada apenas como um suporte para atender as duas comunidades e não como uma forma de integração e de diferenciação dos produtos jornalísticos locais.

Os questionamentos feitos sobre a produção das notícias, assim como os fatores organizacionais e empresariais que interferem neste processo, foram desenvolvidos a partir da pesquisa de campo. No entanto, em nosso entendimento fica explícito que as deturpações ocorrem mais por um desconhecimento das práticas jornalísticas do que por uma apropriação indevida sobre as normas e procedimentos do fazer jornalístico. O contato com os empresários do setor e com os locutores contribuiu na reflexão sobre jornalismo de proximidade e prestação de serviço.

Após definirem o que era prestação de serviço, os locutores questionavam a pesquisadora sobre essas definições. Para estudos futuros, julgamos ser essa percepção importante, pois demonstra como a academia pode contribuir de forma relevante na devolução de conhecimento para o mercado de trabalho. A partir do estudo exploratório, identificamos que nas emissoras da fronteira todos falam sobre a integração entre as comunidades. No entanto, a mensuração e a verificação dos discursos das comunidades nas transmissões radiofônicas não eram evidenciadas.

Essa reflexão de todos os agentes envolvidos na pesquisa gerou frutos que podem servir para a continuidade de outros trabalhos acadêmicos. A falta de acesso à formação e capacitação profissional é fator problemático na fronteira sul-mato-grossense. Nos municípios analisados as universidades existentes não oferecem curso de Comunicação; a faculdade mais próxima é a de Publicidade e Propaganda há 150

quilômetros de Ponta Porã. Para os corumbaenses o acesso a essas habilitações se faz somente nas universidades da Capital, distantes 450 quilômetros de Corumbá. Assim, durante o desenvolvimento da pesquisa, foram unânimes os pedidos por cursos de graduação e/ou de capacitação de locutores e repórteres.

Existe um claro interesse por parte dos empresários da comunicação e dos locutores direcionado a uma discussão sobre as práticas jornalísticas empregadas na região da fronteira. Alguns proprietários de rádio, inclusive, pretenderam vincular o repasse de dados a esta pesquisa, ao compromisso da realização de um seminário sobre as rádios de fronteira em Mato Grosso do Sul. O assunto despertou interesse, pois para eles, jamais se cogitou que o fazer jornalístico poderia vir a constituir um objeto de estudo.

Durante a coleta de dados, o trabalho jornalístico desenvolvido para as comunidades fronteiriças também foi avaliado. Os locutores falavam muito em integração, mas começaram a refletir sobre a fala e os comentários que teciam ao longo das veiculações, quando começamos a discutir os conteúdos com os profissionais. Para eles, a fala era sempre de negociação, conciliação ou integração. A partir dos conteúdos selecionados verificaram que a dimensão em que eram trabalhadas as questões dependia da forma como os problemas afetavam a vida da população fronteiriça como um todo ou isoladamente os brasileiros, paraguaios e bolivianos.

Verificamos que nos espaços selecionados a idéia de intercâmbio é uma realidade. O espírito de integração, próprio do homem fronteiriço e presente nas práticas sociais através de laços familiares e de amizade são reproduzidos também pela mídia radiofônica, demonstrando que os programas emitidos pelas rádios binacionais passam a compor a vida cotidiana das comunidades. Essa composição, além da cobertura jornalística que tem na região fronteiriça um espaço uno, é verificada ainda na contratação de profissionais de ambos os países para fazerem à locução dos programas.

Assim, constatamos que a produção de notícias no âmbito regional é importante e deve ser estimulada uma vez que, para a comunidade local, o espírito integracionista é constantemente acionado até mesmo por uma questão de

sobrevivência. A idéia de unificação é cada vez mais reforçada pelos laços familiares e práticas sociais que ocorrem em ambas as comunidades. Observamos que a menção da fronteira nas emissões radiofônicas faz com que situações de negociação, tensão, integração, separação, sejam discutidas e avaliadas sob a perspectiva dos cidadãos fronteiriços. Assim, através da mídia local, podemos verificar uma valorização dos assuntos pertinentes à população fronteiriça, minimizando os aspectos negativos da incidência das repercussões geradas pela mídia regional ou nacional. Quando o lugar onde as comunidades fronteiriças habitam são frequentemente retratados como fim do mundo, terra do crime, lugar de ninguém, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALIBAR, Étienne. "Identité culturelle, identité nationale" in Quaderni. La revue de la communication no. 22. Paris, AZ Presse, 1994. p. 53-65.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BARBERO, Jesús Martín. La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular. *Revista Estudios sobre las culturas contemporâneas*, 1987, nº 03, p. 42-43.

BAUER, Martin, GASKELL, George, ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. BAUER, Martin, GASKELL, George (Org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático*. São Paulo: Vozes, 2002.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas. In: *Revista de Escola de Comunicação Culturais*. São Paulo: USP, vol. 1, nº 1, 1968.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global – la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997.

BORELLI, Silvia Helena. Gêneros ficcionais: materialidade, cotidiano e polêmica. In: SOUSA, Mauro Wilton de. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular – leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CANCLINI, Nestor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Nestor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAMPONEZ, Carlos. *Jornalismo de proximidade*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CENTENO, C. *Os imigrantes paraguaios*. Texto cedido pela autora, 2001

CERTEAU, Michel. *A cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e identidade nacional. MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

COLLIER, Mary Jane. *Cultural identity and intercultural communication*, in Samovar, Larry A. e Porter, Richard E.. *Intercultural communication: a reader*. Belmont (Estados Unidos): Wadsworth, 1997, p. 39-40

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira – o Sul de Mato Grosso 1870-1920*. Campo Grande: UCDB, 1999.

CORREIA, João. “O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público”, in Nelson Traquina (org.), *Revista de Comunicação e Linguagens*, no 27 (Jornalismo 2000), Lisboa, Relógio d’Água, 2000, p.208.

FADUL, Anamaria. *Cultura e Fronteiras Comunicacionais no Mercosul*. São Paulo, ECA/USP. Paper apresentado na Universidade McGill, Canadá e Instituto e Estudos Transnacionais (México) em Montreal, 21-26 fevereiro, 1995.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. “*Alô Pantanal – Estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais no município de Corumbá/MS*”. São Bernardo do Campo: Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

GUEDES, Olga. Os estrudos de recepção, etnografia e globalização. In: RUBIM, Antônio Albino, BENTZ, Ione Maria, PINTO, Milton José. *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony (1991) *As Consequências da Modernidade*. SP: Ed.Unesp.

GRIMSON, Alejandro. El puente que separó dos orillas: notas para una crítica del esencialismo de la hermandad. In: GONZALES, J. A.; GRIMSON, Alejandro (comp.). *Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro*. Buenos Aires: Ciccus-La Crujía, 2000. pp. 201-231.

GROSSBERG, Lawrence (1989) The Circulation of Cultural Studies. *Critical Studies in Mass Communication*, vol.6, n.4, pp. 413-20.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Universitário, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&Z, 1998.

HALL, Stuart. (1992) The Question of Cultural Identity, In: Stuart Hall, David Held e Tony

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: 5.ed. DP&A, 2001.

HAMELINK, Cees. *Cultural autonomy in global communications*. New York: Longman, 1983 – tradução argentina: *Hacia una autonomía cultural en las comunicaciones mundiales*. Buenos Aires: Paulinas, 1985, p. 18 e 76

HOBSBAWN, Eric. (1990), *Nações e nacionalismo desde 1780*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

IANNI, Octavio. *Labirinto Latino Americano*. São Paulo: Vozes, 1997.

IANNI, Octavio. Nacionalismo, regionalismo e globalismo. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. São Paulo: Educ, 1999.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 abril.2005.

KIDDER, L.; JUDD, C.M. *Research methods in social relations* (5ed.). News York: Holt, 1986.

KUNH, Fernando. *O rádio na Internet: rumo à quarta mídia*. Dissertação de mestrado em Multimeios. Campinas, Unicamp, 2000.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LOPEZ GARCIA, Xosé. Médios locais do futuro e com futuro. In: LEDO ANDION, Margarita; KUNSCH, Margarida. (Orgs.). *Comunicacion audiovisual: investigación e formación universitarias*. II Colóquio Brasil-Estado Espanhol de ciências da Comunicación. Santiago de Compostela: Univ. de Santiago de Compostela/Intercom, 1999.

MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e Nações*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINO, Luiz. Globalização e cultura de massa. PRADO, José Luiz Aidar,

SOVIK, Liv (Orgs.) *Lugar global e lugar nenhum*. São Paulo: Hachters Editores, 2001.

MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO E SILVA, José. *Fronteiras guaranis – a trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai* (2ed.). Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de MS, 2003.

MONTEIRO, Ierecê Barbosa. *Favor transmitir ao destinatário – uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio em Transição – tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MORIN, Edgar. *Cultura e Massa no século XX e o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

MULLER, Karla. *Mídia e fronteira*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2003.
Nogueira, O. *Pesquisa social - introdução às suas técnicas*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. *Um outro território*. 2.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
ORTIZ, Renato. *Cultura e sociedade global*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ORTRIWANO, Gisela. *A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PADRÓS, Enrique Serra. “Fronteiras e Integração Fronteira: Elementos para uma abordagem conceitual”. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 1/2, jan-fev. Porto Alegre, 1994.

PERUZZO, Cicilia. *Mídia local, uma mídia de proximidade*. Revista Comunicação : Veredas, nº 02, novembro, Marília, 1993

PERUZZO, Cicilia. *Mídia local, uma mídia de proximidade*. Comunicação: Veredas. São Paulo: Editora Unimar, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

PLATT, J. Case study in American methodological thought. New York: Current Sociology, 1992.

RADAATZ, Vera Lucia Spacil. *O rádio de fronteira e o Mercosul*. São Bernardo do Campo: Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al.). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBERTSON, Roland. *Globalisation or glocalisation?*. The Journal of International Communication, v 1(1). Sidney, junho de 1995, p. 33-52.

RODRIGUES, Adriano D. *O campo dos media: discursividade, narratividade, máquina*. Lisboa: Vega, [s/d].

RODRIGUES, Adriano. Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência. PRADO, José Luiz Aidar, SOVIK, Liv (Orgs.) *Lugar global e lugar nenhum*. São Paulo: Hachters Editores, 2001

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: *JORNALISMO: QUESTÕES TEORIAS E <<ESTÓRIAS>>*. Org. de Nelson Traquina. Alto dos Moinhos: Veja, 1993. p. 27-33 .

RODRIGUEZ, Fernando Vasquez. Amigos invisibles... *Signo e Pensamiento Radiografías*. [s.l.]Pontificia Universidad Javeriana, nº 33, p. 21-26, nov., 1998.

RUBIM, Antônio A. Canelas (org.). *Idade média*. Salvador: EDUFBA, 1995.

SEMPRINI, Andrea. Multiculturalismo. São Paulo: Educs, 1999.

STEPHENS, Mitchell. *História das Comunicações – do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

STRAUBHAAR, Joseph D. *O declínio da influência americana na televisão brasileira*. Comunicação e Sociedade, ano V, nº 9. São Bernardo do Campo, junho de 1983.

SREBERNY-MOHAMMADI, Annabelle. *The global and the local in international communications*, in Curran, James; Gurevitch, Michael (eds). *Mass media and society*. London: Arnold, 1996, p. 177-203.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as 'teorias' do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa – Portugal: Quimera Editores, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Vol. 1 - Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular, 2005, 2ª edição.

TEIXEIRA, Carlos Gomes. *A história do mercado e suas instituições*. Revista ciência hoje, SBPC, vol.26, nº151, 1999.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. São Paulo: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TORRECILHA, Ana Lúcia. *A fronteira, as cidades e a linha*. Campo Grande: Editora da Uniderp, 2004.

TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

VASSALO LOPES, Maria Immacolata. Recepção dos meios, classes, poder e estrutura. *Comunicação & Sociedade – Inter-relações*. São Bernardo do Campo, nº 23, jun de 1995.

YIN, Robert K. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. São Paulo: Artmed Editora, 2001.

WEINGARTNER, A. dos S. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

WILBY, Pete; CONROY, Andy. *The radio handbook*. London: Routledge, 1994.

Outras fontes de pesquisa

<http://www.bocc.ubi.pt>

<http://www.guiadaimprensa.com.br>

<http://www.amambayfm.com.br>

<http://www.radiobelavista.com.br>

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 01 – Histórico da fronteira de Mato Grosso do Sul

**Anexo 02 – Programação das emissoras de rádio na fronteira Ponta
Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro**

Anexo 03 – Tabelas com a caracterização do conteúdos